



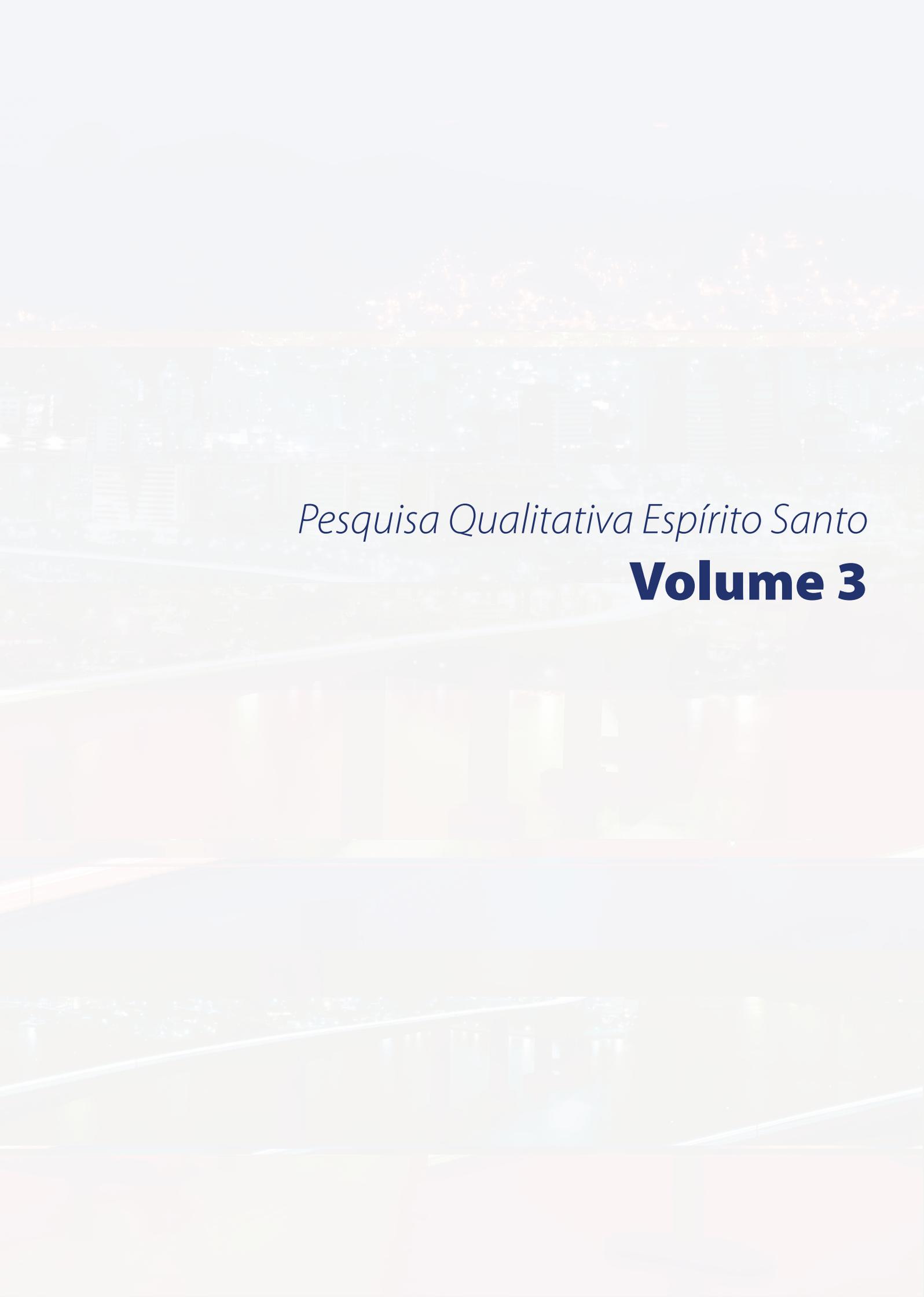
Pesquisa Qualitativa Espírito Santo
Volume 3

Consultoria:



Realização:





Pesquisa Qualitativa Espírito Santo
Volume 3



FICHA CATALOGRÁFICA

Pesquisa Qualitativa Espírito Santo
DVF Consultoria, 2012.

1. Desenvolvimento Econômico – Espírito Santo (Estado).
 2. Desenvolvimento Social – Espírito Santo (Estado).
 3. Capital Humano.
 4. Capital Social.
 5. Pesquisa Qualitativa
- I. DVF Consultoria. II. Título.

VOLUME 1 Síntese do Plano

VOLUME 2 Atualização e Revisão dos Plano de Desenvolvimento do ES 2025

VOLUME 3 Pesquisa Qualitativa Espírito Santo

VOLUME 4 Condicionantes Exógenas e Endógenas

VOLUME 5 Inventário dos Indicadores dos Eixos Estratégicos

VOLUME 6 Análises Comparativas

VOLUME 7 Avaliação Estratégica

VOLUME 8 Cenários Prospectivos para o Estado do Espírito Santo 2030

VOLUME 9 Visão de Futuro

VOLUME 10 Coletânea de Propostas

VOLUME 11 Governança, Comunicação e Monitoramento do Plano ES 2030

VOLUME 12 Nota Técnica: Cadeia de Petróleo e seus Desafios

VOLUME 13 Nota Técnica: Inserção Competitiva e as Cadeias Produtivas do Espírito Santo

VOLUME 14 Nota Técnica: Grandes Questões Regionais

VOLUME 15 Nota Técnica: Dinâmica Demográfica e Mobilidade Social no Espírito Santo

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Renato Casagrande
Governador do Estado

Robson Leite
Secretário de Estado de Economia e Planejamento

Guilherme Pereira
Presidente do Bandes

José Edil Benedito
Diretor-Presidente do Instituto Jones dos Santos Neves

ESPÍRITO SANTO EM AÇÃO

Luiz Wagner Chieppe
Presidente do Espírito Santo em Ação

Alexandre Nunes Theodoro
Coordenador do Projeto ES2030 – Espírito Santo em Ação

PETROBRAS

José Luiz Marcusso
Gerente-Geral da Unidade de Negócios da Petrobras no Espírito Santo

Guido Bassoli
Gerente de Planejamento da Petrobras no Espírito Santo

CONSULTORIA

Durval Vieira de Freitas
Sócio-Diretor da DVF Consultoria

Orlando Caliman
Sócio-Diretor da Futura

Sumário

APRESENTAÇÃO	15
METODOLOGIA	17
PARTE I - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DA PESQUISA	19
1 RESUMO EXECUTIVO	21
1.1 A análise conectada na história	23
1.2 Visão integrada do Espírito Santo	23
1.3 Na política: um Estado mais maduro	23
1.4 O sentimento de abandono: relações com o governo federal	24
1.5 A força das instituições e da gestão	24
1.6 Crescimento com desenvolvimento	24
1.7 Um paradoxo: força e fragilidade da economia exportadora	24
1.8 O gargalo da infraestrutura: a velha agenda	25
1.9 A nova agenda: ciência, tecnologia e inovação	25
1.10 Educação é a base de tudo	25
1.11 A saúde: solução e oportunidades	25
1.12 Segurança: um grande desafio	25
1.13 Mobilidade urbana: condição para o desenvolvimento das nossas cidades	26
1.14 Trabalha e confia: o vento a favor dos que planejam o seu futuro	26
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS PERCEPÇÕES E VISÕES DE FUTURO: ES 2025 X ES 2030	27
2.1 O contexto de 2005	29
2.2 O contexto de 2012	31
3 VISÃO DO PRESENTE	35
3.1 O Espírito Santo hoje e o cenário nacional	39
3.2 <i>Royalties</i> e Fundap: as ameaças do Espírito Santo hoje	40
4 VISÃO DE FUTURO	43
4.1 Educação	47
4.2 Saúde	48
4.3 Segurança pública	48
4.4 Infraestrutura	48
4.5 Exportação de alto valor agregado	49

Sumário

4.6 Instituições	50
4.7 Gestão	50
4.8 Crescimento econômico (investimentos, desenvolvimento e migração)	51
4.9 Ciência, tecnologia e qualidade	51
4.10 O litoral e o interior: discrepâncias	52
4.11 Agronegócio: a questão agrícola	53
4.12 Desenvolvimento cultural e o turismo	53
4.13 Meio ambiente	54

5 GRANDES TEMAS: NOVAS IDEIAS E PROJETOS **57**

5.1 Tecnologia	59
5.2 Meio ambiente	59
5.3 Infraestrutura: transportes	59
5.4 Turismo	60
5.5 Política	60
5.6 Saúde, educação e segurança	60

6 AVALIAÇÃO DO ES 2025 **63**

PARTE II - CONSOLIDAÇÃO DA PESQUISA QUALITATIVA 67

1 VISÃO DO PRESENTE **69**

1.1 O Espírito Santo hoje e o cenário nacional	71
1.2 <i>Royalties</i> e Fundap: as ameaças do Espírito Santo hoje	75

2 VISÃO DE FUTURO **79**

2.1 Educação	81
2.2 Saúde e segurança pública	83
2.3 Infraestrutura	84
2.4 Exportação de alto valor agregado	87
2.5 Instituições	87
2.6 Gestão	88
2.7 Crescimento econômico (investimentos, desenvolvimento e migração)	89
2.8 Ciência, tecnologia e qualidade	91
2.9 O litoral e o interior: discrepâncias	92
2.10 Agronegócio: a questão agrícola	94
2.11 Desenvolvimento cultural e o turismo	96
2.12 Meio ambiente	98

Sumário

3 GRANDES TEMAS: NOVAS IDEIAS E PROJETOS	101
3.1 Tecnologia	103
3.2 Meio ambiente	103
3.3 Infraestrutura: transportes	104
3.4 Turismo	106
3.5 Política	106
3.6 Saúde, educação e segurança	106
4 AVALIAÇÃO DO ES 2025	111
5 ANEXOS	117
5.1 Anexo 1 - Relação dos entrevistados	119
5.2 Anexo 2 - Tabela de discussão dos workshop	122

O único recurso capaz de transformar um deserto na terra de canaã é a confiança mútua das pessoas e a crença de todos no futuro que compartilharão.

Alain Peyrefitte

Apresentação

O **Volume 3 – Pesquisa Qualitativa** é um documento que resume os principais resultados da pesquisa qualitativa realizada pela Futura no segundo semestre de 2012. O objetivo é, por meio de estímulo à reflexão sobre passado, presente e perspectiva de desenvolvimento do Espírito Santo, levantar percepções, visões e subsídios para a construção de um projeto de futuro do Estado.

Assim nasce o ES 2030, que substitui o ES 2025, tendo em vista que o contexto socioeconômico mundial e nacional sofreu bastantes alterações na última década e o Espírito Santo já avançou de forma significativa nos últimos 10 anos, em praticamente todos os campos e dimensões da realidade. Portanto, o plano de desenvolvimento do Estado deve ser (re)pensado e atualizado.

Para facilitar a leitura e a compreensão dos resultados, o relatório foi dividido em duas partes. A primeira parte consiste na análise e na interpretação das entrevistas. Há também a contextualização pontual do momento socioeconômico em que foram realizadas as duas pesquisas, nos âmbitos estadual, nacional e mundial, para situar o leitor.

A segunda parte apresenta as entrevistas de maneira mais detalhada, por meio da transcrição de falas e de percepções mais significativas, que revelam com maior nitidez o pensamento social do contexto.

Metodologia

Antes de falar da metodologia utilizada no projeto, é importante frisar a forma de leitura desse relatório. Por se tratar de uma pesquisa de caráter qualitativo, as informações aqui estão dispostas de forma encadeada. Isso quer dizer que, mesmo divididas em grandes blocos, estas são interligadas. Assim, há assuntos que são discutidos em diversos pontos do relatório, sob enfoques variados.

Outro ponto importante e que deve ser salientado é que, em pesquisas de caráter qualitativo, nada é absoluto, e sim relativo e contextualizado, pois se trata de uma sistematização do pensamento de vários atores-chave que participaram da pesquisa e, por isso, as informações aqui contidas obedecem, invariavelmente, às perspectivas trazidas por esses atores.

Para fazer as análises necessárias ao projeto, foram realizadas 100 (cem) entrevistas em profundidade com atores-chave para o contexto socioeconômico e político do Espírito Santo. Foram considerados atores-chave aqueles que têm informações estratégicas para a pesquisa, seja por sua trajetória pessoal ou profissional, seja pelas informações acumuladas que têm. Podem ser gestores públicos, políticos, intelectuais, empresários, lideranças religiosas ou pesquisadores.

O procedimento metodológico passa por uma entrevista semiestruturada que procura extrair informações estratégicas dos entrevistados, realizada a partir de um roteiro previamente elaborado. A partir dessas entrevistas, tenta-se captar um cenário do Espírito Santo para os próximos 17 anos. Também foi solicitado que se fizesse uma análise do ES 2025, de forma que se pudesse comparar as duas realidades e observar a evolução desse contexto.

Assim, a estratégia foi retomar as questões colocadas na pesquisa realizada para o ES 2025. Foram mantidos os mesmos blocos de questões do roteiro, acrescentando-se apenas um bloco de avaliação do ES 2025. As entrevistas, quando autorizadas, foram gravadas em áudio. Feita a entrevista, o pesquisador elaborou um relatório em que forneceu todas as informações, que são preciosas na hora de se fazer a análise dos dados. Por isso, o pesquisador fez, ainda, uma leitura das reações dos entrevistados e analisou as percepções pessoais, uma vez que se entende que os discursos não estão isentos de emoções e interesses.

O propósito deste método é captar diferentes pontos de vista para que todos os elementos discutidos no roteiro da pesquisa sejam contemplados e analisados, expressando uma opinião coletiva. Desta forma, a partir das entrevistas, foi elaborada uma análise dos tópicos mais relevantes extraídos das falas dos entrevistados. A partir daí faz-se novamente uma leitura das entrevistas para extrair o conjunto dos discursos. Essas falas são confrontadas e elabora-se um relatório final que traduza todas as informações de forma sistemática.

Para facilitar a leitura e a compreensão das falas, dividimos todo o conteúdo das entrevistas em:

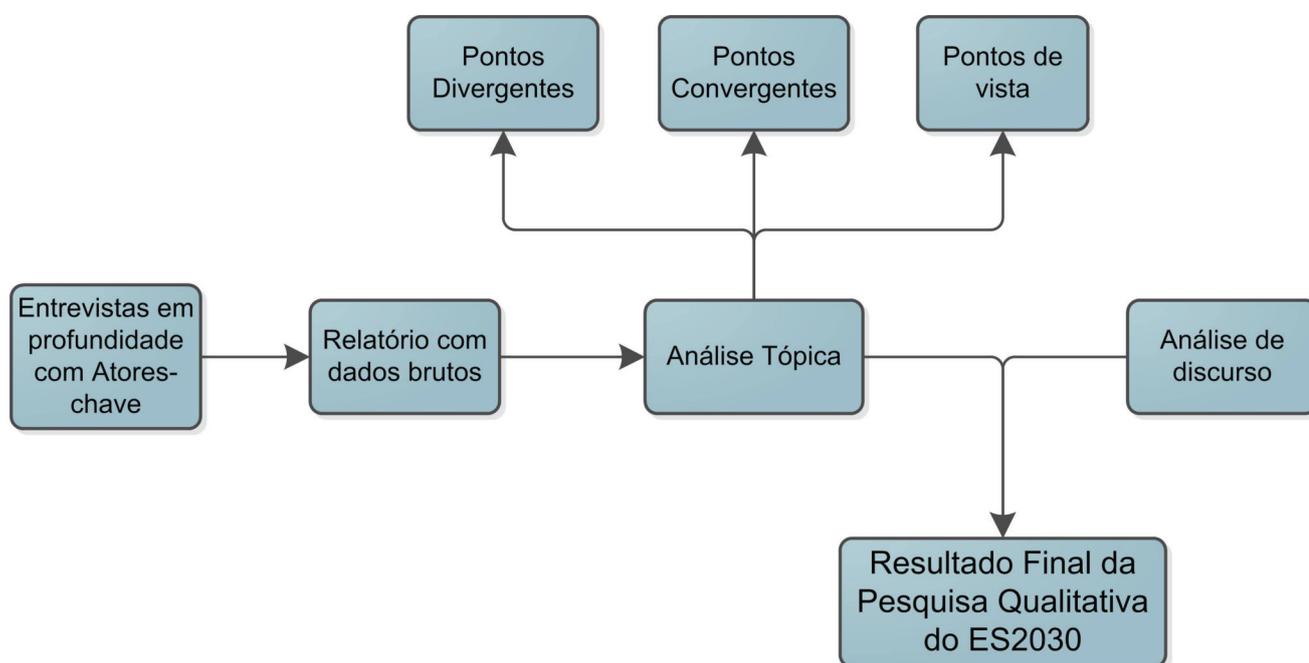
- 1) *Visão do presente*, em que os entrevistados fizeram análises do cenário atual do Espírito Santo;
- 2) *Visão do futuro*, que condensa a imagem que se projeta para o Estado;

3) *Grandes temas e novas ideias*, em que se alocou a informação de grandes temas que estão na pauta de discussão desses atores, bem como novas ideias relativas a esses temas.

4) *Avaliação do ES 2025*, em que estão contidas as análises do documento anterior.

A ideia do ES 2030 é de refazer o caminho de sucesso do ES 2025, acrescentar a ele informações novas e confrontá-las com as anteriores. Isso possibilitará a comparação da evolução das percepções, visões e proposições para o desenvolvimento do Estado em momentos distintos. Em outras palavras, a análise dos dois momentos das pesquisas proporciona uma reflexão mais aprofundada sobre o nosso Estado e cria um histórico desta análise para futuros estudos.

Abaixo, segue um fluxograma que resume a metodologia descrita.

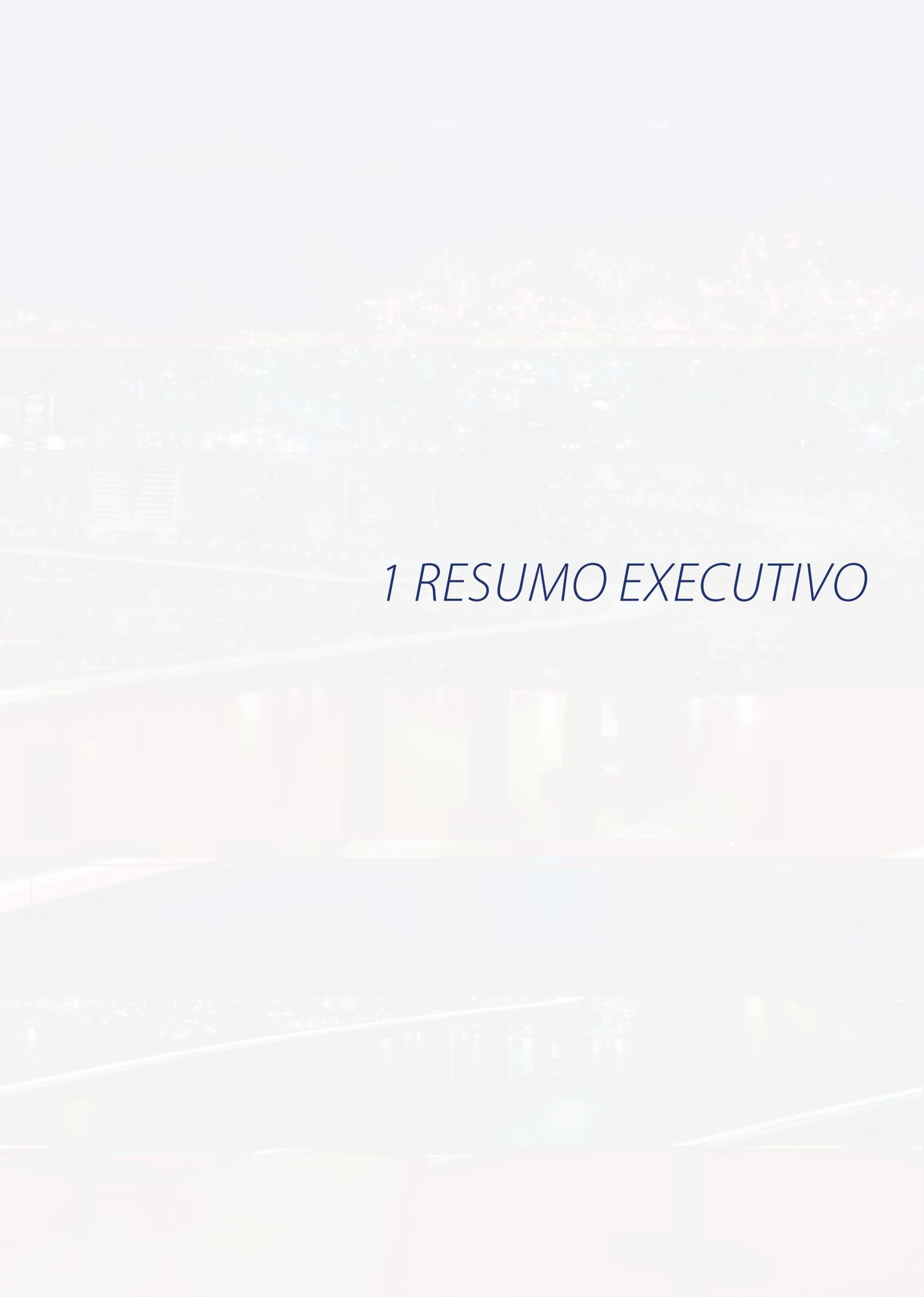




PARTE I

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DA PESQUISA



An aerial night view of a city with lights reflecting on water. The image is overlaid with a semi-transparent orange and white gradient. The text '1 RESUMO EXECUTIVO' is centered in the middle of the image.

1 RESUMO EXECUTIVO

1.1 A análise conectada na história

A maioria dos entrevistados expôs opiniões e percepções a partir de uma perspectiva histórica. Isso quer dizer que nas incursões sobre o futuro do Estado, que não deixa de ser um processo de abstração, a história serviu de referência enquanto base do aprendizado coletivo, permitindo comparações entre presente e passado.

Esse tipo de análise fundamenta-se em dois contextos distintos sobre o presente:

a. *O presente em relação ao passado:* por meio deste olhar, é possível notar que os entrevistados conseguem construir uma perspectiva bastante otimista sobre o Estado. Há o consenso quase que absoluto de que o Espírito Santo cresceu economicamente e amadureceu politicamente, tornando-se uma economia mais organizada, competitiva e globalizada.

b. *O presente em relação ao futuro:* aqui o horizonte contém, além da intangibilidade, as incertezas, razão pela qual o futuro se transforma numa construção idealizada, mesclando-se razão, desejos e esperanças. Nesta perspectiva, o Espírito Santo é visto no presente confrontando-se com grandes desafios, mas também suportado por grandes promessas. E o que emerge enquanto perspectiva comum é a visão de um Espírito Santo melhor, mais desenvolvido economicamente, mas, sobretudo, no aspecto humano.

Assim, toda a análise exposta neste relatório é construída a partir da superposição dessas duas perspectivas.

1.2 Visão integrada do Espírito Santo

É importante entender que estas análises não foram feitas por tema. O entrevistado tinha a liberdade de escolher os assuntos que julgava mais importante. Mesmo assim, todos os assuntos abordados pelos entrevistados se apresentaram encadeados, não havendo assunto que tenha sido tratado de maneira isolada. Isto é, política, sociedade, instituições, Estado, educação, saúde, desenvolvimento e outros temas foram tomados como elementos/dimensões constitutivas de um todo, apenas realçados enquanto partes para facilitação de análise e compreensão.

1.3 Na política: um Estado mais maduro

É no campo da política que foram detectados os grandes avanços. Até compreensíveis, tendo em vista a memória de anos de turbulência pelos quais passou o Espírito Santo nas décadas de noventa e primeiros anos da primeira década do século XXI. A avaliação é de que houve significativo amadurecimento nesse campo. Nesse aspecto, o governo Paulo Hartung é citado como um divisor de águas na política capixaba. Trouxe para o Estado a imagem de governo sério e competente, digno de receber investimentos e atenção do governo federal.

1.4 O sentimento de abandono: relações com o governo federal

No entanto, mesmo admitindo-se avanços com projeção positiva da imagem do Espírito Santo no contexto nacional, percebe-se um forte sentimento de abandono do Estado por parte do governo federal. Fato que interfere fortemente na sua capacidade de resolver problemas de natureza estrutural, principalmente vinculados a investimentos em infraestrutura: portos, aeroportos, ferrovias e rodovias.

1.5 A força das instituições e da gestão

Há uma avaliação positiva da gestão pública e das instituições, que hoje se encontram mais bem articuladas, com capacidade de minimamente criar projetos em parceria, tanto entre Estado e municípios quanto do poder público com as instituições privadas.

1.6 Crescimento com desenvolvimento

O crescimento é visto como indissociável do desenvolvimento e sua condição determinante. Nesse aspecto, a avaliação é de que o Espírito Santo distingue-se no cenário nacional, apresentado índices de crescimento econômico acima da média brasileira, mas também avanços significativos no campo social, como redução da pobreza e da desigualdade, e geração de postos de trabalho. Mas entende-se que se deva avançar e ousar, transformando a economia em mais competitiva, diferenciada e inclusiva socialmente, aportando para tanto novos conhecimentos, tecnologia e capacidade de inovação.

1.7 Um paradoxo: força e fragilidade da economia exportadora

A economia estadual é vista e percebida como fortemente centrada em atividades industriais de exportação e forte dependência da dinâmica da economia global, em especial da China.

No entanto, essa economia de exportação operada em larga escala por meio da predominância da produção de *commodities* é vista também como fragilidade. De um lado, pela dependência da dinâmica local estar concentrada em poucos produtos; de outro, pelas limitações em termos de capacidade de agregação local de valor.

Essa fragilidade é ainda mais sentida na medida em que o Espírito Santo se vê ameaçado por medidas de natureza tributária com tendência de reduzir suas fontes de geração de receita, caso do Fundap. Movimento que expõe a dificuldade de a economia capixaba colocar-se de forma competitiva também no mercado interno.

Isso, segundo a maioria dos entrevistados, evidencia a necessidade de promoção de políticas de incentivos voltadas a diversificação econômica, desenvolvimento tecnológico e de capacidade de inovação, com ênfase no desenvolvimento mais equilibrado entre as regiões.

1.8 O gargalo da infraestrutura: a velha agenda

Tantos nas suas relações com o mercado externo, como também com o mercado interno, a economia capixaba, segundo a percepção da maioria dos entrevistados, defronta-se com um grande obstáculo: a inadequação de sua infraestrutura, vista como insuficiente para dar suporte ao volume de negócios atual e em potencial. Trata-se da velha agenda de investimento, que inclui aeroporto, sistema portuário, sistema ferroviário, sistema rodoviário, BR-101 e BR-262.

1.9 A nova agenda: ciência, tecnologia e inovação

O diferencial no futuro passa por ciência, tecnologia e inovação. Infraestrutura é condição necessária, mas não suficiente para dar suporte ao desenvolvimento. Os entrevistados entendem que devem ocorrer pesados investimentos em ciência e tecnologia e na capacidade de inovação. É o caminho para o Espírito Santo tornar-se diferenciado e competitivo, nacional e internacionalmente.

Neste aspecto, a educação é colocada na condição de dimensão de maior poder de mudança. A educação é pensada como a base de todo o contexto de construção da visão de futuro capixaba. Para que isso ocorra, é necessário, no entanto, que haja alinhamento entre ensino, pesquisa e extensão às novas necessidades e demandas da sociedade e do mercado.

1.10 Educação é a base de tudo

A educação é a questão mais importante na perspectiva de grande parte dos entrevistados. Ela é vista como o fundamento para a construção de uma sociedade capixaba econômica e socialmente mais rica, mais igualitária, justa e competitiva. É fator de influência decisiva na diminuição da desigualdade social, no desenvolvimento da economia, na qualificação para o mercado de trabalho, no desenvolvimento de tecnologias e na capacidade de inovação.

A educação também é vista, ainda, como o caminho para atingir qualidade de vida, pois está diretamente relacionada com as questões de saúde, segurança e sustentabilidade do meio ambiente.

1.11 A saúde: solução e oportunidades

A saúde, segundo a maioria dos entrevistados, não deve ser tratada apenas com investimentos físicos, mas, sobretudo, por meio da melhoria dos serviços prestados, da qualificação profissional e da agregação de novas tecnologias, conhecimentos e capacidade de inovação. Nesse aspecto, a educação também é colocada como fundamental enquanto condicionante e também como parte da solução dos problemas existentes atualmente.

1.12 Segurança: um grande desafio

O problema da segurança não só compromete hoje a qualidade de vida do capixaba como também se coloca como problema social. Foram bastante citadas pelos entrevistados questões de criminalidade, de consumo de drogas – o crack é bastante citado – e do tráfico. Atualmente, ela afeta o próprio funcionamento dos negócios. É um desafio a ser enfrentado por toda a sociedade.

1.13 Mobilidade urbana: condição para o desenvolvimento das nossas cidades

A infraestrutura urbana apresenta-se também como um assunto bastante abordado. Os entrevistados mencionam a necessidade de investimento na mobilidade, assunto que entendem como demanda primordial das cidades capixabas. É também visto como fator condicionante e determinante da competitividade.

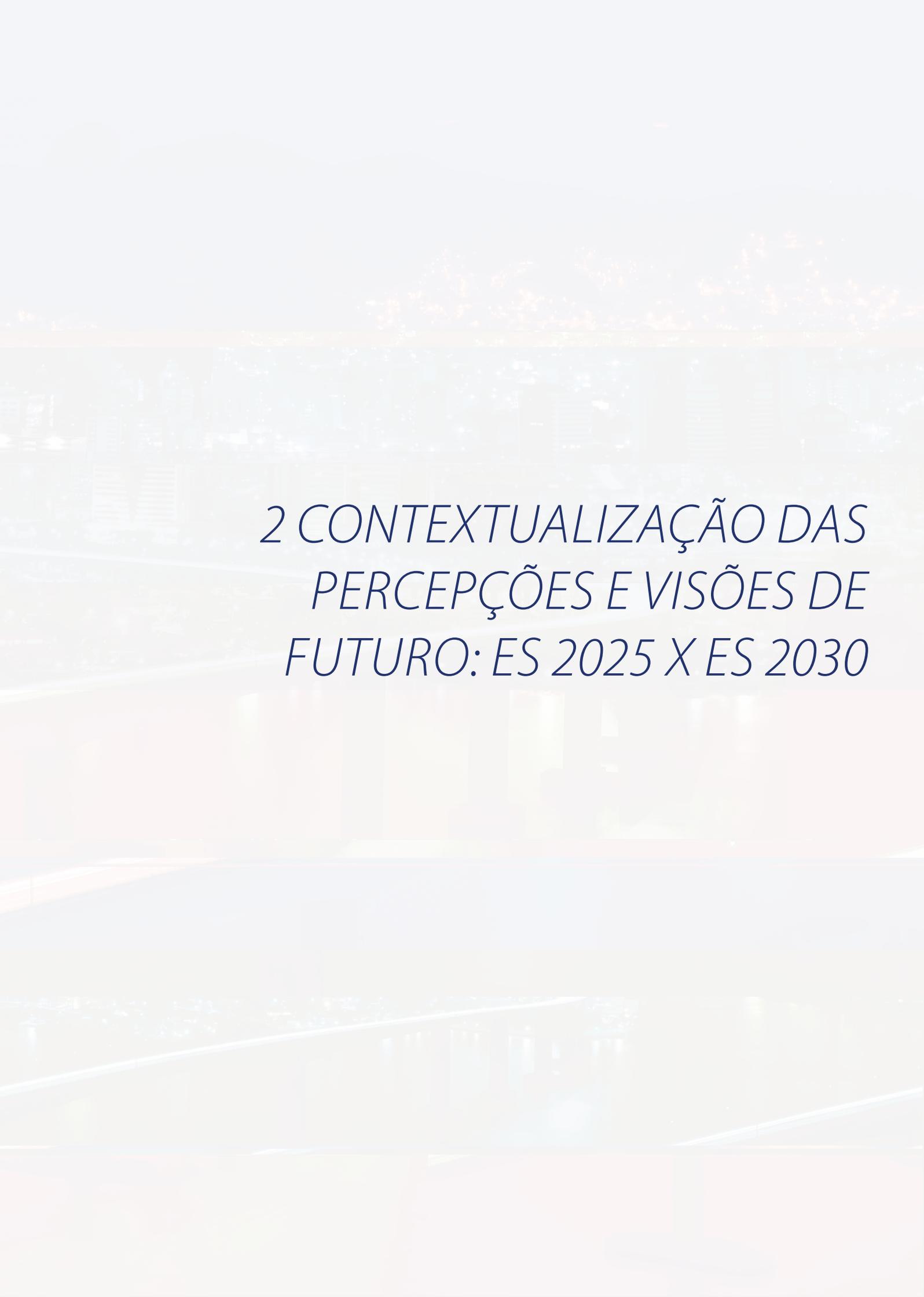
1.14 Trabalha e confia: o vento a favor dos que planejam o seu futuro

Lewis Carroll descreve em seu livro “Alice no País das Maravilhas” uma conversa entre Alice e o gato. Perdida, a menina pergunta ao gato que caminho ela deve tomar. O gato prontamente responde: “tudo depende do lugar aonde você quer chegar”. Alice responde que pode ser qualquer lugar e o gato retruca: “então não importa que caminho você vá tomar”.

A sabedoria contida nesta frase do gato é de que sem uma meta, não se caminha, não se chega a lugar algum. Planejar o futuro é fundamental para traçar caminhos de sucesso. E é isso que se busca neste exercício de pensar o amanhã do Espírito Santo.

Fechando esse resumo, é preciso pontuar que os entrevistados demonstram um sentimento de esperança no futuro do Estado, mas com o olhar para o lado humano.

Em resumo, o sentimento predominante é de que o futuro apresenta-se como promissor economicamente, que virá com mais qualidade de vida para a população e que, para isso, contará com um Estado mais seguro, com educação de qualidade, sistema de saúde satisfatório, sem pobreza, e também um Estado mais igualitário regionalmente, mais desenvolvido tecnologicamente e mais sustentável ambientalmente.



*2 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS
PERCEPÇÕES E VISÕES DE
FUTURO: ES 2025 X ES 2030*

O mundo, o Brasil e o Espírito Santo de hoje mostram-se diversos sob vários aspectos do que foram em 2005. Em 2005, surfava-se nas ondas de um ciclo longo de crescimento global, sob as “lufadas” de fortes ventos que impulsionavam as economias emergentes, tendo a China na liderança. Também as economias desenvolvidas se sentiam inebriadas pelo “brilho” do crescimento, tanto que lhes ofuscavam as potenciais fissuras que prenunciavam, não muito longe, uma grande crise. O Brasil e talvez até mais o Espírito Santo viram-se confortavelmente como parte de todo esse processo global de otimismo.

Especificamente no Espírito Santo, em 2005, era percebido e também sentido um ambiente de confiança político e institucional, condição desejada depois de longos anos de desacertos e desatinos. Retomava-se o papel de liderança do executivo estadual e com ela o saneamento das finanças públicas e a prática de uma gestão calçada no planejamento com visão de longo prazo, mas com forte presença de ações no presente.

O relatório da pesquisa qualitativa feita em 2005 pela Macroplan retrata exatamente as posições, opiniões e visões das pessoas entrevistadas dentro desses contextos.

Os resultados que agora são apresentados não fogem das influências dos contextos que os cercam. Certamente são diminutas as apreensões em relação à estabilidade político-institucional. Diferentemente do que ocorreu em 2005, quando ainda não se viam banidas as fontes das mazelas do passado. Os desafios, no entanto, não são tão destoantes nos dois momentos, até porque está mantida boa parte dos obstáculos assinalados no ES 2025, principalmente aqueles relacionados à infraestrutura e à logística. Em vários campos os avanços podem ser considerados notórios.

Em 2012 o mundo está em plena crise, cujo desfecho os olhares do presente ainda não conseguem alcançar. Esta é, infelizmente, uma certeza que tem forte potencial de influência na economia brasileira e capixaba. Em contrapartida, o momento do ponto de vista institucional e político apresenta-se mais firme. Além disso, do ponto de vista da economia, vislumbra-se um horizonte de crescimento praticamente assegurado, principalmente pela força dos investimentos no segmento de gás e petróleo.

A seguir são apresentados resumos dos dois contextos nos quais foram realizadas as pesquisas qualitativas.

2.1 O contexto de 2005

2.1.1 O Mundo

- Não havia quem apostasse na eventualidade de uma crise em escala global, como viria a acontecer a partir de 2007 com o estouro da bolha imobiliária americana e a quebra do banco Lehman Brothers. Ao contrário: o mundo mantinha-se na trajetória de um longo ciclo de crescimento.
- A economia mundial crescia à taxa média de 4,6%, sinalizando para um crescimento ainda maior nos anos seguintes, fato que se configuraria como verdade, pois em 2007 a taxa média atingiu 5,4%.

- O fenômeno novo nesse grande ciclo de crescimento global que vinha desde a década de noventa do século anterior foi o surgimento das economias emergentes, entre essas a da China.
- A China apresentou taxa de crescimento de 11,3% em 2005, patamar mantido até o início da crise.
- As economias emergentes cresciam à taxa de 7,3% em 2005, atuando como fortes demandadoras de commodities, em especial a economia chinesa. Fenômeno que rebateria positivamente no Brasil e especificamente no Espírito Santo, exatamente por conta da capacidade de oferta de commodities.
- Nem mesmo a saída de Alan Greenspan do comando do Banco Central americano – o Federal Reserve –, o grande fiador do boom da economia americana e em grande parte também da economia mundial, provocou abalos no estado de confiança em relação ao futuro. Bem Bernanke o sucedeu sem descontinuidade.
- O fluxo de comércio internacional reforçava a tendência de polarização da economia mundial no continente asiático, com papéis preponderantes da China e da Índia, as “baleias asiáticas”.

2.1.2 O Brasil

- O risco país chega ao seu ponto mais baixo da história, com 304 pontos, sinalizando para o mundo que o País mudava, e para melhor.
- O desemprego cai, seguindo a tendência observada em anos anteriores, e chega a 7,3%.
- O real segue a sua trajetória de valorização, chegando ao topo do ranking das moedas mais valorizadas do mundo. Isso mostrava a saúde da economia brasileira e sua capacidade de atrair capitais externos.
- Em síntese, a economia brasileira surfava nas ondas do boom da economia mundial.

2.1.3 O Espírito Santo

- Reforçando a sua vocação histórica para o comércio exterior, a economia capixaba chega a exportar o equivalente a 5,6 bilhões de dólares, um recorde até então, e que seria batido em 2008, com o valor de 10 bilhões de dólares. Em 2002, o Espírito Santo exportou algo em torno de 2,6 bilhões de dólares.
- A economia mantinha seu ritmo acelerado de crescimento, com taxas médias anuais de variação do PIB acima das observadas para o País. Em 2005, a taxa de crescimento do PIB estadual chegou a 4,3%, ante 3,2% para o Brasil. As expectativas naquele momento eram de continuidade de crescimento da economia estadual, o que foi confirmado em 2007, com a taxa anual de 7,7%, ante 4% para o Brasil.

- A economia capixaba revelava-se também muito sensível e, de certa forma, dependente da dinâmica da economia mundial, pelo alto peso das *commodities* na formação do valor adicionado.
- O governo estadual havia dado conta do saneamento das suas finanças, que se encontravam em situação ruim em 2002. De uma geração líquida de caixa negativa de 30 milhões de reais em 2002, chegou-se ao valor positivo de 834 milhões em 2005; e chegaria em 2008 com 1,4 bilhões de saldo líquido.
- Isso permitiu à gestão pública estadual poder contar com razoável montante de recursos sob a forma de poupança, assegurando, assim, capacidade de investimento.
- A estabilidade política associada à estabilidade da economia e à perspectiva de se poder contar com capacidade de investimento em alta abre espaço para pensar e formular um projeto de futuro para o Espírito Santo. E assim nasce o ES 2025, um projeto de desenvolvimento com visão de longo prazo e calçado na obtenção de resultados para todos os capixabas.
- Não se vislumbraram ameaças na trajetória em curso.
- Não se tinha uma percepção clara do peso do gás e do petróleo para a economia do Estado: o pré-sal aparecia apenas no “radar”.

2.2 O contexto de 2012

2.2.1 O Mundo

- A crise já se alonga por quatro anos sem que se vislumbrem sinais claros de recuperação. E passa a ser o grande tema e também agenda para os próximos anos.
- A economia mundial tende a se manter em ritmo lento por alguns anos a frente, ficando a taxa média de crescimento no intervalo entre 2,5% e 3,2% ao ano.
- O nível global de confiança no futuro se apresenta bem pior do que em meados da década passada.
- As expectativas estão voltadas para três regiões de grande peso na economia internacional: A Ásia, com foco na China e Índia; a Europa e os Estados Unidos. As apostas que carregam sinais positivos envolvem a China e os Estados Unidos.
- Expectativas mais favoráveis também estão alicerçadas nas demais economias emergentes, entre elas a economia brasileira.
- O período é também de desaceleração dos fluxos internacionais de mercadorias.
- Paira o temor de uma crise mais profunda.

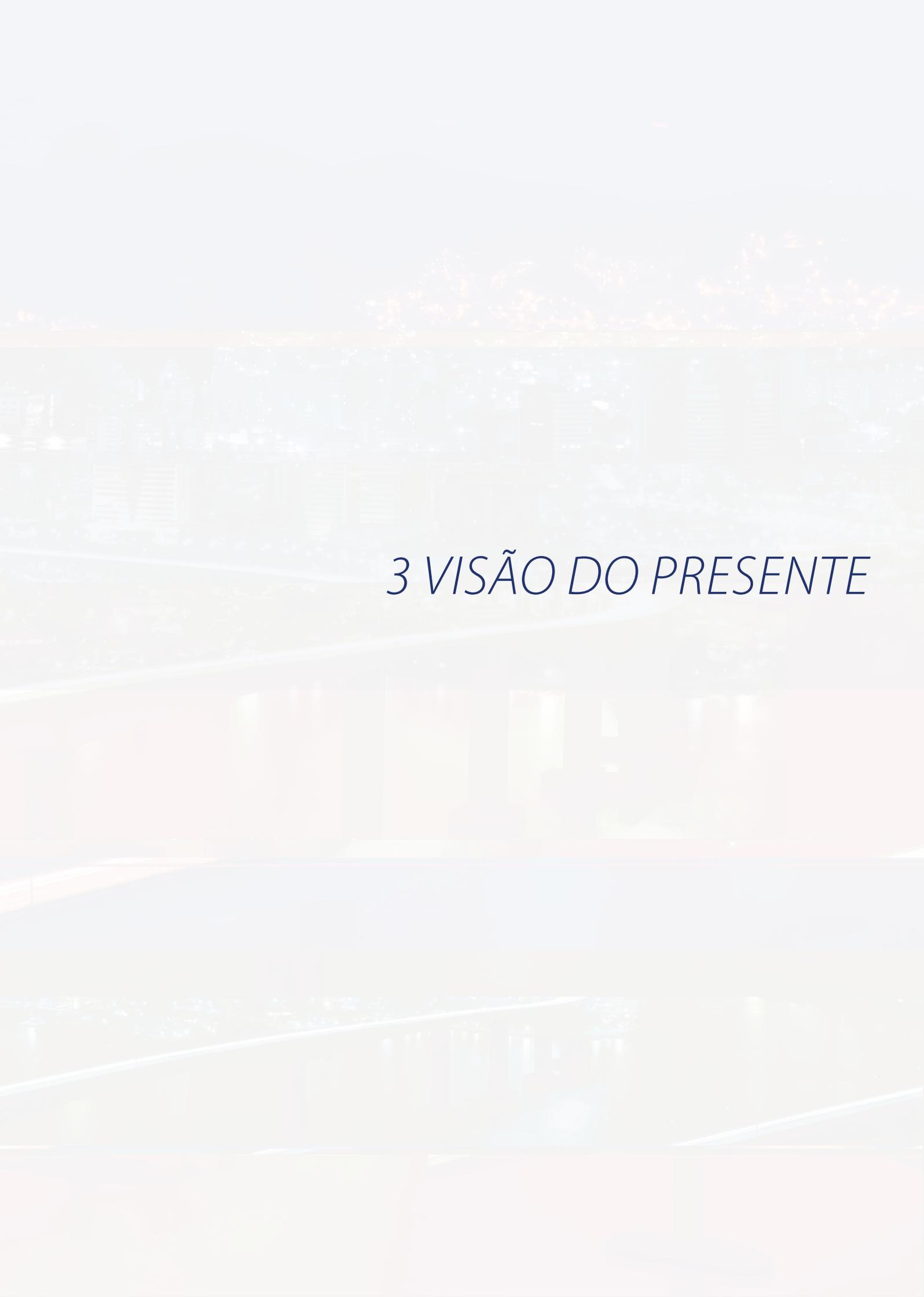
2.2.2 O Brasil

- A economia brasileira começa a sentir com maior intensidade os efeitos da crise internacional, especialmente no que se refere às exportações, com tendência de queda de preços e quantidades, principalmente de commodities, à exceção das *commodities* agrícolas.
- A estratégia do governo federal é de ativar o mercado interno como contraponto da crise externa. Para isso, intensificará suas políticas de incentivos à produção nacional e ao incremento dos investimentos privados e também públicos – sobretudo em infraestrutura.
- As expectativas apontam para uma reação da economia no próximo ano, refazendo-se do baixo desempenho em 2012. As estimativas de consenso apontam para uma taxa de crescimento no entorno de 4%.
- No entanto, não se percebe um estado de confiança ainda capaz de motivar de forma sustentada taxas de investimentos mais elevadas.
- Mesmo assim, as perspectivas para a economia brasileira se mostram mais promissoras do que para a economia internacional.
- Percebe-se um clima de expectativa e, ao mesmo, tempo de desejo que o governo federal acelere seus programas de investimentos, especialmente aqueles relacionados à infraestrutura – portos, aeroportos, rodovias e ferrovias.
- Essa expectativa talvez seja até mais sentida no Espírito Santo, pelo seu histórico de baixa performance dos investimentos federais no seu território. A pesquisa qualitativa demonstra isso.
- Além disso, é esperado que sejam acelerados os investimentos em setores como de gás e petróleo, e energia.
- Preocupa muito a perda relativa da competitividade do Brasil no cenário internacional.

2.2.3 O Espírito Santo

- O Espírito Santo vive hoje num contexto de ameaças que envolvem suas relações com a União e os demais Estados da federação. Além da perda de competitividade do Fundap, por conta da redução da alíquota interestadual, que baixou de 12% para 4%, paira a possibilidade de sofrer perdas de recursos dos *royalties* provenientes da exploração de gás e petróleo.
- Portanto, a grande ameaça e, ao mesmo tempo, o grande desafio está no campo das finanças públicas, ao contrário de 2005, quando as expectativas apontavam para melhoria da arrecadação geral e também do sistema Fundap, além dos *royalties*.

- Do lado da economia, o ambiente é visto como mais tranquilo, mesmo admitindo-se que a crise poderá bater fortemente nos setores exportadores de *commodities* e nas importações. E isso acontece porque são esperados grandes investimentos, principalmente no setor de gás e petróleo e em infraestrutura.
- São maiores as preocupações e as atenções em relação à competitividade sistêmica da economia capixaba, em especial pelo lado do componente infraestrutura portuária e de ligação com o resto do País.
- Do ponto de vista político e institucional, são percebidos avanços significativos em relação a 2005. O cenário é de tranquilidade e de confiança.
- O movimento é positivo em comparação ao passado, porém não sem preocupações em relação ao futuro.

An aerial night view of a city, likely Rio de Janeiro, with lights reflecting on the water. The image is overlaid with a semi-transparent orange and white grid pattern.

3 VISÃO DO PRESENTE

Para dominarmos o futuro é preciso estar com os pés firmemente plantados no presente.

Pierre Bourdieu

3.1 O Espírito Santo hoje e o cenário nacional

O Espírito Santo é um Estado que tem em sua história um forte sentimento de abandono e atraso. Como capitania, foi, durante quase três séculos, a barreira que dificultava o acesso às fontes de minerais e pedras preciosas do País.

Não obstante, na última metade do século XX, o Espírito Santo presenciou um salto em seu desenvolvimento, principalmente na esfera econômica, transformando-se de um grande produtor rural em um território industrializado.

Com uma infraestrutura baseada na produção e na comercialização de commodities, desenvolvida com forte apoio do Fundap, grande parte da economia capixaba está voltada para o comércio exterior.

Assim, em comparação com o passado, o Espírito Santo é visto hoje como um Estado promissor e de oportunidades, com bastante potencial de crescimento econômico¹.

O Estado vem crescendo acima da média nacional, sendo destaque no cenário econômico brasileiro, motivo de expectativas positivas para o futuro.

Há um consenso entre os entrevistados no que diz respeito ao fato de o Estado ter alavancado em vários aspectos na última década, principalmente em relação à economia. A chegada de novos empreendimentos e tecnologias é apontada como fator decisivo para o desenvolvimento do Estado. Entre os fatores que possibilitaram este desenvolvimento econômico está a posição geográfica, considerada estratégica para grandes empreendimentos, pois é um Estado que tem uma faixa litorânea considerável e está próximo dos grandes centros econômicos do País, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais. Isto, na opinião dos entrevistados, contribui não só para o desenvolvimento acelerado, como para uma notoriedade tanto no cenário nacional quanto internacional.

Outro ponto de convergência na fala dos entrevistados é de que o Estado se reestruturou e se planejou nos últimos anos. Está mais bem organizado no campo governamental e institucional. Há maturidade e estabilidade no campo político e isso se reflete nas instituições, no sentido de que elas dialogam melhor entre si e, com isso, há certo equilíbrio entre elas e o cenário econômico.

A administração de Paulo Hartung é apontada como um divisor de águas da política estadual. "Arrumando a casa", o governo conseguiu estabilizar o contexto político e isso refletiu positivamente na economia, pois atraiu novos e importantes investimentos para o Estado. Essa mudança no modelo de gestão pública e a eficiência da máquina administrativa do governo possibilitaram ao Espírito Santo uma nova posição e uma nova imagem no cenário nacional.

O petróleo e o pré-sal também foram ressaltados como fatores de impulso do desenvolvimento, pois atraíram investimentos diversificados para todo o Estado. São ainda aspectos novos da economia capixaba e sua situação está longe de ser resolvida, devido ao momento de discussão dos *royalties* junto ao governo federal. Ainda assim, há grande expectativa por parte dos entrevistados de que esses recursos fortaleçam ainda mais a economia do Estado e contribuam para que o mesmo continue a se desenvolver acima da média nacional.

¹ Neste bloco de avaliação do presente, é importante ressaltar que a visão da maioria dos entrevistados está baseada nas questões econômicas e, por isso, a análise está contida nessa esfera.

Não obstante, quando falamos da economia capixaba, há notoriedade acerca da desigualdade que persiste entre o volume de consumo do mercado interno – relativo à pequena população do Estado – em contraposição ao mercado externo, de proporções incomparáveis ao primeiro, devido ao caráter de sua exportação de *commodities* (minério, celulose, mármore, granito), voltada principalmente para mercados emergentes, como a China.

Os entrevistados reconhecem a importância das *commodities* para a economia e os grandes empreendimentos que elas trouxeram, porém ressaltam a necessidade de incentivo de diversificação da base econômica, com a criação de produtos que tenham maior valor agregado, de forma que o Espírito Santo não fique subjugado a uma economia de base exclusiva para exportação.

Assim, na avaliação dos entrevistados, mesmo que o Espírito Santo tenha dado esse salto no seu desenvolvimento econômico e consolidado sua base na indústria, ainda permanece vulnerável a problemáticas envolvendo o mercado externo.

Todos esses fatores contribuíram para que o Espírito Santo começasse a figurar no cenário nacional e pudesse ter mais voz nas instâncias federais. Isso reverbera na forma de uma agenda local positiva, pois traz a responsabilidade e o peso do Governo Federal para as decisões sobre o Estado. Há, porém, preocupação em relação a investimentos e apoio do governo federal, que poderia atrair recursos que possam vir a compensar as perdas de incentivos fiscais, garantindo ao Espírito Santo mais investimentos, principalmente de infraestrutura, e incorporando uma agenda local de investimentos muito importante para a economia do Estado.

Alguns entrevistados pontuam que, mesmo com essa nova posição do Espírito Santo no cenário nacional, muitas questões ainda estão para ser resolvidas, principalmente nas áreas de logística e transportes, com investimentos em ferrovias, portos e na ampliação do aeroporto.

Há, ainda, um forte sentimento de abandono do Estado pelo governo federal, principalmente no que tange aos investimentos na área de logística. A ausência das obras de logística necessárias à continuação do processo de desenvolvimento é um gargalo apontado de forma recorrente pelos entrevistados.

3.2 Royalties e Fundap: as ameaças do Espírito Santo hoje

Apesar de toda a positividade na perspectiva do Estado hoje, se comparada ao passado, há alguns pontos de ressalva e algumas ameaças à economia que estão presentes no contexto do Espírito Santo e que devem ser combatidos e, no mínimo, monitorados e controlados.

Essas ameaças envolvem, principalmente, as relações do ES com a União. Há também resquícios da crise mundial, que afetaram consideravelmente a economia do Estado, uma vez que, como já pontuado, a economia está assentada basicamente nas *commodities* e na exportação.

A primeira ameaça, que está presente na fala de quase todos os entrevistados, é o fim do sistema Fundap.

Criado pela Lei 2.508 de 22 de maio de 1970, tem como objetivo ampliar a receita do setor terciário do Estado por meio da diversificação do intercâmbio comercial com o exterior. Constitui-se em um

financiamento para apoio a empresas com sede no Espírito Santo e que realizam operações de comércio exterior tributadas com ICMS no Estado. Essas empresas devem investir um valor mínimo de 9% do financiamento em projetos que gerem emprego e renda para o Estado.

Por isso, o Fundap induziu o desenvolvimento, sobretudo das atividades ligadas ao comércio exterior, desdobrando-se em investimentos também para o nosso território. Seus principais reflexos são percebidos no volume de mercadorias importadas pelos portos e aeroporto do Estado e que geram recursos para investimentos na área produtiva.

Com a nova lei, os entrevistados preveem o fim do sistema e há grande receio por parte de todos os entrevistados de que a economia do Espírito Santo sofra, visto que sua posição em relação à atividade exportadora é de ampla dependência.

Outra ameaça é a possibilidade de sofrer perdas de recursos dos *royalties* provenientes da exploração de gás e petróleo, atividade que começou a ser explorada no território relativamente há pouco tempo. No discurso dos entrevistados, o desenvolvimento da economia e de tecnologias que foi agregado ao ES com a exploração desses recursos naturais pode diminuir, dependendo de como o Estado consiga negociar o recebimento de *royalties* com o governo federal.

Os entrevistados ainda pontuam a respeito de mudanças em outras tributações e apontam o desequilíbrio na distribuição da base tributária dos Estados brasileiros – provocado pela mudança da incidência do tributo, hoje predominantemente na origem, para o destino, como no caso do ICMS –, e que poderiam afetar negativamente a economia capixaba.

Portanto, se resumirmos as ameaças ao ES hoje em um único item, pode-se afirmar que a grande ameaça e, ao mesmo tempo, o grande desafio está no campo das finanças públicas. Esse ponto é o extremo contrário de 2005, quando as expectativas apontavam para melhoria da arrecadação geral e também do sistema Fundap, além dos *royalties*.

Os reflexos da crise mundial, que ainda impactam econômica e politicamente o Brasil, o mundo e, conseqüentemente, o Espírito Santo, principalmente com relação ao comércio exterior, são preocupantes e estão envoltos em um cenário de dificuldades, principalmente com a articulação dessa crise mundial e as crises internas.

Novamente, não há como destrelar essa visão da questão de infraestrutura, logística e de transportes que, como dito anteriormente, é apontada pelos entrevistados como precária, dependente de ações do governo federal, que pouco ou nada investe no ES.

Há um consenso entre os entrevistados de que os investimentos para combater os gargalos que emperram a logística são fundamentais para o desenvolvimento econômico do Estado, sendo importante a participação tanto da iniciativa privada quanto da esfera pública, estadual e federal.

Esse é um dos maiores entraves ao desenvolvimento do Estado. O aeroporto da capital opera de forma precária e com capacidade ainda muito aquém das necessidades. O canal de Vitória apresenta muitas restrições à capacidade de operação dos navios que chegam ao porto de Capuaba. Alguns deles chegam a sair do Estado com 20% a menos de sua capacidade, fugindo de problemas devido à profundidade da região. A ferrovia é privada e apenas uma empresa opera o seu funcionamento. O transporte rodoviário é ainda mais preocupante. As rodovias do Estado são muito estreitas e estão muito inseguras.

O sistema ferroviário é incompleto para dar vazão à produção em larga escala, as rodovias deixam a desejar em infraestrutura e segurança, há falta de um porto de águas profundas capaz de receber navios de alta capacidade de carga e o aeroporto, tanto para passageiros quanto para cargas, tem grande defasagem e demanda muitos investimentos para dar suporte ao desenvolvimento econômico.

No geral, a forma de garantir o dinamismo econômico, frente aos cenários apresentados, é investir em infraestrutura – construção de rodovias estaduais, investimento nos portos, nas rodovias e no aeroporto.

An aerial night view of a city, likely Rio de Janeiro, with a large stadium in the foreground. The stadium is illuminated with bright lights, and the city lights are visible in the background. The image is overlaid with a semi-transparent orange and white gradient.

4 VISÃO DE FUTURO

As opiniões das pessoas e suas expectativas em relação ao futuro são forjadas, de um lado, pelas experiências vividas, pelo grau de acesso às informações relevantes, pelas circunstâncias do momento presente e, de outro, pelas expectativas em relação ao futuro. No entanto, essas avaliações e percepções não ocorrem no isolamento da temporalidade. Ao contrário: passado, presente e futuro se autocontaminam. Isto é, o contexto presente carrega o legado de eventos passados, que funcionam como informações para o aprendizado do cotidiano, e, por sua vez, a visão do futuro não se descola – pelo menos não deve ser vista como descolada – das circunstâncias que envolvem o presente.

Expectativas, portanto, são alimentadas pelos sentimentos em relação ao presente, pelo que se aprendeu no tempo transcorrido e pelas incertezas impostas pelo futuro. E incertezas crescem na medida do aumento da “opacidade” do horizonte de visão. Um horizonte mais claro é sinal de tempos melhores. E será também mais claro quanto maior a confiança que se tem e se sente no presente.

É a partir dessa lógica que devemos interpretar as opiniões, percepções, expectativas e visões que resultaram das pesquisas qualitativas realizadas em 2005 para o ES 2025 e agora, em 2012, para o ES 2030. Ambas devem ser lidas e avaliadas como produtos de contextos diferentes. A estratégia de se manter a estrutura do roteiro utilizado em 2005 atenta exatamente para essa particularidade relevante.

Assim, nos subtópicos deste capítulo o que existe é a sistematização dessas expectativas.

4.1 Educação

É importante salientar, antes de tudo, que os três pilares da atenção social, saúde, educação e segurança, estão mutuamente relacionados e se encontram ligados estreitamente com um projeto de desenvolvimento. Ou seja, significa compreender que essas três áreas, saúde, educação e segurança, são pilares edificadores desta visão de futuro que os entrevistados têm.

A educação é a questão mais importante do ponto de vista de grande parte dos entrevistados. A aspiração é de que haja, até 2030, educação com mais qualidade, independentemente de ser na esfera federal, estadual ou privada. Os entrevistados almejam um Estado formando pensadores e não reprodutores, que desenvolva muitos cientistas, intelectuais e estudiosos.

Eles pontuam também que deve haver melhora na qualidade da educação de base e isso deve ser feito por meio de pesados investimentos do governo. Somente por meio de um ensino que se compare à qualidade de países que estão no topo pode mudar a realidade do Estado.

A educação é, na perspectiva dos entrevistados, o motor para a melhoria da sociedade capixaba, sobretudo na diminuição da desigualdade social, que reflete em diversos aspectos, desde a economia (com o desenvolvimento de qualificação de mão de obra, tecnologia e empreendedorismo), em aspectos sociais (como a melhora do IDH) e até em segurança pública (pois uma população educada também reflete na diminuição da criminalidade), meio ambiente (educação ambiental) e saúde.

É também desejo dos entrevistados que haja um modelo educacional em que, desde a base, seja incorporada a cultura local, onde a partir de uma alta qualidade na educação, em um futuro ainda mais adiante, a formação profissional será de qualidade e reconhecida. Um ensino voltado às

demandas e às realidades dos jovens e a implantação de tecnologias nas escolas para aprimorar o conhecimento dos alunos e caminhar para um Estado onde a educação base se destaque e forme jovens realmente inteirados com a realidade do Brasil e do mundo.

4.2 Saúde

Na saúde há expectativa de investimentos em equipamentos com mais tecnologia (garantindo mais agilidade e confiabilidade nos resultados). Uma das principais demandas diz respeito à garantia de atendimento igual para a região metropolitana e para o interior, não havendo mais necessidade de deslocamento de pacientes do interior para a capital.

A questão da saúde não foi tratada com tanta veemência quanto a educação. É importante ressaltar que o tema foi sempre relacionado à necessidade de serviços básicos e entendido como parte fundamental da constituição da qualidade de vida da população. Houve também bastante relação com a área da educação, no sentido de que uma população educada sofre menos problemas de saúde por saber tratar questões como o lixo e a higiene de maneira eficaz.

4.3 Segurança pública

A segurança pública também gerou expectativa muito grande na maioria dos entrevistados. Junto com a saúde e a educação, ela forma um dos pilares básicos da sociedade e hoje figura como um dos principais problemas do Estado. No Espírito Santo do futuro essa questão deverá ser superada. É interessante pontuar que a sensação de falta de segurança acompanha a questão do consumo de drogas ilícitas. Assim, alguns entrevistados pontuam que, para além das questões sociais, o Estado deve investir também na força policial.

Outro ponto que deve ser ressaltado é que essa falta de segurança também foi atrelada à condição de urbanização do Estado. Por isso, alguns entrevistados entendem que no futuro, como o ES provavelmente estará mais urbanizado do que nunca, a questão da segurança deve ser prioritária.

4.4 Infraestrutura

Como foi discutido no bloco anterior, a questão da infraestrutura é fundamental para diversos aspectos relacionados ao desenvolvimento do Espírito Santo. É importante atentar-se para o fato de que, quando falamos em infraestrutura, há diversas abordagens diferenciadas para o tema, que passam pelas questões da logística, dos transportes, da infraestrutura urbana, e também da infraestrutura dos sistemas de saúde e educação. Todos esses aspectos também estão interligados com outras questões, como segurança pública, mobilidade urbana, importação e exportação e desenvolvimento de tecnologias.

A fala mais contundente sobre infraestrutura na expectativa dos entrevistados está relacionada à questão da logística: a tríade estradas, ferrovias e portos é vista como algo atrasado, que não comporta a realidade econômica do território hoje e prejudica os negócios. A questão do aeroporto é outro fator de descontentamento do presente que também gera bastante expectativa futura.

Assim, para o futuro, o Estado terá de buscar meios para que esse gargalo na questão logística se resolva, seja em com o governo federal, seja em parceria com empresas privadas. Os entrevistados entendem que deve haver, para a próxima década, grandes investimentos nessa área.

Houve a citação da elaboração, por parte do governo estadual, do PROED-ES (Programa de Desenvolvimento Sustentável do Espírito Santo), que irá atuar na área de infraestrutura. Esse programa deve buscar desenvolver todos esses setores que hoje apresentam problemas, como as rodovias estaduais, os portos, o aeroporto (embora já tenha tentado sem sucesso) e a construção de um aeroporto no interior.

Além disso, há grandes investimentos anunciados para os próximos anos, principalmente na faixa litorânea, com a criação de novos portos de águas profundas, que irão demandar também outros aspectos infraestruturais relativos às cidades, principalmente do litoral capixaba. É válido ressaltar que o governo brasileiro anunciou mudanças importantes na área portuária, como a criação de uma agência controladora para o setor. Essa nova linha pode agilizar a realização de alguns trabalhos.

Espera-se que haja no futuro uma profunda mudança na infraestrutura urbana básica, como saneamento básico, esgoto, geração de energia, pavimentação e mobilidade urbana, e no planejamento das cidades, para que o crescimento esperado não se dê de forma desordenada. Tudo isso é visto como um conjunto de grandes desafios para o Estado, mas que, se realizados de maneira correta, servirão de base para grandes oportunidades de desenvolvimento.

É preciso fazer um adendo para a questão da mobilidade urbana. Na perspectiva dos entrevistados, boa parte dos problemas de infraestrutura nas cidades capixabas está relacionado à mobilidade urbana. A capital foi apontada por muitos como exemplo de cidade onde a questão encontra-se no limite do caos.

Por isso, a expectativa é de que, no futuro, essa questão seja resolvida não só do ponto de vista da construção de mais e melhores rodovias e pontos de acesso entre as cidades, como também que haja investimento no transporte público de qualidade, de forma a estimular a população capixaba a diminuir a utilização do veículo próprio.

Portanto, deve haver no futuro uma infraestrutura que atenda também à quantidade de pessoas que buscam o Estado pelas oportunidades de investimentos oferecidas, tendo educação e saúde de qualidade, segurança e facilidade de deslocamento. A expectativa é de que o Estado consiga comportar toda a demanda de mão de obra que está por vir e consiga ditar o ritmo de crescimento do Espírito Santo.

Pensa-se em um Estado mais moderno no futuro, muito mais urbanizado e que domina tecnologias aplicadas à realidade local, o que integraria de forma mais direta as regiões urbanas com as rurais.

4.5 Exportação de alto valor agregado

Esse ponto gera expectativa nos atores que enxergam a fragilidade da economia capixaba baseada nas commodities. Espera-se que, no futuro, o Espírito Santo consiga transgredir essa barreira e trabalhar com produtos de alto valor agregado.

Para que isso ocorra, no entanto, é necessário que haja tecnologia no Estado que possibilite o desenvolvimento de outros produtos. Entende-se como condição necessária para esse desenvolvimento a evolução das tecnologias que hoje estão presentes na economia capixaba. Essas tecnologias somente serão desenvolvidas, na visão dos entrevistados, a partir de um forte investimento, principalmente do governo estadual, em polos de tecnologia e em educação para qualificação de mão de obra.

Ainda há quem relacione essa produção ao agronegócio, como uma via possível para que se tenha no Estado produtos com maior valor agregado, principalmente na área de produção alimentícia (vinhos e café foram os mais citados).

4.6 Instituições

Apesar de falarem em melhorias neste aspecto na avaliação do Estado no presente, a visão para um Espírito Santo em 2030 se baseia em uma melhora crescente das instituições, ficando mais organizadas e integradas. A diferença nas perspectivas está no fato de que, para o futuro, os entrevistados gostariam de ver essa integração junto também à sociedade capixaba de maneira democrática e transparente.

Assim, a democratização da sociedade – entendida aqui como maior participação da mesma no planejamento, engajamento nas políticas públicas e em questões vistas como fundamentais para a economia capixaba, como o petróleo – é um anseio de boa parte dos entrevistados.

A qualidade das instituições do Estado para o futuro é na qualidade de sua evolução na eficiência e no planejamento com expectativas no aumento da capacidade de governar o Estado.

4.7 Gestão

Para a realização dessa ampla participação da sociedade civil nas questões-chave para o desenvolvimento do Espírito Santo, alguns entrevistados entendem que a gestão da máquina administrativa ainda deve ser mais bem articulada; os órgãos do governo devem estar em plenas condições de funcionamento, desenvolvendo ferramentas de gestão para nossas instituições.

Apesar de haver concordância no que diz respeito à melhora das instituições, que possibilitou a recuperação da economia e da imagem de credibilidade do Espírito Santo no cenário nacional, parte dos entrevistados entende que alguns problemas que o Estado enfrenta começam na falta de eficiência da gestão pública, como é o caso da educação, da saúde e da segurança pública.

Em resumo, a gestão pública caminha para uma melhora, mas há críticas em relação a ações, medidas mais eficazes e posturas mais sérias em relação a essas áreas. Há carências de ordem estrutural condicionadas por um contexto institucional, principalmente na esfera dos serviços básicos, que gera expectativa para que futuramente esses problemas sejam tratados de forma mais eficiente.

4.8 Crescimento econômico (investimentos, desenvolvimento e migração)

Os entrevistados aspiram para o futuro um Espírito Santo economicamente mais estabelecido, mais rico e com mais visibilidade no cenário nacional. Com desenvolvimento mais acelerado e um Estado com oportunidade para todos e com os índices de desenvolvimento humano e social de países já desenvolvidos.

O grande diferencial para a análise que se fez do Estado hoje está no desejo da integração deste com o desenvolvimento social. Aspira-se que o Espírito Santo procure resolver suas questões sociais da mesma forma que fez com a economia.

Assim, o Espírito Santo do futuro deverá ser um território que desenvolve não somente a sua economia, como também a qualidade de vida da sua população, traduzida em serviços básicos de qualidade, equilíbrio entre área urbana e rural e mais igualdade entre as regiões acerca dos investimentos e dos projetos econômicos e sociais. A sustentabilidade, não só do meio ambiente como da própria sociedade e do Estado, deve ser consolidada.

Importante ressaltar que tudo isso deve vir harmonizado com a questão ambiental, que aqui surge como um ponto que deve ser pensado quando se fala em desenvolvimento econômico para o futuro.

Por isso, o que se espera é um Estado equilibrado em seu desenvolvimento, com mais ciência e tecnologia, com educação de qualidade, e atraindo investimentos e indústrias, principalmente nas áreas de petróleo e gás, havendo um reflexo positivo no social, econômico e político. Sem inchaço populacional, com serviços básicos de qualidade.

Apesar da visão positiva de desenvolvimento e crescimento para o Espírito Santo no futuro, há algumas preocupações com relação às consequências desse crescimento. Uma delas é com relação ao inchaço populacional, derivado da chegada de empreendimentos ao Estado, com oportunidades de empregos, atraindo para seu entorno grandes números de pessoas, sem sequer haver infraestrutura que comporte e atenda às demandas básicas.

A questão do aumento da população é um ponto de atenção no discurso do desenvolvimento. É sabido pelos entrevistados que os investimentos na economia capixaba têm atraído muita migração para o Estado nas últimas décadas e há receio quanto ao inchaço populacional.

Deve haver a preocupação de não apenas crescer e se desenvolver, mas de fazer esse crescimento e esse desenvolvimento de fato se consolidarem, se fazer funcionar.

4.9 Ciência, tecnologia e qualidade

O desenvolvimento e a geração de novas tecnologias é primordial para um desenvolvimento de destaque. No futuro do Espírito Santo, isso é bastante almejado. Espera-se que haja no território capixaba grandes centros tecnológicos de pesquisa e entende-se que isso será impulsionado por uma educação também de qualidade.

Por isso, o investimento em ciência e tecnologia é apontado como fundamental e há um caminho a ser construído no Estado. A ciência e a tecnologia que cabem neste discurso representam também pensar sobre novas oportunidades de negócio, para além do que está apresentado no momento. Representa um investimento efetivamente no futuro do Estado, sustentado por um crescimento que agregue valor e qualidade de vida.

Os entrevistados veem na tecnologia também a possibilidade de mudar o paradigma da oferta de emprego e da procura, deixando a população local de servir apenas de mão de obra de base para as grandes empresas que estão no Estado e dar início a um novo patamar de absorção da mão de obra local.

Essa perspectiva de futuro está intimamente conectada com a visão da fragilidade da economia capixaba em relação a sua grande dependência da exportação de commodities. Entendem que o desenvolvimento de tecnologias pode fornecer os subsídios necessários para essa produção de alto valor agregado, sobretudo na esfera do agronegócio.

Também se contempla nesse discurso a possibilidade de a tecnologia consolidar o desenvolvimento do Estado de maneira sustentável.

4.10 O litoral e o interior: discrepâncias

A discrepância entre a região litorânea e o interior do Espírito Santo é um processo histórico, que se inicia com a própria história da capitania. Durante séculos, no Estado a economia ficou contida na faixa litorânea, por diversos motivos, inclusive pela falta de fôlego para se adentrar ao território. Essa condição imprimiu no Estado um desenvolvimento desigual, tanto do litoral para o interior quanto do centro para as pontas (norte e sul). Nesse discurso surge também a questão da sustentabilidade, no sentido de aproveitar as potencialidades de cada região, principalmente os recursos naturais.

No discurso dos entrevistados essa dicotomia é bem acentuada. Há uma percepção de que ocorre maior desenvolvimento do litoral em detrimento do interior. A descentralização dos investimentos econômicos é apontada por muitos como fundamental para reversão desse quadro, que consideram bastante desfavorável para a população. É preciso haver equilíbrio no desenvolvimento das regiões. Além da economia, é notório que grande parte da população do Estado hoje se encontra nas cidades da faixa litorânea. Essa condição acentua ainda mais a desigualdade entre o desenvolvimento das regiões, ficando as regiões do interior e mais distantes da Grande Vitória como sendo consideradas bolsões de pobreza, atraso e falta de investimento.

O litoral do Estado ainda é o mais visado para negócios e investimentos. O interior é visto como o local que necessita de investimentos para se desenvolver e que precisa caminhar para o crescimento e a solidez, assim como a região litorânea. O interior precisa se consolidar, receber incentivos e atrair investimentos. Deve trabalhar em junção à região litorânea para progredir e atrair incentivos e interesse de grandes indústrias.

No caso do norte, que é atendido pelo incentivo da Sudene, as obras de infraestrutura podem expandir o desenvolvimento da região.

Assim, a expectativa de muitos entrevistados é de que no futuro essa situação seja de um pouco mais de igualdade entre as regiões. Para tanto, se faz necessário garantir que também as regiões e os municípios interioranos possam aproveitar as suas potencialidades, explorando negócios ligados a agricultura, turismo, agroturismo, fruticultura, agroindústria, arranjos produtivos como o moveleiro, mármore e granito, confecções e outras formas de desenvolvimento dessas regiões.

4.11 Agronegócio: a questão agrícola

Para minimizar as discrepâncias entre o litoral e o interior, os entrevistados apontam o desenvolvimento do agronegócio para o futuro do Estado.

A agricultura foi citada como uma atividade de expressividade econômica, especialmente o agronegócio, que beneficia grande parte da população do território estadual, influenciando a economia de 61 dos 78 municípios. Ela é bastante significativa na participação no PIB estadual. No caso do agronegócio, estima-se que o mesmo represente aproximadamente 30% de toda a riqueza produzida no Estado.

Por isso, o agronegócio é percebido como uma opção para harmonizar o desenvolvimento econômico do Estado, agregando maior número de municípios, diferentemente das atividades de petróleo, gás e siderurgia. Estes últimos tendem, por conta das suas áreas de atuação, a concentrar investimentos na faixa litorânea e na região metropolitana.

Outro ponto que surgiu foi o incentivo de produção de tecnologia também para a atividade agrícola. Apesar de o Incaper ter sido mencionado, há um sentimento de desvalorização da agricultura como uma atividade econômica de importância para o Estado, por isso os entrevistados entendem que esses investimentos são tímidos.

Ainda sobre essa questão, é importante que se incentive a diversificação, não só dos produtos agrícolas como também das atividades agrícolas, agregando outras perspectivas, como o agroturismo, o ecoturismo etc.

É importante também diversificar a produção e gerar, por meio da agricultura, produtos que tenham maior valor agregado.

É importante ressaltar, ainda, que o interior precisa se valer de infraestrutura adequada e de logística para o escoamento de sua produção e que, por isso, é fundamental que haja, no futuro do Estado, um grande incentivo para o campo.

4.12 Desenvolvimento cultural e o turismo

É importante ressaltar que a noção de cultura é divergente para os entrevistados. Há, assim, duas visões do que seria cultura. A primeira refere-se à cultura capixaba num sentido identitário, ligado ao território e, nesse discurso, cabe o ressentimento em relação à posição que o Espírito Santo ocupa no cenário nacional. Esse discurso é também bastante comparativo com outros Estados, principalmente os da região Sudeste.

A outra concepção está ligada a práticas e costumes entendidos como culturais, como a ida a museus, a gastronomia e eventos culturais.

Com relação à cultura capixaba, há uma percepção por parte dos entrevistados de que impera no Estado uma cultura, um comportamento cultural de grupo, que permeia não só, mas, sobretudo, a esfera pública e associa-se a práticas clientelistas de personalização dos espaços públicos. Nesse sentido, apontam que muitas dificuldades em buscar soluções concretas para os problemas antigos, tais como infraestrutura, mobilidade urbana, transporte, logística e segurança pública, advêm de um comportamento tido como provinciano, de pensar-se ainda privilegiando politicamente certos grupos.

Na associação da cultura com atividades entendidas como culturais há sinalização da falta de equipamentos públicos que poderiam oferecer eventos e lazer para a população.

Uma das atividades que os entrevistados entendem como parte da cultura capixaba e que deve ser valorizada no futuro é o turismo. O território do ES é visto como dono de belezas naturais que são pouco exploradas. Temos em uma pequena faixa de território, praias e montanhas. Valorizar o próprio Estado também é algo que os entrevistados gostariam de ver impresso no comportamento do capixaba.

Outro ponto ressaltado é a valorização da cultura local, de cada região, como os pomeranos, que deve ser preservada e valorizada.

Importante perceber que a atividade turística também está ligada à valorização do meio ambiente e à preservação do mesmo. Por isso, alguns entrevistados apontam as belezas naturais do Estado como potencialidades para o turismo por meio do ecoturismo.

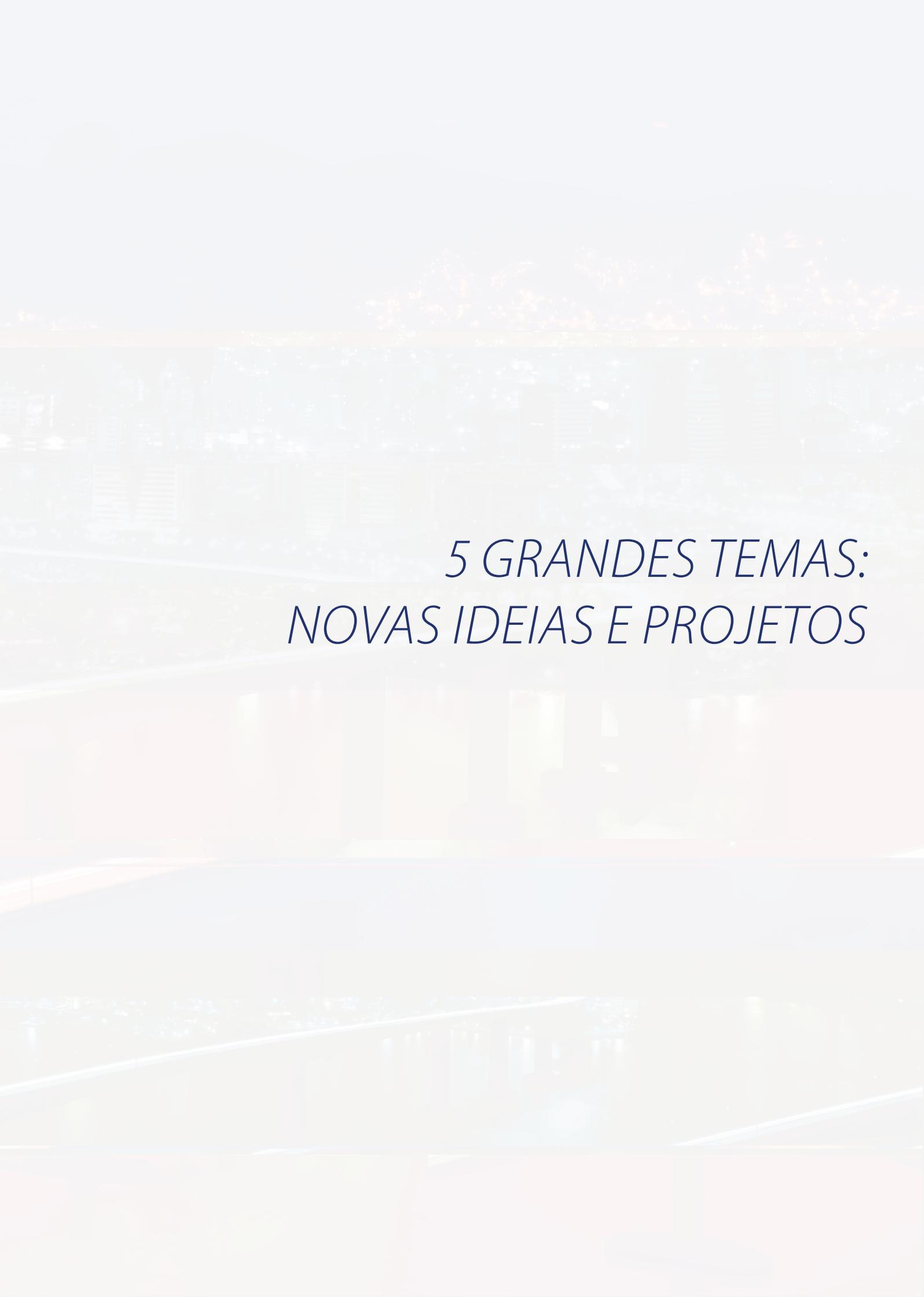
A questão do meio ambiente é também um assunto que perpassa as diversas esferas de análise do discurso dos entrevistados, por se tratar de uma questão-chave para o futuro.

4.13 Meio ambiente

Esse é um tema pouco discutido pelos entrevistados, sendo colocado pela maioria apenas de forma tangencial, sempre em relação a outros grandes temas e, principalmente, quando se fala no desenvolvimento futuro do Estado. Assim, o meio ambiente é agregado ao discurso da sustentabilidade, sendo colocado como um potencial para novos negócios.

Há, ainda, certo receio, quando se projeta o Estado do futuro, de que esse desenvolvimento traga um grande contingente populacional para as cidades e, nesse sentido, que um crescimento desordenado e não planejado possa trazer prejuízo ao meio ambiente.

Um ponto que se relaciona com o tema também é o desenvolvimento de novas tecnologias, que pudessem fornecer alternativas mais sustentáveis para os negócios e a utilização consciente dos recursos.



*5 GRANDES TEMAS:
NOVAS IDEIAS E PROJETOS*

Neste bloco estão colocados todos os temas que já foram desenvolvidos nos blocos anteriores, porém aqui há ideias e propostas para os desafios. É importante ressaltar que poucos foram os entrevistados que realmente propuseram projetos ou ideias para esses temas, portanto algumas falas não têm propostas concretas, mas guardam o sentido de serem propositivas e, por isso, estão apresentadas aqui.

5.1 Tecnologia

A tecnologia não é um tema que tenha grandes ideias. Persiste a noção de que para desenvolver novas tecnologias locais, que sejam condizentes com a realidade capixaba, deve-se investir maciçamente em educação. Interessante notar que a educação deve passar por reformas em todos os seus níveis, da base ao ensino superior².

5.2 Meio ambiente

Esse é um tema bastante recorrente nos projetos de futuro. A ideia é de que haja desenvolvimento econômico, mas esse deve ser atrelado à questão ambiental, principalmente na sustentabilidade dos recursos finitos (o mais citado foi o hídrico).

Os entrevistados entendem que o poder público deve ter sua atuação para muito além da questão dos licenciamentos ambientais de grandes empresas; deve desenvolver projetos sustentáveis para o território, que tenham resultado positivo, mesmo que seja em longo prazo. Esses projetos devem fomentar novos negócios para o Estado.

A educação ambiental da população também é outro ponto ressaltado pelos entrevistados. Deve-se imprimir na cultura capixaba os valores de preservação e valorização dos recursos naturais como forma de combate à poluição e ao desmatamento. Alguns também citaram projetos de recuperação dos rios e das matas.

5.3 Infraestrutura: transportes

A questão da infraestrutura também é um assunto bastante recorrente quando se fala em projetos e grandes ideias para o futuro do Espírito Santo. Essa infraestrutura está dividida na mesma lógica de análise do problema no presente, pensando tanto em infraestrutura em nível logístico (que forneça condições de sustentar a economia exportadora do Estado), quanto na infraestrutura das cidades (mobilidade urbana, principalmente), para que se melhore a qualidade de vida da população.

Em relação a infraestrutura e logística, foi bastante citada a questão das rodovias, principalmente das BRs, que clamam por investimentos e melhorias. Outro ponto de reclamação dos entrevistados e que entendem que deve receber investimentos pesados é a malha ferroviária do Estado; há necessidade de construir uma ferrovia que ligue a região norte à região sul e com outros Estados.

Ainda falam dos projetos portuários, uma vez que entendem que o porto de Vitória já não comporta há muitos anos o volume de negócios que realiza, tornando o processo, além de lento, caro.

² Esse tema é mais bem discutido no subtópico específico.

Em relação à infraestrutura urbana, o assunto mais citado é a mobilidade. É preciso investir não só em melhoria das vias, mas principalmente em outras formas de transporte público. Achrom importante, ainda, que a população seja educada para utilizar outros meios de locomover-se, e que sejam mais sustentáveis, como a bicicleta.

5.4 Turismo

O turismo é uma atividade citada pelos atores, porém sempre de forma relacional, em relação ao desenvolvimento econômico e com intenção de diminuir a disparidade entre as regiões. Também é bastante relacionado ao discurso do meio ambiente, no sentido de que o turismo ecológico poderia auxiliar na preservação.

5.5 Política

Para a política, talvez a melhor palavra que resuma as intenções dos entrevistados seja articulação. É consenso de que a política capixaba amadureceu, tornou-se mais confiável. No entanto, há necessidade ainda de conseguir articular as esferas, principalmente a estadual com a federal, de forma que o Estado consiga receber os investimentos em infraestrutura de que tanto necessita.

Foi posto em discussão o próprio papel do Estado, o que se quer da governança pública, de forma que os projetos para a área política devem contemplar lideranças sérias, que estejam comprometidas com a bandeira desenvolvimentista do Espírito Santo.

5.6 Saúde, educação e segurança

A tríade de serviços considerados básicos para a qualidade de vida é o assunto que mais recebe ideias dos entrevistados, sendo a educação o principal assunto em discussão.

É consensual que, para resolver grande parte dos problemas que o Espírito Santo enfrenta hoje, é preciso ter um olhar para a educação. É preciso investir recursos para transformar a educação do Estado em algo comparável à qualidade dos países que estão no topo do ranking da educação e boa parte dos entrevistados entende que isso deve partir da educação básica, ou seja, é a área que deve receber os maiores investimentos em uma primeira etapa. Essa educação precisa ser qualificada e agregar valores positivos, modernos, para as crianças, com projetos de inclusão social, educação ambiental, educação integrada e cursos extracurriculares.

Posteriormente, é preciso também qualificar a mão de obra capixaba, e entende-se que esse processo tem início no ensino médio, entendendo-se para o nível superior.

Para o médio, os entrevistados sugerem que se ofereçam cursos que qualifiquem a mão de obra de nível técnico. É preciso também que a população veja valores positivos nessa educação e aqui estamos falando necessariamente dos jovens, que devem ser trabalhados desde a base para entender que a educação é a chave para uma qualidade de vida melhor.

Em relação ao ensino superior, os entrevistados apontam o sucateamento da universidade federal, a falta de condições do Hospital Universitário e a necessidade de se construir uma universidade

estadual, que tenha campi em diversas regiões do Estado, para atender principalmente aos alunos de baixa renda.

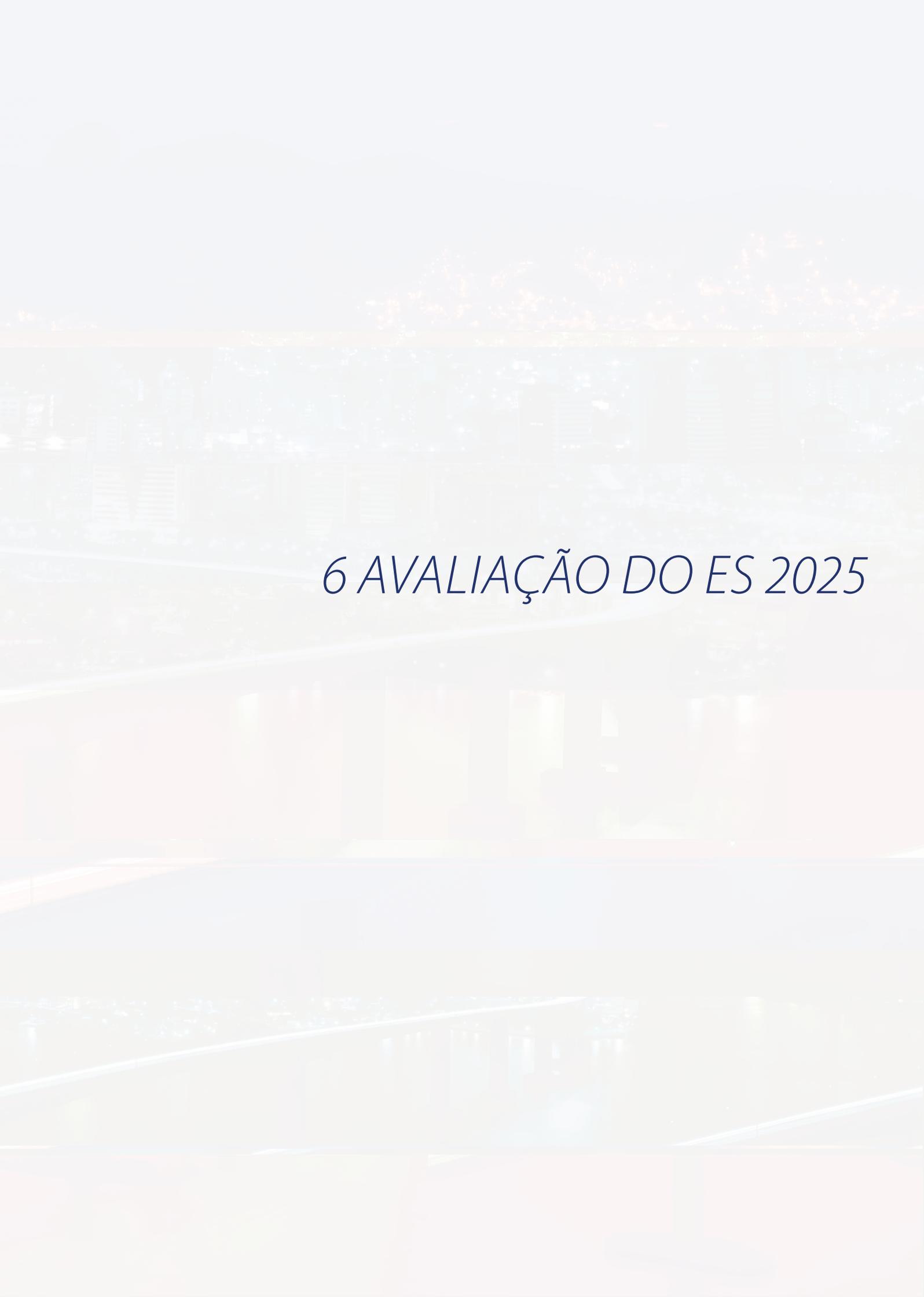
É importante compreender que os entrevistados relacionam a educação diretamente aos outros temas, pois a tríade é, no entendimento deles, fundamental para a qualidade de vida da população. Assim, os entrevistados que tocam nesse assunto entendem que o desenvolvimento econômico é importante, mas fundamentalmente desenvolver o lado humano do contexto capixaba é mais do que necessário. A riqueza aqui não se encontra apenas no PIB, mas também no IDH. É o discurso de valorização do ser humano.

Assim, esse discurso contempla também a necessidade de um olhar para as populações mais vulneráveis, como as mulheres e os jovens. É preciso que se desenvolvam projetos eficazes no combate à violência (onde esses grupos são considerados as maiores vítimas) e também à atenção à saúde, com um sistema que dê conta de atender à população de maneira digna.

No que diz respeito à segurança pública, os projetos e ideias dos entrevistados versam sobre o enfrentamento da violência por meio de investimentos em projetos para populações de risco, como mulheres e jovens.

Há sempre um grande entrelaçamento com a questão da educação, como já foi dito, mas há também a urgência em resultados nessa área. Portanto, espera-se que o governo do Estado consiga articular ações encadeadas que forneçam resultados mais concretos em curto prazo.

Alguns entrevistados apontam iniciativas em outras cidades como lugares em que o Espírito Santo deve se espelhar: Nova York, São Paulo, Rio de Janeiro e demais cidades que irão receber jogos na Copa.

An aerial night view of a city, likely Rio de Janeiro, with lights reflecting on the water. The image is overlaid with a semi-transparent orange and white gradient.

6 AVALIAÇÃO DO ES 2025

Uma das contribuições inovadoras do ES 2030 em relação ao ES 2025 é a possibilidade de comparação entre os dois planos, e, principalmente, a avaliação do ES 2025.

A avaliação geral que os entrevistados fizeram do plano é bastante positiva. É comum no discurso deles ressaltar a importância que o plano teve para o contexto de 2003, no sentido de oferecer um rumo para o Espírito Santo, principalmente na esfera governamental. Muitos afirmam que o governo Paulo Hartung soube se valer do trabalho e que pôde, por meio dele, transpassar barreiras e desafios postos na época, como a total desarticulação das políticas públicas e dos projetos.

Há, no entanto, certa divergência relativa à forma como o ES 2025 foi construído. Boa parte dos entrevistados reclama que não houve, na época, participação da sociedade civil no planejamento, bem como a divulgação do mesmo para a população. Entendem que isso contribuiria para consolidar as ideias e as ações previstas, no sentido de que mobilizaria a sociedade capixaba em prol de um planejamento único.

Por outro lado, alguns entrevistados afirmam que não é bom abrir demais a construção desse plano e que, pelo contrário, ele deveria ser restrito apenas a técnicos e especialistas das diversas áreas que o plano abrange. Entendem, sim, que deveria ter sido mais divulgado, mas que não deveria haver ampla participação, sobretudo da população, por entenderem que, desta forma, o planejamento perderia o foco.

Muitos dos entrevistados também afirmam que utilizaram ou utilizam o plano para orientar suas ações e gestões e que, como têm noção de que isso é feito por outros gestores, entendem que esse planejamento coletivo melhora a articulação dos projetos prioritários.

É importante ressaltar que a maioria dos entrevistados acha crucial que o Estado tenha um documento de planejamento coletivo, pois integra os vários segmentos do Estado, orientando-os para um mesmo norte.

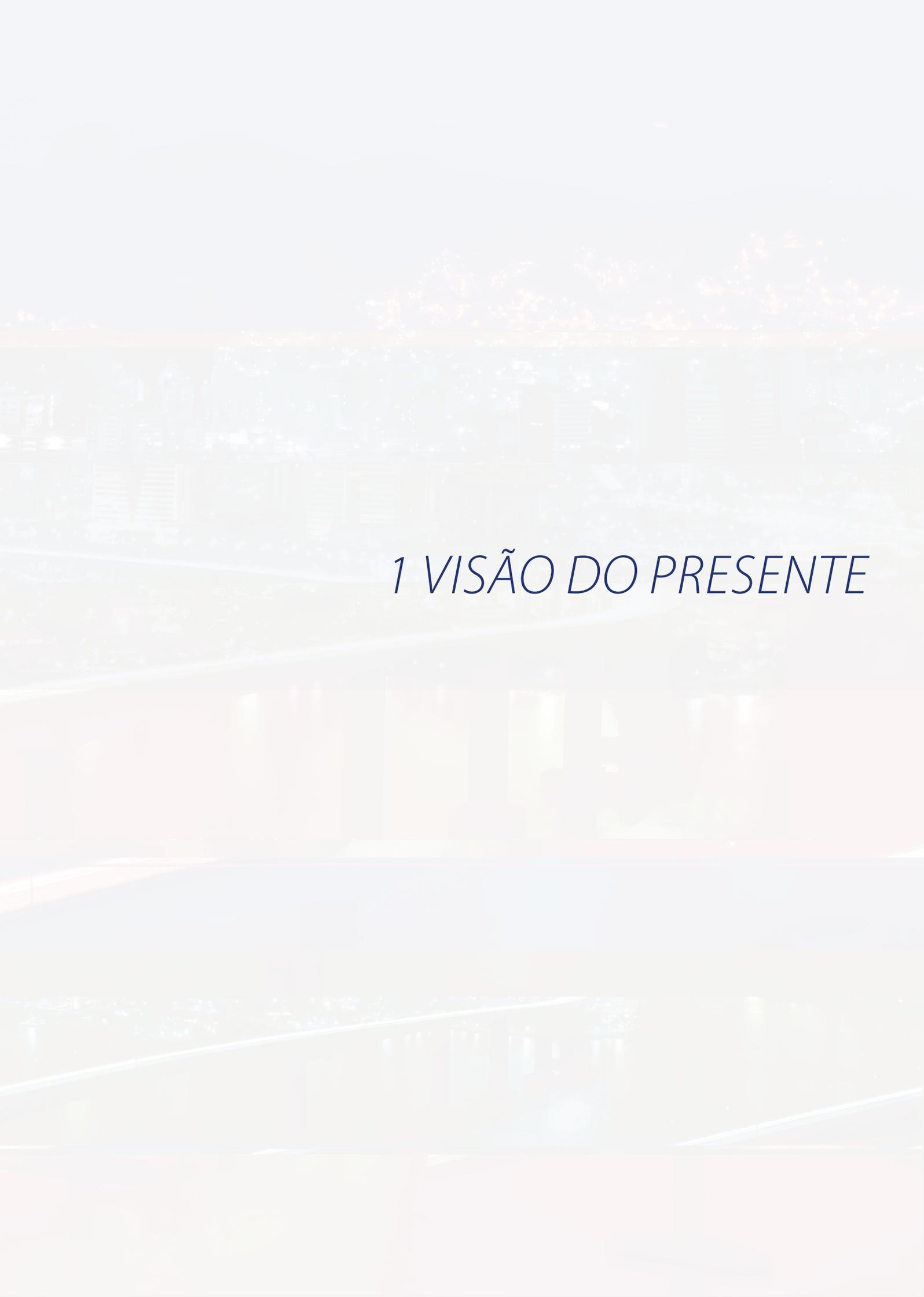
Em resumo, o ES 2025 é bem avaliado. Há de se ressaltar o ponto divergente em relação a quem deve participar da construção do projeto. Contudo, de maneira geral, os entrevistados entendem que é importante manter periodicamente a construção desse planejamento, no sentido de dar norte à realidade capixaba e expandir o horizonte dos atores que participam da construção da nossa sociedade.



PARTE II

CONSOLIDAÇÃO DA PESQUISA QUALITATIVA



An aerial night view of a city, likely Rio de Janeiro, with lights reflecting on the water. The image is overlaid with a semi-transparent orange and white gradient.

1 VISÃO DO PRESENTE

1.1 O Espírito Santo hoje e o cenário nacional

O Espírito Santo é um Estado que tem em sua história um forte sentimento de abandono e atraso. Como capitania, foi, durante quase três séculos, a barreira que dificultava o acesso às fontes de minerais e pedras preciosas do País.

Não obstante, na última metade do século XX, o Espírito Santo presenciou um salto em seu desenvolvimento, principalmente na esfera econômica, transformando-se de um grande produtor rural em um território industrializado.

Com uma infraestrutura baseada na produção e na comercialização de commodities, desenvolvida com forte apoio do Fundap, grande parte da economia capixaba está voltada para o comércio exterior.

Assim, em comparação com o passado, o Espírito Santo é visto hoje como um Estado promissor e de oportunidades, com bastante potencial de crescimento econômico³.

O Estado vem crescendo acima da média nacional, sendo destaque no cenário econômico brasileiro, motivo de expectativas positivas para o futuro.

O que eu vejo é que a partir do momento em que o Estado se reestruturou nos últimos anos, trabalhando no processo de planejamento de metas, nós estamos conseguindo avançar. O trabalho passa por todas essas dificuldades, o Brasil vem atravessando todas essas, essas oscilações.

O Espírito Santo é estratégico. Nós somos pequenos em dimensão, mas grandes em importância estratégica. E essa importância estratégica, ele ganhou mesmo com os problemas que nós tivemos. Essa discussão dos royalties, que ainda não se findou, nem o Fundap... Mas demonstrou que o Estado tem um papel importantíssimo para o Brasil, e que com essa discussão ele chegou, no meu entender, a ser visto nacionalmente. Então, o Espírito Santo hoje é reconhecido como um Estado que tem potencial e que contribui efetivamente para o desenvolvimento do País.

Vejo o Estado começando a ter uma estratégia de inserção nacional. O Estado começando a juntar todas as forças, pública, privada, todos os setores [...] começa a ter uma estratégia de inserção nacional, começa a olhar que temos que expandir as nossas fronteiras para o nosso território.

Há um consenso entre os entrevistados no que diz respeito ao fato de o Estado ter alavancado em vários aspectos na última década, principalmente em relação à economia. A chegada de novos empreendimentos e tecnologias é apontada como fator decisivo para o desenvolvimento do Estado.

Entre os fatores que possibilitaram este desenvolvimento econômico está a posição geográfica, considerada estratégica para grandes empreendimentos, pois é um Estado que tem uma faixa litorânea considerável e está próximo dos grandes centros econômicos do País, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais. Isto, na opinião dos entrevistados, contribui não só para o desenvolvimento acelerado, como para uma notoriedade tanto no cenário nacional quanto internacional.

³ Neste bloco de avaliação do presente, é importante ressaltar que a visão da maioria dos entrevistados está baseada nas questões econômicas e, por isso, a análise está contida nessa esfera.

Tanto é que os indicadores apontam para isso, ou seja, o Espírito Santo tem crescido acima da média do País já há cerca de 20 anos, então os nossos indicadores crescem numa taxa proporcionalmente maior do que a do Brasil.

Tem uma localização estratégica da região Sudeste, estamos no litoral e, num raio de 1.000 km, nós pegamos quase todo o PIB do Brasil. Nesta região em que a gente está, pega Minas, São Paulo, Rio, um pedaço de Mato Grosso, Goiás, Bahia.

Nosso Estado por muitos anos ficou para trás do restante, principalmente da região Sudeste, até mesmo por uma questão histórica. Enquanto os outros Estados cresciam, nós ficamos um pouco estagnados e, cerca de dez anos para cá, o Estado deu uma alavancada, tanto com relação à economia, a tecnologias, a recebimentos de empreendimentos, e isso a gente sente refletindo agora, até mesmo na capital.

Outro ponto de convergência na fala dos entrevistados é de que o Estado se reestruturou e se planejou nos últimos anos. Está mais bem organizado no campo governamental e institucional. Há maturidade e estabilidade no campo político e isso se reflete nas instituições, no sentido de que elas dialogam melhor entre si e, com isso, há certo equilíbrio entre elas e o cenário econômico.

Eu considero que o Espírito Santo já há alguns anos vive num clima de estabilidade política. Vive um momento de crescimento econômico, com geração de oportunidade. Vejo que nós temos um cenário muito favorável, um cenário muito positivo aqui no Estado.

O Estado do Espírito Santo nesses últimos, digamos, oito a dez anos, ele deu um grande salto, em nível de consciência política, e de uma política que trabalha visando ao bem não só de uma parte do Estado, mas do todo.

Então, se o Espírito Santo continuar com esse trabalho no campo político, continuar avançando, nós podemos cada vez mais caminhar para um Espírito Santo melhor estruturado economicamente, socialmente, como um polo de destaque dentro do contexto brasileiro. Mas isso é um conjunto de ações que precisam ser trabalhadas de forma unida.

A administração de Paulo Hartung é apontada como um divisor de águas da política estadual. “Arrumando a casa”, o governo conseguiu estabilizar o contexto político e isso refletiu positivamente na economia, pois atraiu novos e importantes investimentos para o Estado. Essa mudança no modelo de gestão pública e a eficiência da máquina administrativa do governo possibilitaram ao Espírito Santo uma nova posição e uma nova imagem no cenário nacional.

Apartir de 2003 começa a melhorar o cenário nacional; aqui, em 2003, um fato importante é que começa uma mudança política e institucional muito forte, e aí começam a liberar as forças da economia. Aí acho que a gente está chegando no início da segunda década do século XXI muito bem, acho que deu para ter um amadurecimento do lado político muito positivo.

[...] isso mudou muito. Isso se alterou significativamente já a partir de 2003 e, de lá para cá, eu acho que esse compromisso da sociedade, da classe política, dos poderes constituídos do Estado, foi muito forte no sentido de manter uma perspectiva de coisa pública.

Então o Espírito Santo se arrumou nos últimos anos. É um dos Estados de melhor governança, de melhor institucionalidade; as instituições estão funcionando melhor, com equilíbrio.

Vejo que nós temos um cenário muito favorável, um cenário muito positivo aqui no Espírito Santo, tanto no ambiente político, quanto no ambiente das instituições públicas, que se ergueram depois de muitas crises nos últimos anos.

Eu vejo o Estado numa situação de, vamos dizer assim, de voo de cruzeiro... Confortável, entendeu? As instituições funcionando, e funcionando bem.

Eu considero que o Espírito Santo, já há alguns anos, vive num clima de estabilidade política, vive um momento de crescimento econômico, com geração de oportunidade.

O Estado do Espírito Santo nesses últimos, digamos, oito a dez anos, deu um grande salto, em nível de consciência política, e de uma política que trabalha visando ao bem não só de uma parte do Estado, mas do Estado todo.

No lado positivo isso, uma credibilidade política, de tal maneira que as instituições que regem e governam o Estado tomaram consciência de que era preciso acabar com este esquema de corrupção que estava colocado aqui, que engessava o Estado na mão de alguns.

O petróleo e o pré-sal também foram ressaltados como fatores de impulso do desenvolvimento, pois atraíram investimentos diversificados para todo o Estado. São ainda aspectos novos da economia capixaba e sua situação está longe de ser resolvida, devido ao momento de discussão dos *royalties* junto ao governo federal. Ainda assim, há grande expectativa por parte dos entrevistados de que esses recursos fortaleçam ainda mais a economia do Estado e contribuam para que o mesmo continue a se desenvolver acima da média nacional.

Não obstante, quando falamos da economia capixaba, há notoriedade acerca da desigualdade que persiste entre o volume de consumo do mercado interno – relativo à pequena população do Estado – em contraposição ao mercado externo, de proporções incomparáveis ao primeiro, devido ao caráter de sua exportação de *commodities* (minério, celulose, mármore, granito), voltada principalmente para mercados emergentes, como a China.

Os entrevistados reconhecem a importância das *commodities* para a economia e os grandes empreendimentos que elas trouxeram, porém ressaltam a necessidade de incentivo de diversificação da base econômica, com a criação de produtos que tenham maior valor agregado, de forma que o Espírito Santo não fique subjugado a uma economia de base exclusiva para exportação.

Assim, na avaliação dos entrevistados, mesmo que o Espírito Santo tenha dado esse salto no seu desenvolvimento econômico e consolidado sua base na indústria, ainda permanece vulnerável a problemáticas envolvendo o mercado externo.

Nós estamos muito bem localizados, estamos tendo essa onda do petróleo, que trouxe muitos investimentos. Não só o petróleo no Estado, mas o pré-sal também, fizeram com que as mudanças todas acontecessem... Com que muitas empresas que precisavam se estabelecer no Brasil viessem para o Espírito Santo. É um território bem favorecido.

O Estado vem passando por uma mudança muito grande. Saímos da monocultura do café e da extração de madeira e viemos para uma produção de commodities muito forte. E agora surge o petróleo, com uma geração de emprego expressiva e com uso de muita tecnologia.

O fato é que o Espírito Santo, originalmente, tinha sua economia estruturada com base no café, no produto agrícola, em commodities... Quer dizer, um produto agrícola voltado para exportação. [...] Nas últimas décadas, acabou se aprofundando e se especializando cada vez mais em commodities, aí entrando pelotas de minério, placas de aço, celulose, granito, como os principais produtos que nós produzimos e exportamos; a maior parte dessa produção nós exportamos.

Em matéria de equilíbrio econômico e social, eu acho que o Espírito Santo está muito bem na fita. Porque ele mexe com commodities, tanto alimentares quanto minerais, que têm sido e vão ser essenciais para o crescimento do mundo, principalmente dos países emergentes.

[...] essa prosperidade das commodities que passa e vai durar por um tempinho ainda. Mas nessa fronteira de petróleo e gás as coisas estão sendo pouco aproveitadas, porque é o seguinte: quando você ganha muito dinheiro, as coisas ficam fáceis de acontecer e você não percebe os problemas. Quando as coisas começam a ficar mais apertadas é que as deficiências começam a aparecer.

Todos esses fatores contribuíram para que o Espírito Santo começasse a figurar no cenário nacional e pudesse ter mais voz nas instâncias federais. Isso reverbera na forma de uma agenda local positiva, pois traz a responsabilidade e o peso do Governo Federal para as decisões sobre o Estado. Há, porém, preocupação em relação a investimentos e apoio do governo federal, que poderia atrair recursos que possam vir a compensar as perdas de incentivos fiscais, garantindo ao Espírito Santo mais investimentos, principalmente de infraestrutura, e incorporando uma agenda local de investimentos muito importante para a economia do Estado.

Alguns entrevistados pontuam que, mesmo com essa nova posição do Espírito Santo no cenário nacional, muitas questões ainda estão para ser resolvidas, principalmente nas áreas de logística e transportes, com investimentos em ferrovias, portos e na ampliação do aeroporto.

Há, ainda, um forte sentimento de abandono do Estado pelo governo federal, principalmente no que tange aos investimentos na área de logística. A ausência das obras de logística necessárias à continuação do processo de desenvolvimento é um gargalo apontado de forma recorrente pelos entrevistados.

A questão de logística do Estado é fantástica. Precisa ser mais explorada, porque a infraestrutura não é a que seria necessária para tudo isso aí. Ferrovia, se fala muito nas ferrovias que iriam ser feitas ou se está fazendo, mas, assim, precisa da estrutura, de estrada, por exemplo... Você pega a BR-101 ela vai uma vez para lá [esfera federal] para ser

duplicada, tem processo de licitação, retorna e nada. Com isso a gente está percebendo que o Estado cresce, a quantidade de carro aumenta, a quantidade de caminhões triplica e nós não temos condições de fazer uma logística muito boa.

Por outro lado, se tem um conjunto de investimentos federais e estaduais e recursos que teoricamente vêm a ter compensação com a perda do Fundap, que vão garantir ao Estado grandes investimentos, principalmente na área de infraestrutura, e esses sempre fazem com que a economia do Estado cresça, com esses investimentos de alto lucro.

O aeroporto foi prometido para 2007... Já se passaram cinco anos e nós recebemos puxadinhos. Fazer discurso é fácil, difícil é fazer. O Espírito Santo neste contexto está indo muito devagar, mas se saírem esses projetos: aeroporto, superporto, duplicação da 101 e duplicação da 262, se isso tudo acontecer, em 2030 o Espírito Santo será uma Suíça tropical, contudo temos muitas promessas e poucas coisas feitas.

É só ver que nós ficamos muito tempo dependentes, que só o governo federal podia incorporar uma agenda de investimento aqui no Espírito Santo. Hoje nós estamos conseguindo incorporar essa agenda local de responsabilidade do governo federal na agenda do governo estadual, passando a planejar considerando os investimentos importantes no Estado do Espírito Santo.

O que precisávamos ter para o Espírito Santo ter um melhor desenvolvimento seria que o governo federal voltasse a investir no Estado. Faz mais de 20 anos que o governo federal não investe no Espírito Santo, não investe em estrada, não investe em porto, nem aeroporto, nem ferrovias.

Agora temos gargalos ainda importantes em termos de logística no Espírito Santo. A questão portuária é uma delas... Eu vi aí recentemente que o governo federal anunciou que vai rever toda essa questão, a forma, trazendo um olhar diferente da questão portuária brasileira. Aí eu acho que para o Espírito Santo isso vai ser importante.

Agora, tudo no Estado que estiver, que pelo menos eu vejo, que está atrelado e depende do envolvimento do governo federal, a gente está muito ruim, está muito defasado.

Nossos portos, eu não vou abordar o porto de Praia Mole e Tubarão, que não é a minha área, mas no caso de contêiner, a gente está no século passado, de carroça. Com a saída do incentivo do Fundap, vai diminuir o fluxo de produtos importados, já acarretou num problema de escala de navio. O Espírito Santo tem problema de área de manobra, calado, retroávia, onde colocar contêiner. Hoje o navio chega aqui enorme, abre o portão, tem que colocar a carga em 48 horas, isso tem um custo.

1.2 Royalties e Fundap: as ameaças do Espírito Santo hoje

Apesar de toda a positividade na perspectiva do Estado hoje, se comparada ao passado, há alguns pontos de ressalva e algumas ameaças à economia que estão presentes no contexto do Espírito Santo e que devem ser combatidos e, no mínimo, monitorados e controlados.

Essas ameaças envolvem, principalmente, as relações do ES com a União. Há também resquícios da crise mundial, que afetaram consideravelmente a economia do Estado, uma vez que, como já pontuado, a economia está assentada basicamente nas *commodities* e na exportação.

O Estado vem passando por uma mudança muito grande. Saímos da monocultura do café e da extração de madeira e viemos para uma produção de commodities muito forte. E agora surge o petróleo, com uma geração de emprego expressiva, com uso de muita tecnologia. A gente vê também o Espírito Santo partindo para uma diversificação econômica. Quando fica restrito a poucas atividades, fica muito sujeito a crises.

Há uma crise mundial que provavelmente dure por mais um tempo e essa crise afeta o País e, tradicionalmente, crises internacionais afetam mais o Espírito Santo do que a média do Brasil por conta do índice de abertura do Estado, da forte relação da economia estadual com o comércio exterior. É um cenário que apresenta certa dificuldade. Soma-se a isso as perdas que o Estado já teve com a mudança do ICMS em relação ao Fundap e algumas ameaças na discussão que deve acontecer no próximo ano em relação aos royalties.

A primeira ameaça, que está presente na fala de quase todos os entrevistados, é o fim do sistema Fundap.

Criado pela Lei 2.508 de 22 de maio de 1970, tem como objetivo ampliar a receita do setor terciário do Estado por meio da diversificação do intercâmbio comercial com o exterior. Constitui-se em um financiamento para apoio a empresas com sede no Espírito Santo e que realizam operações de comércio exterior tributadas com ICMS no Estado. Essas empresas devem investir um valor mínimo de 9% do financiamento em projetos que gerem emprego e renda para o Estado.

Por isso, o Fundap induziu o desenvolvimento, sobretudo das atividades ligadas ao comércio exterior, desdobrando-se em investimentos também para o nosso território. Seus principais reflexos são percebidos no volume de mercadorias importadas pelos portos e aeroporto do Estado e que geram recursos para investimentos na área produtiva.

Com a nova lei, os entrevistados preveem o fim do sistema e há grande receio por parte de todos os entrevistados de que a economia do Espírito Santo sofra, visto que sua posição em relação à atividade exportadora é de ampla dependência.

Nós estamos de carroça, literalmente. Com a saída, a eliminação de incentivo do Fundap, vai diminuir o fluxo de produtos importados, e isso já acarretou um problema de escala de navio. Todas as companhias reclamam por escalar o Espírito Santo.

No cenário federal da legislação de ICMS sobre produtos importados, uma lei aprovada em meados deste ano e que vai entrar em vigor em 2013 e que deve causar grandes problemas no sistema Fundap, nesse sistema de importação. Em consequência disso, o prejuízo que vem da mudança da legislação do ICMS dos produtos importados para o sistema Fundap são duas consequências: a primeira é a redução da atividade econômica, o complexo importador deve reduzir de tamanho, então nós perderemos emprego e perderemos movimentação econômica; e o segundo impacto é a receita pública, o que era gerado de receita de ICMS deve sofrer uma forte redução. Isso é um problema

que nós vamos ter de administrar... Perda da atividade econômica e da receita pública, principalmente dos municípios.

E nesse momento algumas ameaças para nós foram importantes, ameaças do ponto de vista tributário. A primeira delas é a ameaça já consumada do comércio exterior e do benefício do Fundap, que nós achamos que, do ponto de vista do que temos hoje, já está perdido, a partir de janeiro de 2013.

Outra ameaça é a possibilidade de sofrer perdas de recursos dos *royalties* provenientes da exploração de gás e petróleo, atividade que começou a ser explorada no território relativamente há pouco tempo. No discurso dos entrevistados, o desenvolvimento da economia e de tecnologias que foi agregado ao ES com a exploração desses recursos naturais pode diminuir, dependendo de como o Estado consiga negociar o recebimento de *royalties* com o governo federal.

Os entrevistados ainda pontuam a respeito de mudanças em outras tributações e apontam o desequilíbrio na distribuição da base tributária dos Estados brasileiros – provocado pela mudança da incidência do tributo, hoje predominantemente na origem, para o destino, como no caso do ICMS –, e que poderiam afetar negativamente a economia capixaba.

Portanto, se resumirmos as ameaças ao ES hoje em um único item, pode-se afirmar que a grande ameaça e, ao mesmo tempo, o grande desafio está no campo das finanças públicas. Esse ponto é o extremo contrário de 2005, quando as expectativas apontavam para melhoria da arrecadação geral e também do sistema Fundap, além dos *royalties*.

Ele [o governador Renato Casagrande] pegou uma conjuntura bastante extravagante, porque é um momento de muita tensão, inclusive com o fim do Fundap, que a partir do ano que vem está totalmente extinto. Isso vai trazer consequências muito importantes para os municípios capixabas. Você tem aí as ameaças do royalties que, evidentemente, não vai ser aquilo que a gente espera e mais mudanças do Estado. Vai ter mudanças em segmentos também prejudicando o Estado do Espírito Santo.

A ameaça da possível mudança dos royalties do petróleo da plataforma continental, ou seja, do petróleo produzido em mar, é uma legislação que tramita na Câmara Federal. O que se pretende fazer traria prejuízo para o Espírito Santo, reduzindo o volume de royalties que o Estado e os municípios recebem. Isso não é uma coisa concreta, não é legislação aprovada, é uma ameaça.

Os reflexos da crise mundial, que ainda impactam econômica e politicamente o Brasil, o mundo e, conseqüentemente, o Espírito Santo, principalmente com relação ao comércio exterior, são preocupantes e estão envoltos em um cenário de dificuldades, principalmente com a articulação dessa crise mundial e as crises internas.

Novamente, não há como destrelar essa visão da questão de infraestrutura, logística e de transportes que, como dito anteriormente, é apontada pelos entrevistados como precária, dependente de ações do governo federal, que pouco ou nada investe no ES.

Há um consenso entre os entrevistados de que os investimentos para combater os gargalos que emperram a logística são fundamentais para o desenvolvimento econômico do Estado, sendo importante a participação tanto da iniciativa privada quanto da esfera pública, estadual e federal.

Esse é um dos maiores entraves ao desenvolvimento do Estado. O aeroporto da capital opera de forma precária e com capacidade ainda muito aquém das necessidades. O canal de Vitória apresenta muitas restrições à capacidade de operação dos navios que chegam ao porto de Capuaba. Alguns deles chegam a sair do Estado com 20% a menos de sua capacidade, fugindo de problemas devido à profundidade da região. A ferrovia é privada e apenas uma empresa opera o seu funcionamento. O transporte rodoviário é ainda mais preocupante. As rodovias do Estado são muito estreitas e estão muito inseguras.

O sistema ferroviário é incompleto para dar vazão à produção em larga escala, as rodovias deixam a desejar em infraestrutura e segurança, há falta de um porto de águas profundas capaz de receber navios de alta capacidade de carga e o aeroporto, tanto para passageiros quanto para cargas, tem grande defasagem e demanda muitos investimentos para dar suporte ao desenvolvimento econômico.

No geral, a forma de garantir o dinamismo econômico, frente aos cenários apresentados, é investir em infraestrutura – construção de rodovias estaduais, investimento nos portos, nas rodovias e no aeroporto.

Nossos portos, eu não vou abordar o porto de Praia Mole e Tubarão, que não é a minha área, mas no caso de contêiner, a gente está no século passado, estamos de carroça. Com a saída do incentivo do Fundap, vai diminuir o fluxo de produtos importados. Já acarretou num problema de escala de navio; o Espírito Santo tem problema de área de manobra, calado, retroárea, onde colocar contêiner. Hoje o navio chega aqui enorme, abre o portão, tem que colocar a carga em 48 horas, isso tem um custo. Se pudesse, colocando os contêineres ao longo da semana, você tem que contratar uma empresa de logística para colocar os contêineres no pátio dela. Quando o navio chega, fica um monte de caminhão velho pegando naquela estrada, que é um caos. Uma estradinha que liga o trevo da Lindenberg com o porto, tem buraco que a gente cabe dentro.

E aí, falando de capital, não só no capital das empresas, que estão investindo em máquinas, mas o capital social, é... porto, enfim... esse tipo de infraestrutura que contribui para receber empreendimento e gera renda e gera emprego... Para ter empresa, tem que ter capitais privados. Eu acho que o Brasil atrasou um pouco na logística, o Espírito Santo também, mas há uma série de projetos anunciados, ferrovia Vitória-Rio, duplicação da 262, da 101 e vários portos... Então tem vários projetos que estão aí, na prancheta, que eu acho que podem contribuir para que o Espírito Santo recupere isso. Então, nesse ponto de vista da infraestrutura, que é o resultado do trabalho humano em cima desses recursos naturais.



2 VISÃO DE FUTURO

As opiniões das pessoas e suas expectativas em relação ao futuro são forjadas, de um lado, pelas experiências vividas, pelo grau de acesso às informações relevantes, pelas circunstâncias do momento presente e, de outro, pelas expectativas em relação ao futuro. No entanto, essas avaliações e percepções não ocorrem no isolamento da temporalidade. Ao contrário: passado, presente e futuro se autocontaminam. Isto é, o contexto presente carrega o legado de eventos passados, que funcionam como informações para o aprendizado do cotidiano, e, por sua vez, a visão do futuro não se descola – pelo menos não deve ser vista como descolada – das circunstâncias que envolvem o presente.

Expectativas, portanto, são alimentadas pelos sentimentos em relação ao presente, pelo que se aprendeu no tempo transcorrido e pelas incertezas impostas pelo futuro. E incertezas crescem na medida do aumento da “opacidade” do horizonte de visão. Um horizonte mais claro é sinal de tempos melhores. E será também mais claro quanto maior a confiança que se tem e se sente no presente.

É a partir dessa lógica que devemos interpretar as opiniões, percepções, expectativas e visões que resultaram das pesquisas qualitativas realizadas em 2005 para o ES 2025 e agora, em 2012, para o ES 2030. Ambas devem ser lidas e avaliadas como produtos de contextos diferentes. A estratégia de se manter a estrutura do roteiro utilizado em 2005 atenta exatamente para essa particularidade relevante.

Assim, nos subtópicos deste capítulo o que existe é a sistematização dessas expectativas.

2.1 Educação

Eu gostaria que as necessidades básicas do povo, todas estivessem resolvidas, a questão da saúde, do esgoto... Tudo resolvido. E isso é possível. Hospitais abertos para todos, médicos competentes no lugar certo, as escolas todas ajudando, o interior não inchando a nossa cidade... Mas que houvesse uma distribuição nesse sentido natural de pessoas no Estado.

É importante salientar, antes de tudo, que os três pilares da atenção social, saúde, educação e segurança, estão mutuamente relacionados e se encontram ligados estreitamente com um projeto de desenvolvimento. Ou seja, significa compreender que essas três áreas, saúde, educação e segurança, são pilares edificadores desta visão de futuro que os entrevistados têm.

O Espírito Santo não pode se contentar em ficar na média do Brasil. Porque ele é um Estado pequeno e tem problemas para resolver. E quer recuperar o atraso em relação ao índice de desenvolvimento médio da região em que se encontra, que é a Sudeste do Brasil, a região mais desenvolvida do Brasil. Bom, não podemos nos contentar em ficar na média, temos que avançar.

A educação é a questão mais importante do ponto de vista de grande parte dos entrevistados. A aspiração é de que haja, até 2030, educação com mais qualidade, independentemente de ser na esfera federal, estadual ou privada. Os entrevistados almejam um Estado formando pensadores e não reprodutores, que desenvolva muitos cientistas, intelectuais e estudiosos.

Eu vou começar sempre com a questão da educação. Eu vivo disso, eu vivo com isso, eu respiro educação. Então eu acho assim, se nós tivermos uma educação de qualidade instalada, independentemente da natureza da administrativa, seja ela responsabilidade do município, do Estado particular, federal, se nós tivermos um cuidado, um olhar muito forte para a questão da educação, eu acho que em 2030 nós teremos melhor qualidade para viver nesse Estado.

Vejo e desejo um Estado com uma estrutura educacional muito mais adequada, tanto na qualidade da educação do ensino fundamental e na do ensino médio. Um ensino médio muito mais harmonioso com as demandas dos jovens e uma rede de escolas tecnológicas públicas e privadas para sustentar o nosso desenvolvimento, com o nosso nível de educação se aproximando dos países desenvolvidos. Até 2030 temos que nos concentrar na educação, que é fundamental para nós.

O Espírito Santo é pequenininho, então nós precisamos ter uma qualificação melhor. A média de anos de estudo nossa é muito baixa ainda, o número de anos de estudo da população. Nós precisamos avançar aí, na questão de educação e de formação profissional, para que os capixabas como um todo aproveitem essas oportunidades [...] ou reduza esse fluxo de mão de obra especializada, de aglomeração de outros Estados para cá, Eu acho que esse é um outro tema importante, a questão da qualificação da mão de obra.

Eles pontuam também que deve haver melhora na qualidade da educação de base e isso deve ser feito por meio de pesados investimentos do governo. Somente por meio de um ensino que se compare à qualidade de países que estão no topo pode mudar a realidade do Estado.

A educação é, na perspectiva dos entrevistados, o motor para a melhoria da sociedade capixaba, sobretudo na diminuição da desigualdade social, que reflete em diversos aspectos, desde a economia (com o desenvolvimento de qualificação de mão de obra, tecnologia e empreendedorismo), em aspectos sociais (como a melhora do IDH) e até em segurança pública (pois uma população educada também reflete na diminuição da criminalidade), meio ambiente (educação ambiental) e saúde.

Você pode ter um atendimento com muito melhor qualidade. Mas você tem que agregar tecnologia, tem que agregar gestão diferenciada, tem que agregar educação pública. Se todo mundo com dor de cabeça corre para o hospital, dor de cabeça não é hospital... Então isso é educação pública. Tem que explicar para as pessoas, aí elas vão direitinho, todas vão ser atendidas com muito mais precisão.

Quando você consegue educar adequadamente, você minimiza os problemas da saúde, você minimiza os problemas ambientais, os problemas sociais, certamente. Então, primeiro é a educação, depois segurança. Também educação passa muito por isso, a escolha que aquela pessoa pode fazer lá na frente. Se teve acesso a uma boa educação, pode optar ou não ser conduzida por uma vida marginal. Acho que passa muito por aí.

Precisamos de fato investir, temos o enorme desafio de aumentar o investimento na educação. Como o Espírito Santo pode fazer isso? Se nacionalmente, todo o movimento nacional de educadores defende o investimento de 10% do PIB na educação; hoje nosso

investimento fica de 4% a 5% do PIB, bem abaixo. Este investimento tão baixo mostra os resultados pífios nas estatísticas educacionais. Sob o ponto de vista do Espírito Santo, o que nós podemos fazer para melhorar a nossa condição e também o que podemos fazer através dos nossos parlamentares no Congresso Nacional para que possam nacionalmente incluir no processo de ampliação dos recursos por exemplo na área de educação.

O que é mais importante para o meio ambiente é você ter as pessoas com conhecimento, educação, esclarecimento suficiente para cuidar da saúde da sua comunidade, né! E não jogar lixo em qualquer lugar e fazer preservar a sua nascente ou você colocar restrições, ah, no empreendedorismo.

É também desejo dos entrevistados que haja um modelo educacional em que, desde a base, seja incorporada a cultura local, onde a partir de uma alta qualidade na educação, em um futuro ainda mais adiante, a formação profissional será de qualidade e reconhecida. Um ensino voltado às demandas e às realidades dos jovens e a implantação de tecnologias nas escolas para aprimorar o conhecimento dos alunos e caminhar para um Estado onde a educação base se destaque e forme jovens realmente inteirados com a realidade do Brasil e do mundo.

O primeiro ponto é a educação. Qual modelo educativo deve ser incorporado melhor no Espírito Santo? Não é apenas copiar um modelo. Mas qual modelo educativo deve ser privilegiado aqui? Para que ele de fato retrate a cultura, a raiz daquilo que está sendo aqui.

Então, o Espírito Santo será um local onde a pessoa pode empreender, onde pode ter uma boa vida, ter uma boa formação profissional, alta qualidade educacional.

Uma coisa básica é a educação... educação do saber, do pensar... não é ler e reproduzir. Você vai ver como as pessoas escrevem, que é ridículo. Ainda dizem que falam inglês, mas como falam inglês se não conhecem a própria língua? Que inglês o povo fala? Tem que ter uma educação forte, desde a base.

2.2 Saúde e segurança pública

Nós temos que montar uma base de serviços públicos na saúde, na segurança pública. Esses dois temas são temas de preocupação da sociedade. Nenhum desses temas fica de pé; nós não atendermos as expectativas da sociedade na relação à política deficiente na segurança e na saúde.

Na saúde há expectativa de investimentos em equipamentos com mais tecnologia (garantindo mais agilidade e confiabilidade nos resultados). Uma das principais demandas diz respeito à garantia de atendimento igual para a região metropolitana e para o interior, não havendo mais necessidade de deslocamento de pacientes do interior para a capital.

Eu vejo e saúdo até algumas iniciativas boas que o governo tem tomado, mas ainda carecemos de radicalizar mais a democracia.

A segurança pública também gerou expectativa muito grande na maioria dos entrevistados. Junto com a saúde e a educação, ela forma um dos pilares básicos da sociedade e hoje figura como um dos principais problemas do Estado. No Espírito Santo do futuro essa questão deverá ser superada. É interessante pontuar que a sensação de falta de segurança acompanha a questão do consumo de drogas ilícitas. Assim, alguns entrevistados pontuam que, para além das questões sociais, o Estado deve investir também na força policial.

Nós precisamos que o Espírito Santo cresça como um todo, então é aquela história, você acaba tendo migração indesejável, e efeitos aí em saúde, segurança, educação indesejáveis por conta de algumas áreas que não têm dinamismo econômico.

Segurança passa por uma questão de educação diferenciada, segurança, educação, saúde com prevenção, porque o Brasil não trata da saúde, trata da doença. Saúde é ter moradia, trabalho, esporte, cultura. A questão ambiental ainda é um grande gargalo, a questão de saneamento, esgoto, destilação do lixo.

Nós estamos fazendo cada vez menores ilhas dentro da cidade com segurança própria. A cidade não está mais integrada. Não tem aquela coisa da cidade tradicional, que tinha comércio, serviço, fornecendo segurança para outra, então isso acabou promovendo um caos.

A segurança muita gente olha para o lado social, vou investir na educação que vai dar na segurança, mas mesmo assim precisa dar uma olhada, porque precisa fazer as coisas específicas também, combate às drogas, mais específica ainda.

Como que você enfrenta, hoje, a violência? Como você enfrenta, hoje, tráfico de drogas? Como que você enfrenta, hoje, a perda dos jovens que estão indo embora aí, com 17, 18, 20 anos, em função do tráfico, todo dia? Já acostumou. Antes, morria alguém, "pô, morreu cara!". Agora fala "morreu por causa da droga". Você já não liga mais; como se nada tivesse acontecido, a coisa mais natural. A gente abre o jornal, o jornal tá saindo sangue pelo canto, e nós estamos olhando. Passa os olhos na primeira linha, se tem envolvimento com o tráfico de drogas você virou "ah, quem mandou se meter com o tráfico de drogas?". Então, qual é o olhar que nós temos, que precisamos ter, para essas questões sociais?

Outro ponto que deve ser ressaltado é que essa falta de segurança também foi atrelada à condição de urbanização do Estado. Por isso, alguns entrevistados entendem que no futuro, como o ES provavelmente estará mais urbanizado do que nunca, a questão da segurança deve ser prioritária.

2.3 Infraestrutura

Agora, a gente depende de infraestrutura, senão nós vamos virar um caos. Um caos urbano, um caos geral. Essa infraestrutura que vai determinar o ritmo nosso de crescimento.

Como foi discutido no bloco anterior, a questão da infraestrutura é fundamental para diversos aspectos relacionados ao desenvolvimento do Espírito Santo. É importante atentar-se para o fato de que, quando falamos em infraestrutura, há diversas abordagens diferenciadas para o tema,

que passam pelas questões da logística, dos transportes, da infraestrutura urbana, e também da infraestrutura dos sistemas de saúde e educação. Todos esses aspectos também estão interligados com outras questões, como segurança pública, mobilidade urbana, importação e exportação e desenvolvimento de tecnologias.

A fala mais contundente sobre infraestrutura na expectativa dos entrevistados está relacionada à questão da logística: a tríade estradas, ferrovias e portos é vista como algo atrasado, que não comporta a realidade econômica do território hoje e prejudica os negócios. A questão do aeroporto é outro fator de descontentamento do presente que também gera bastante expectativa futura.

Imagina o Estado funcionando com uma malha viária, ferroviárias, com esses modais funcionando aqui no Estado... Eu acho que, se essa infraestrutura funcionar, nós temos um Estado que ninguém segura mais.

Assim, para o futuro, o Estado terá de buscar meios para que esse gargalo na questão logística se resolva, seja em com o governo federal, seja em parceria com empresas privadas. Os entrevistados entendem que deve haver, para a próxima década, grandes investimentos nessa área.

Houve a citação da elaboração, por parte do governo estadual, do PROED-ES (Programa de Desenvolvimento Sustentável do Espírito Santo), que irá atuar na área de infraestrutura. Esse programa deve buscar desenvolver todos esses setores que hoje apresentam problemas, como as rodovias estaduais, os portos, o aeroporto (embora já tenha tentado sem sucesso) e a construção de um aeroporto no interior.

A criação de uma rede logística que permita às empresas que se dispõem a este desbravamento terem a garantia do escoamento de sua produção. Hoje, em Linhares, como exemplo temos a Coca-Cola, com o Suco Mais, bem como a Weg, uma das maiores empresas no ramo automobilístico mundial. A consequência desejada tem sido a descentralização dos empregos advindos dessa expansão para o interior e, obviamente, temos que garantir essa logística. Isso passa por estradas, isso passa por portos e isso passa por toda uma malha aeroportuária e rodoviária, é fundamental. Neste ponto, vemos a importância do PROED-ES para o futuro. O Espírito Santo depende do PROED-ES. Com o aprofundamento dos canais, duplicação da BR-101, duplicação da ES-010.

Além disso, há grandes investimentos anunciados para os próximos anos, principalmente na faixa litorânea, com a criação de novos portos de águas profundas, que irão demandar também outros aspectos infraestruturais relativos às cidades, principalmente do litoral capixaba. É válido ressaltar que o governo brasileiro anunciou mudanças importantes na área portuária, como a criação de uma agência controladora para o setor. Essa nova linha pode agilizar a realização de alguns trabalhos.

Espera-se que haja no futuro uma profunda mudança na infraestrutura urbana básica, como saneamento básico, esgoto, geração de energia, pavimentação e mobilidade urbana, e no planejamento das cidades, para que o crescimento esperado não se dê de forma desordenada. Tudo isso é visto como um conjunto de grandes desafios para o Estado, mas que, se realizados de maneira correta, servirão de base para grandes oportunidades de desenvolvimento.

Desafios que requerem novas perspectivas – construção de ciclovias e adoção das faixas exclusivas e motovias – e, numa região como a Grande Vitória, com mar e canais navegáveis, faz-se mister a utilização de uma alternativa marítima ao trânsito. A utilização de transporte aquaviário ajudaria a combater a superlotação do transporte rodoviário e atuaria como elemento do turismo local.

É preciso fazer um adendo para a questão da **mobilidade urbana**. Na perspectiva dos entrevistados, boa parte dos problemas de infraestrutura nas cidades capixabas está relacionado à mobilidade urbana. A capital foi apontada por muitos como exemplo de cidade onde a questão encontra-se no limite do caos.

Por isso, a expectativa é de que, no futuro, essa questão seja resolvida não só do ponto de vista da construção de mais e melhores rodovias e pontos de acesso entre as cidades, como também que haja investimento no transporte público de qualidade, de forma a estimular a população capixaba a diminuir a utilização do veículo próprio.

Vamos falar da Grande Vitória, que tem o maior gargalo... Mas Cachoeiro, Colatina... O que aconteceu com as cidades? As cidades cresceram e a quantidade de veículos cresceram [sic] também, e as ruas continuaram as mesmas. Então, tem que passar por um projeto de readequação da questão das principais vias das cidades. Eu vejo dessa forma. Hoje, quando fala que eu tenho que ir a Vitória, eu sofro dois, três dias de antecedência de saber que eu vou ter que ficar duas horas, às vezes eu fico três horas, dentro de Vitória para conseguir chegar aonde eu tenho que chegar.

Transporte público é muito ruim. Com o incentivo para compra de carros e o transporte ruim, cada vez o trânsito piora. É preciso investir em estrutura para a mobilidade urbana. Precisamos de pontes, ciclovias para qualidade de vida, incentivar as pessoas a andar a pé, criar túneis. Isso precisa ser resolvido.

Portanto, deve haver no futuro uma infraestrutura que atenda também à quantidade de pessoas que buscam o Estado pelas oportunidades de investimentos oferecidas, tendo educação e saúde de qualidade, segurança e facilidade de deslocamento. A expectativa é de que o Estado consiga comportar toda a demanda de mão de obra que está por vir e consiga ditar o ritmo de crescimento do Espírito Santo.

Espero que estas regiões se humanizem, se preparem para acolher as pessoas, para ter toda infraestrutura (na área educação, saúde), que a gente possa superar um dos grandes desafios em Vitória, que é a mobilidade urbana.

Agora, a gente depende de infraestrutura, senão nós vamos virar um caos. Um caos urbano, um caos geral. Então, essa infraestrutura que vai determinar o ritmo nosso de crescimento. E o problema que o País tem, não só o Espírito Santo, são certos radicalismos que a gente tem que saber negociar, principalmente os radicalismos ambientais. Achar que tudo faz mal ao ambiente pode comprometer o crescimento econômico e social de um país.

Pensa-se em um Estado mais moderno no futuro, muito mais urbanizado e que domina tecnologias aplicadas à realidade local, o que integraria de forma mais direta as regiões urbanas com as rurais.

2.4 Exportação de alto valor agregado

Esse ponto gera expectativa nos atores que enxergam a fragilidade da economia capixaba baseada nas commodities. Espera-se que, no futuro, o Espírito Santo consiga transgredir essa barreira e trabalhar com produtos de alto valor agregado.

Para que isso ocorra, no entanto, é necessário que haja tecnologia no Estado que possibilite o desenvolvimento de outros produtos. Entende-se como condição necessária para esse desenvolvimento a evolução das tecnologias que hoje estão presentes na economia capixaba. Essas tecnologias somente serão desenvolvidas, na visão dos entrevistados, a partir de um forte investimento, principalmente do governo estadual, em polos de tecnologia e em educação para qualificação de mão de obra.

O Espírito Santo tem um potencial agrícola muito interessante, mas trabalha com commodities. Por exemplo, café. Produz 11 milhões, 12 milhões de sacas de café, e vende o café... Você não poderia vender o saco de café, não. Teria que vender, sei lá, picolé de café, sachê de café, palha de café... Eu acho que é isso que tinha que vender, e não a saca de café.

Por que ao invés de exportar minério de ferro eu não vou exportar laboratórios que fabricam chip? Se eu exportar minério de ferro, vou empregar pessoas que vão ganhar dois salários mínimos, se eu industrializar para exportar uma máquina necessária para acumular energia solar, terei funcionários com salários melhores.

Em primeiro lugar, uma coisa que seria muito importante: ser construído um instituto de pesquisa de desenvolvimento tecnológico. Existir instituições muito focadas, de extrema necessidade para nós, como a biotecnologia. Tem temas, nessa área, que hoje ainda não definimos a carreira. (...) A questão da energia, temos que encontrar uma forma de diminuir as energias altamente poluidoras. Então, as energias alternativas vindas de massa verde, acho que temos que ter uma área assim.

2.5 Instituições

Apesar de falarem em melhorias neste aspecto na avaliação do Estado no presente, a visão para um Espírito Santo em 2030 se baseia em uma melhora crescente das instituições, ficando mais organizadas e integradas. A diferença nas perspectivas está no fato de que, para o futuro, os entrevistados gostariam de ver essa integração junto também à sociedade capixaba de maneira democrática e transparente.

Assim, a democratização da sociedade – entendida aqui como maior participação da mesma no planejamento, engajamento nas políticas públicas e em questões vistas como fundamentais para a economia capixaba, como o petróleo – é um anseio de boa parte dos entrevistados.

Que o plano esteja em discussão em diferentes âmbitos. Que esteja em escolas, bairros, discutindo os pontos, conquistando uma aderência da sociedade, para daí transformar-se em políticas públicas. Que seja um instrumento de referência.

Governo e sociedade têm que ir para a mesa, têm que ir para o debate, com consultorias, tentar trazer contribuições... Senão vamos ficar rodando, fazer o mesmo... Às vezes achamos que uma solução de cinco a dez anos é longa, mas é muito curta. O que vamos fazer com o recurso do petróleo, se não carimbar, dar um destino para ele, para que possa ser uma solução do futuro?

Outro desafio é a democratização da sociedade, democratização da participação do orçamento. O governo estadual democratizar cada vez isso. Eu vejo e saúdo até algumas iniciativas boas que o governo do Estado tem tomado. Ainda carecemos de radicalizar mais a democracia.

A qualidade das instituições do Estado para o futuro é na qualidade de sua evolução na eficiência e no planejamento com expectativas no aumento da capacidade de governar o Estado.

Em 2030, eu vejo o Estado com as instituições ainda mais organizadas que temos hoje, mais responsáveis, com mais diálogos com a sociedade capixaba... Eu vejo administração pública organizada, eficiente, responsável, usando planejamento e com profissionais capacitados ajudando a governar.

Então, eu vejo as instituições organizadas. Então se a gente continuar nesse caminho, eu vejo em 2030 um Estado invejável com relação a suas instituições, aqui no Estado do Espírito Santo.

Um Espírito Santo moderno, que contasse com infraestrutura, que contasse com instituições integradas, e essas instituições integradas garantiriam o pleno exercício da democracia aqui dentro do nosso Estado, no que toca isso no último aspecto: a maior legitimidade de um político, de um governante, está no voto conquistado, brigado, arrancado a rua; não há legitimidade em um cargo conseguido através de acordo de gabinete, através de arranjos políticos; não há legitimidade, o povo não respeita isso.

É um sonho que com tudo que tem aqui se for bem cuidado, a melhoria da qualidade das instituições, qualidade de um modo geral, porque ainda tem muito, evoluiu muito, mas ainda tem muito pra evoluir.

2.6 Gestão

Para a realização dessa ampla participação da sociedade civil nas questões-chave para o desenvolvimento do Espírito Santo, alguns entrevistados entendem que a gestão da máquina administrativa ainda deve ser mais bem articulada; os órgãos do governo devem estar em plenas condições de funcionamento, desenvolvendo ferramentas de gestão para nossas instituições.

Com relação a partir da gestão, acho que tem um movimento que começou no Espírito Santo, que acho que o governo atual está levando de maneira muito forte, muito intensa, que é a qualidade da gestão pública, o gerenciamento de projetos, o gerenciamento por resultado... Essa coisa toda. E isso está indo muito bem, acho que tem melhorado muito. Eu acho que, hoje, o Espírito Santo tem uma mente muito adequada. Organizar para ter um novo movimento de desenvolvimento. A gente tem o movimento da industrialização, e agora a gente tem que avançar num outro movimento. Enfim, eu acho que a gente tem uma mente adequada para isso, mas é preciso avançar nessa direção.

Apesar de haver concordância no que diz respeito à melhora das instituições, capitaneada pela administração do governo Paulo Hartung, que possibilitou a recuperação da economia e da imagem de credibilidade do Espírito Santo no cenário nacional, parte dos entrevistados entende que alguns problemas que o Estado enfrenta começam na falta de eficiência da gestão pública, como é o caso da educação, da saúde e da segurança pública.

Não tem como pretender entrar nisso (desenvolvimento) se nós não vamos resolver o problema da educação. Isso é uma fala do Brasil... Nós temos que resolver o problema da educação, todo mundo fala que é falta de dinheiro. Eu estou convencido de que não é dinheiro, tem dinheiro para resolver o problema. E aí, é a gestão, é um problema de gestão.

Tem que reformar as instituições que o governo tem hoje. Eu estou querendo dizer o seguinte: os dois bancos do governo, eles não estão aparelhados para fazer desafios que vêm pela frente... A secretaria de Desenvolvimento, os órgãos de desenvolvimento do governo não estão devidamente aparelhados pra esse desafio que o 2030 vai implicar. A secretaria de Educação, a secretaria de Saúde, a secretaria de Transporte também não estão aparelhadas. Tem que revisar tudo.

Um assunto que temos que avançar ainda é institucionalizar uma gestão mais adequada para a região metropolitana. Nós já temos o nosso conselho, é uma cidade só, e cada vez mais será uma cidade mais expandida, que vai de Linhares até Anchieta, até Itapemirim... Daqui a pouco vai pegar essa região metropolitana toda. Então vamos expandir para tanto. Mas a atual região metropolitana precisa de uma gestão, precisa institucionalizar. Nós não temos ainda. Nós temos um conselho, nós temos fundo... Acho que podemos avançar, devendo algumas experiências ou alguma empresa que possa compartilhar a responsabilidade, ou uma agência que tem esse papel. Porque se a gente usa bem essa gestão microrregional na região metropolitana, para ir expandindo...

Eu acho que para isso tem que ter uma gestão pública sabendo aonde quer chegar. Então, nós não queremos daqui a 30 anos ser o Rio de Janeiro como é hoje, nem daqui a 100 anos.

Em resumo, a gestão pública caminha para uma melhora, mas há críticas em relação a ações, medidas mais eficazes e posturas mais sérias em relação a essas áreas. Há carências de ordem estrutural condicionadas por um contexto institucional, principalmente na esfera dos serviços básicos, que gera expectativa para que futuramente esses problemas sejam tratados de forma mais eficiente.

2.7 Crescimento econômico (investimentos, desenvolvimento e migração)

Tem muitas possibilidades de crescer com essa conexão muito forte com o exterior, o mundo é global... Cada vez mais global... Isso é uma característica importante que a nossa economia tem, quer seja pela exploração de petróleo e gás, estamos aí, na fronteira brasileira com muitas possibilidades de ampliação da produção, e também pelas amplas possibilidades de investimento em infraestrutura que o Estado deve receber para dar vazão a esse desenvolvimento econômico, que se coloca de forma que nós somos um

ponto no território brasileiro que tem grande chance de ter, nessas próximas duas ou três décadas, uma grande movimentação de investimentos.

Os entrevistados aspiram para o futuro um Espírito Santo economicamente mais estabelecido, mais rico e com mais visibilidade no cenário nacional. Com desenvolvimento mais acelerado e um Estado com oportunidade para todos e com os índices de desenvolvimento humano e social de países já desenvolvidos.

O grande diferencial para a análise que se fez do Estado hoje está no desejo da integração deste com o desenvolvimento social. Aspira-se que o Espírito Santo procure resolver suas questões sociais da mesma forma que fez com a economia.

Do ponto de vista econômico, é a hora e a vez do Espírito Santo. O Espírito Santo vai ser um dos Estados mais desenvolvidos do País. Agora eu me interrogo sobre a mentalidade na qual está sendo para ser um Estado desenvolvido, isso sem dúvida alguma, mas com grandes injustiças. (...) Então o Estado aqui tem um futuro bonito do ponto de vista econômico, poderia ser melhor, depende de como vai levar, mas que eu acho que está destinado a ser um Estado desenvolvido, não tenho dúvida nenhuma não, vejo como muito positivo isso.

O sonho seria que a gente conseguisse conferir desenvolvimento econômico, que as pessoas tivessem como já têm hoje maior oferta de emprego; é possibilidade de uma educação de qualidade que, a gente vê, melhorou muito no Estado, saúde também a gente percebe que tem melhorado, que ainda pode melhorar, já esta no caminho que a gente tivesse tudo isso. Mas que a gente tivesse a qualidade de vida que a gente tem hoje pelo menos garantida, que a gente conseguisse que esse desenvolvimento econômico não inchasse a estrutura do Estado, que é um Estado já pequeno, cidades pequenas, municípios pequenos, uma população pequena, que eu entendo que pode crescer muito mais, que vai acabar acontecendo isso com esse poder que a gente tem hoje.

Assim, o Espírito Santo do futuro deverá ser um território que desenvolve não somente a sua economia, como também a qualidade de vida da sua população, traduzida em serviços básicos de qualidade, equilíbrio entre área urbana e rural e mais igualdade entre as regiões acerca dos investimentos e dos projetos econômicos e sociais. A sustentabilidade, não só do meio ambiente como da própria sociedade e do Estado, deve ser consolidada.

Importante ressaltar que tudo isso deve vir harmonizado com a questão ambiental, que aqui surge como um ponto que deve ser pensado quando se fala em desenvolvimento econômico para o futuro.

Acho que vejo como meio termo de equilíbrio da preocupação com o meio ambiente natural e cultural, e o desenvolvimento econômico realmente bem mais acentuado.

Um Estado muito mais rico economicamente, sem dúvida mais populoso. Também sem dúvida um Estado menos discreto do ponto de vista da notoriedade nacional. As pessoas vão olhar mais para o Estado do Espírito Santo, que está crescendo, apresentando muitos resultados interessantes, mas também um Estado mais inchado, com uma qualidade de vida pior.

Por isso, o que se espera é um Estado equilibrado em seu desenvolvimento, com mais ciência e tecnologia, com educação de qualidade, e atraindo investimentos e indústrias, principalmente nas áreas de petróleo e gás, havendo um reflexo positivo no social, econômico e político. Sem inchaço populacional, com serviços básicos de qualidade.

O Estado será muito mais forte economicamente, um Estado que terá uma estrutura de ciência, tecnologia, educação muito mais arrojada, mais importante do que tem hoje, e eu acredito que será um Estado que vai cuidar mais das pessoas e do meio ambiente do que cuida hoje.

Eu vejo o seguinte, uma relação de crescimento, principalmente com o escoamento da produção brasileira, que é uma tendência. Se forem feitos todos esses cuidados, eu acho que até pode ser que tenha um crescimento econômico bastante.(...) Acho que vejo como meio termo de equilíbrio da preocupação com o meio ambiente natural e cultural, e o desenvolvimento econômico realmente bem mais acentuado.

Apesar da visão positiva de desenvolvimento e crescimento para o Espírito Santo no futuro, há algumas preocupações com relação às consequências desse crescimento. Uma delas é com relação ao inchaço populacional, derivado da chegada de empreendimentos ao Estado, com oportunidades de empregos, atraindo para seu entorno grandes números de pessoas, sem sequer haver infraestrutura que comporte e atenda às demandas básicas.

Espero que não tenha uma população gigantesca, porque esse é um risco que tem, de a população crescer, mas com o modelo que tem sido usado hoje, para a construção dos empreendimentos, que emprega muita gente.

A questão do aumento da população é um ponto de atenção no discurso do desenvolvimento. É sabido pelos entrevistados que os investimentos na economia capixaba têm atraído muita migração para o Estado nas últimas décadas e há receio quanto ao inchaço populacional.

Deve haver a preocupação de não apenas crescer e se desenvolver, mas de fazer esse crescimento e esse desenvolvimento de fato se consolidarem, se fazer funcionar.

2.8 Ciência, tecnologia e qualidade

A imagem desejada é de um Estado gerador de emprego, gerador de renda, gerador de tecnologia, de serviços, com polos tecnológicos.

Uma outra coisa é ter grandes centros de pesquisa no Estado, produção de ciência e tecnologia no Estado; conhecimento é fundamental.

Uma coisa que seria importante ser construída é uma instituição de pesquisa de desenvolvimento tecnológico. Eu ainda estou falando de uma, só uma, porque hoje não existe aqui, mas existir instituições muito focadas em áreas de extrema importância para nós, como já falei da biotecnologia.

O desenvolvimento e a geração de novas tecnologias é primordial para um desenvolvimento de destaque. No futuro do Espírito Santo, isso é bastante almejado. Espera-se que haja no território capixaba grandes centros tecnológicos de pesquisa e entende-se que isso será impulsionado por uma educação também de qualidade.

Por isso, o investimento em ciência e tecnologia é apontado como fundamental e há um caminho a ser construído no Estado. A ciência e a tecnologia que cabem neste discurso representam também pensar sobre novas oportunidades de negócio, para além do que está apresentado no momento. Representa um investimento efetivamente no futuro do Estado, sustentado por um crescimento que agregue valor e qualidade de vida.

Então a gente vai estar em uma fase de grande agregação de valor, de conhecimento, de tecnologia de depuração dos empreendimentos existentes aqui, a simplificação, menos maquinário, menos gente para operar, menos poluição, menos efeito, na segurança do trabalho.

Os entrevistados veem na tecnologia também a possibilidade de mudar o paradigma da oferta de emprego e da procura, deixando a população local de servir apenas de mão de obra de base para as grandes empresas que estão no Estado e dar início a um novo patamar de absorção da mão de obra local.

Essa perspectiva de futuro está intimamente conectada com a visão da fragilidade da economia capixaba em relação a sua grande dependência da exportação de commodities. Entendem que o desenvolvimento de tecnologias pode fornecer os subsídios necessários para essa produção de alto valor agregado, sobretudo na esfera do agronegócio.

Minha visão de 2030, vamos ter 18 anos a frente, é de um Estado assim, com muita tecnologia, com uma população muito urbanizada, rodando na educação o tempo inteiro; as pessoas com dinamismo econômico compatível com isso; não só produção e commodities para exportação, isso é um ponto de partida fundamental, mas a gente também produzindo outras coisas mais intensivas em tecnologia e mais próximas de produtos finais.

Por que ao invés de exportar minério de ferro eu não vou exportar laboratórios que fabricam chips? Se eu exportar minério de ferro, vou empregar pessoas que vão ganhar dois salários mínimos. Se eu industrializar para exportar uma máquina necessária para acumular energia solar, terei funcionários com salários melhores.

Também se contempla nesse discurso a possibilidade de a tecnologia consolidar o desenvolvimento do Estado de maneira sustentável.

2.9 O litoral e o interior: discrepâncias

É um Estado em que tivesse qualidade de vida, menos desigualdade, e, principalmente, um equilíbrio entre litoral e interior, entre Grande Vitória e interior; incluir um processo de imigração menor.

A discrepância entre a região litorânea e o interior do Espírito Santo é um processo histórico, que se inicia com a própria história da capitania. Durante séculos, no Estado a economia ficou contida na faixa litorânea, por diversos motivos, inclusive pela falta de fôlego para se adentrar ao território. Essa condição imprimiu no Estado um desenvolvimento desigual, tanto do litoral para o interior quanto do centro para as pontas (norte e sul). A questão da sustentabilidade aparece aqui, no sentido de aproveitar as potencialidades de cada região.

Tinha que reduzir as desigualdades sociais. O Espírito Santo é um Estado muito rico, com bom sistema portuário, pessoas qualificadas. Mas, se pegar a região norte, a parte dos quilombolas, é uma miséria só. Pega as regiões deprimidas: Colatina, Baixo Guandu... O sul, sobretudo Apiacá, toda aquela região é de uma agriculturazinha vagabunda... As pessoas vivendo no limite da miséria.

A questão da interiorização do progresso, sempre discutir como vão fazer, que a riqueza possa distribuir melhor para todos os centros do Espírito Santo. Sair do litoral e ir mais para o interior. O litoral tem seus privilégios, mas o interior é muito importante. Depois, o investimento no turismo, buscar e criar uma mentalidade que nós temos riqueza muito grande que devem ser redescobertas.

O tema de planejamento futuro também é justamente no desenvolvimento harmônico das regiões. Como incrementar o desenvolvimento das regiões, para fortalecer a permanência das pessoas nas suas regiões, sem que elas venham para a região metropolitana da Grande Vitória.

No discurso dos entrevistados essa dicotomia é bem acentuada. Há uma percepção de que ocorre maior desenvolvimento do litoral em detrimento do interior. A descentralização dos investimentos econômicos é apontada por muitos como fundamental para reversão desse quadro, que consideram bastante desfavorável para a população. É preciso haver equilíbrio no desenvolvimento das regiões. Além da economia, é notório que grande parte da população do Estado hoje se encontra nas cidades da faixa litorânea. Essa condição acentua ainda mais a desigualdade entre o desenvolvimento das regiões, ficando as regiões do interior e mais distantes da Grande Vitória como sendo consideradas bolsões de pobreza, atraso e falta de investimento.

O litoral do Estado ainda é o mais visado para negócios e investimentos. O interior é visto como o local que necessita de investimentos para se desenvolver e que precisa caminhar para o crescimento e a solidez, assim como a região litorânea. O interior precisa se consolidar, receber incentivos e atrair investimentos. Deve trabalhar em junção à região litorânea para progredir e atrair incentivos e interesse de grandes indústrias.

No caso do norte, que é atendido pelo incentivo da Sudene, as obras de infraestrutura podem expandir o desenvolvimento da região.

Representamos o ponto de encontro do Brasil, estamos no meio da costa brasileira. Nós temos uma posição geográfica, aqui, extraordinária, né? E, dentro disso, dentro dessa regionalidade nossa, nós temos região Sudeste e nós temos uma área que pertence à Sudene... Uma área que é a metade do Estado, não é uma área isolada do mundo, muito afastada, uma área que é a metade do Estado, metade do território capixaba.

Tem que desenvolver o interior, mas se a gente consegue desenvolver uma rede de cidades com um bom eixo logístico bem planejado e bem pensado, isso, sem dúvida, ajuda e colabora, e é muito importante.

Oportunidades para o interior. Aí, a construção de redes de cidades capaz de interiorizar o desenvolvimento é, sim, importante, né? Porque é... de fato, é olhando para as próprias teorias de desenvolvimento local sustentável e tal, você tem que mobilizar aqueles recursos que estão já disponíveis no próprio território.

É normal termos um maior desenvolvimento na região litorânea. É preciso que o governo atraia indústrias para as regiões mais pobres, mas é preciso ter uma logística eficiente, creio que a duplicação da BR-262 ajude, pois isso ajuda que as empresas se instalem em torno dessa rodovia, assim como a BR-101. Talvez com uma logística mais eficiente, consigamos um melhor desenvolvimento, incluindo a chegada a pontos turísticos, a construção de hotéis e restaurantes.

Assim, a expectativa de muitos entrevistados é de que no futuro essa situação seja de um pouco mais de igualdade entre as regiões. Para tanto, se faz necessário garantir que também as regiões e os municípios interioranos possam aproveitar as suas potencialidades, explorando negócios ligados a agricultura, turismo, agroturismo, fruticultura, agroindústria, arranjos produtivos como o moveleiro, mármore e granito, confecções e outras formas de desenvolvimento dessas regiões.

2.10 Agronegócio: a questão agrícola

Para minimizar as discrepâncias entre o litoral e o interior, os entrevistados apontam o desenvolvimento do agronegócio para o futuro do Estado.

A agricultura foi citada como uma atividade de expressividade econômica, especialmente o agronegócio, que beneficia grande parte da população do território estadual, influenciando a economia de 61 dos 78 municípios. Ela é bastante significativa na participação no PIB estadual. No caso do agronegócio, estima-se que o mesmo represente aproximadamente 30% de toda a riqueza produzida no Estado.

Por isso, o agronegócio é percebido como uma opção para harmonizar o desenvolvimento econômico do Estado, agregando maior número de municípios, diferentemente das atividades de petróleo, gás e siderurgia. Estes últimos tendem, por conta das suas áreas de atuação, a concentrar investimentos na faixa litorânea e na região metropolitana.

Outro ponto que surgiu foi o incentivo de produção de tecnologia também para a atividade agrícola. Apesar de o Incaper ter sido mencionado, como há um sentimento de desvalorização da agricultura como uma atividade econômica de importância para o Estado, os entrevistados entendem que esses investimentos são tímidos.

Temos que ter coragem de valorizar pequenas empresas, agricultura familiar... O dinheiro fica aqui. Os grandes empreendimentos vão trabalhar para que o dinheiro fique muito mais fora do que dentro.

A outra questão é o agronegócio... Então, o agronegócio, nós temos uma empresa muito importante aqui, que é o Incaper, que desenvolve muitas tecnologias. Mas é um setor que, mesmo estando bem, mesmo com boas posições em alguns produtos, é um setor que, no plano de longo prazo, precisa continuar sendo incentivado, apoiado com novos mecanismos para que essas regiões do Estado deixem de trazer pessoas do interior para a Grande Vitória.

Ainda sobre essa questão, é importante que se incentive a diversificação, não só dos produtos agrícolas como também das atividades agrícolas, agregando outras perspectivas, como o agroturismo, o ecoturismo etc.

A parte relacionada à agricultura de café, como talvez com algumas commodities, de fato para economia capixaba, commodities agrícolas, acho que o Estado tem aí um potencial de manutenção razoável dessa vantagem que construiu nessa área. Talvez tenha que estar atento à economia do café como um todo e não só à produção do café. A economia do café é uma coisa parecida com a economia do petróleo, obedecidas as devidas lógicas, porque em pouco tempo se constrói um parque cafeeiro em outros lugares; você não constrói um parque petrolífero.

O setor rural, ele tem que diversificar produtos, como já fez. Nós produzíamos um tipo de café, e hoje produzimos dois tipos de café, basicamente. Nós produzíamos poucas frutas, e hoje produzimos várias frutas. Mas podemos produzir produtos de valor agregado maior, e precisamos também desenvolver uma competência de, a partir dos produtos agrícolas, desenvolver outros produtos, como a gente já faz com o café. Você tem uma produção de café de uma região, mas dali, na verdade, saem vários cafés. De acordo com a tecnologia, você consegue sabores diferentes etc. Então, diversificar no duplo sentido.

Um fato importante, que pode ajudar muito as regiões do Estado, é a canalização do gás que nós estamos levando para o interior. A presença do gás pode gerar energia e facilitar a implantação de agroindústria em várias regiões do Estado, onde não tinham isso, e, com isso, evitar vir pessoas e se concentrar na Grande Vitória. Na região serrana nós temos um potencial enorme do turismo, do agroturismo, do ecoturismo, que, eu penso, ao lado de hortifrúti é a grande vocação dessa região. Na região do Caparaó também, nós temos uma vocação turística muito grande, e a região sul tem um papel importantíssimo aí, nessa área do mármore e do granito e da pecuária, e outros elementos.

Porque hoje você não pode dissociar a agricultura das agroindústrias, dos processos de distribuição... Então, quando nós trabalhamos sob a ótica de agronegócio, ou seja, os quatro elos que nós temos numa cadeia primitiva que envolve produção, que envolve insumos, que envolve agroindustrialização, e que envolve distribuição, o agronegócio aqui, para o Espírito Santo, proporcionalmente, ele é mais importante do que para o Brasil. Enquanto que, em termos de Brasil, o agronegócio representa cerca de 23% a 24% do PIB, dados do Instituto Jones, os últimos dados apurados, aqui no Espírito Santo, o agronegócio, ou seja, a agricultura e seus negócios associados como um todo, agricultura nesse setor agrícola, envolvendo pecuária, pesca, produção de alimentos, enfim, de energias renováveis, através da agricultura, aqui isso representa 30%.

É importante também diversificar a produção e gerar, por meio da agricultura, produtos que tenham valor agregado.

O café tem uma economia importante para ser olhada. Precisava aplicar conhecimento e estimular as pessoas do café a outros investimentos. Talvez implantar cadeias, investir em outras culturas que sejam apropriadas e associadas à estrutura econômica e agrária do Estado. Falo aí de coisas do tipo produtos de alta renda, que são produtos que têm, em geral, mercado muito cativo.

Quero que o Espírito Santo, em função da sua localização, tenha um potencial enorme para que nós, juntamente com os governantes, colocássemos no Espírito Santo, empresas que pudessem agregar valor, ou seja, o Espírito Santo tem um potencial e tem uma produção de café conilon que eu diria assim: é a maior do Brasil. Mas o Espírito Santo é vendedor de matéria-prima.

Os produtos que têm essa natureza do apelo agrícola, que têm essas características de ser muito... atendem a uma satisfação humana, do consumidor, muito avançada. É, ao mesmo tempo, tradição e avanço; combina essas duas coisas.

É importante ressaltar, ainda, que o interior precisa se valer de infraestrutura adequada e de logística para o escoamento de sua produção e que, por isso, é fundamental que haja, no futuro do Estado, um grande incentivo para o campo.

2.11 Desenvolvimento cultural e o turismo

Eu acho que o aproveitamento dos espaços que o Estado e a região têm de lazer, de natureza, os ativos que têm, vão ser muito mais bem aproveitados: parques, coisas organizadas, para visitar.

É importante ressaltar que a noção de cultura é divergente para os entrevistados. Há, assim, duas visões do que seria cultura. A primeira refere-se à cultura capixaba num sentido identitário, ligado ao território e, nesse discurso, cabe o ressentimento em relação à posição que o Espírito Santo ocupa no cenário nacional. Esse discurso é também bastante comparativo com outros Estados, principalmente os da região Sudeste.

A outra concepção está ligada a práticas e costumes entendidos como culturais, como a ida a museus, a gastronomia e eventos culturais.

Com relação à cultura capixaba, há uma percepção por parte dos entrevistados de que impera no Estado uma cultura, um comportamento cultural de grupo, que permeia não só, mas, sobretudo, a esfera pública e associa-se a práticas clientelistas de personalização dos espaços públicos. Nesse sentido, apontam que muitas dificuldades em buscar soluções concretas para os problemas antigos, tais como infraestrutura, mobilidade urbana, transporte, logística e segurança pública, advêm de um comportamento tido como provinciano, de pensar-se ainda privilegiando politicamente certos grupos.

Há também aqui a associação da cultura com atividades entendidas como culturais. Há sinalização da falta de equipamentos públicos que poderiam oferecer eventos e lazer para a população.

Acho muito importante também a questão cultural, que pode ter vários aspectos: a cultura como lazer e também como negócio. Uma região com intensas manifestações culturais pode ser retrato que as pessoas têm uma boa qualidade de vida; as pessoas têm salários, espaço e tempo para ter um lazer. Por outro lado, é uma maneira de preservar nossa história.

Ter uma vida cultural fervilhante faz muita falta. Museu, nem pensar! A base não é econômica, é social, é de conhecimento, é de pessoas.

Eu acho que isso é extremamente importante, porque você gera, você desenvolve as instituições, que no fundo são as regras, os costumes, as percepções, a cultura capaz de fazer as regiões se desenvolverem. A gente junta as pessoas num propósito só e aí você faz com que as pessoas se mobilizem mais facilmente dentro dos seus recursos, das suas capacidades para esses processos. Então eu acho fundamental.

Uma das atividades que os entrevistados entendem como parte da cultura capixaba e que deve ser valorizada no futuro é o turismo. O território do ES é visto como dono de belezas naturais que são pouco exploradas. Temos em uma pequena faixa de território, praias e montanhas. Valorizar o próprio Estado também é algo que os entrevistados gostariam de ver impresso no comportamento do capixaba.

O investimento no turismo, buscar e criar uma mentalidade que nós temos riquezas muito grandes, que devem ser redescobertas.

Temos muitos pontos turísticos, como os casarios, como a nossa cultura germânica, italiana, mesmo afrodescendentes igual ao norte do Estado, então tem que remapear esses pontos turísticos no Estado e explorar mais, não só para o turista, mas também para estudo de outras faculdades, de outras universidades, não só para antropologia, mas a parte social e a parte comportamental.

O Espírito Santo está num dos lugares mais bonitos do País, e nós não exploramos o turismo como deveríamos explorar, infelizmente. Fora Guarapari: as pessoas de fora do Estado falam "conheço Guarapari". Então é preciso explorar. O turismo de montanha evoluiu, mas é pouco ainda... Então, nós temos possibilidade no turismo, temos possibilidade na logística aqui.

O Estado tem tudo para ser um Estado na frente, até do ponto de vista turístico, do ponto de vista da economia através da política, o turismo poderia criar muitas divisas aqui; eu acho que poderíamos crescer muito nesse sentido.

O turismo ambiental é importante nas regiões da montanha próximas à Grande Vitória e ao Caparaó, que nós aproveitamos muito menos que MG. Nós temos uma perspectiva extraordinária de desenvolvimento nesta região.

Outro ponto ressaltado é a valorização da cultura local, de cada região, como os pomeranos, que deve ser preservada e valorizada.

Na região de Pancas, que tem lugares incríveis, os pontões, um lugar muito especial... Eu acho que, no Brasil, não tem um lugar tão bonito como ali; um potencial enorme para desenvolver um trabalho de turismo cultural e sustentável. Tem uma comunidade tradicional ali, de pomeranos. Acho que, sabendo desenvolver com inteligência, acho que tem um potencial bem grande.

É uma região muito bonita, do período do café, tem conjuntos urbanos importantes, que são Muqui e São Pedro do Itabapoana, que investem em festival, que existe toda uma cultura... Reis magos... Locais também que poderiam estar trabalhando com essa visão de investimento e não só descritiva.

Nós temos, inclusive, uma cultura de pomeranos espalhados por vários municípios. Nós estamos planejando fazer um inventário dos pomeranos, para ver o que é possível fazer, até em termos de preservar a tradição. Estamos fazendo um trabalho de proteção, no jardim das Guttatas, na ocorrência de orquídeas da família Guttata, em Linhares.

Importante perceber que a atividade turística também está ligada à valorização do meio ambiente e à preservação do mesmo. A questão do meio ambiente é também um assunto que perpassa as diversas esferas de análise do discurso dos entrevistados. Por isso, alguns entrevistados apontam as belezas naturais do Estado como potencialidades para o turismo por meio do ecoturismo.

2.12 Meio ambiente

Nós vamos ter que enfrentar a crise e a preservação do meio ambiente.

Um tema que nós temos que ter em mente é a questão do ambiente, ou seja, nós não podemos ter crescimento e desenvolvimento a qualquer custo, não é? Então eu acho que esse é um tema importante. Nós temos grandes oportunidades e acho que nós não temos que acelerar nem queimar nenhuma etapa. Ou seja, precisamos ter um crescimento aí que respeite o meio ambiente. Nós temos restrições, o padrão natural; o Espírito Santo é um Estado que tem restrição de água, água doce, água é um bem escasso, portanto nós temos que ter ferramentas e tecnologias que poupem recursos naturais, que sejam menos agressoras ao meio ambiente.

Esse é um tema pouco discutido pelos entrevistados, sendo colocado pela maioria apenas de forma tangencial, sempre em relação a outros grandes temas e, principalmente, quando se fala no desenvolvimento futuro do Estado. Assim, o meio ambiente é agregado ao discurso da sustentabilidade, sendo colocado como um potencial para novos negócios.

O Estado será muito mais forte economicamente, um Estado que terá uma estrutura de ciência, tecnologia, educação muito mais arrojada, mais importante do que tem hoje, e eu acredito que será um Estado que vai cuidar mais das pessoas e do meio ambiente do que cuida hoje.

Acho que vejo como meio termo de equilíbrio da preocupação com o meio ambiente natural e cultural e o desenvolvimento econômico realmente bem mais acentuado.

Então, assim, eu vejo o Espírito Santo... Ele tem uma oportunidade muito grande. A gente fala muito em economia verde; eu acho que as características do Espírito Santo nos colocam muitas possibilidades de ser um Estado, assim, num nível de salário elevado, num nível de distribuição de renda bem menos desigual que é hoje, bem mais igual que é hoje... Ter também uma preservação ambiental importante. O Espírito Santo tem áreas verdes importantes. Tem mar, rios e tem uma série de coisas importantes... Que podem até ampliar essa biodiversidade. Então tem uma riqueza cultural grande. Eu acho que a gente tem que pensar no Espírito Santo do futuro, com esse modelo de economia verde no mundo...

Há, ainda, certo receio, quando se projeta o Estado do futuro, de que esse desenvolvimento traga um grande contingente populacional para as cidades e, nesse sentido, que um crescimento desordenado e não planejado possa trazer prejuízo ao meio ambiente.

Um ponto que se relaciona com o tema também é o desenvolvimento de novas tecnologias, que pudessem fornecer alternativas mais sustentáveis para os negócios e a utilização consciente dos recursos.

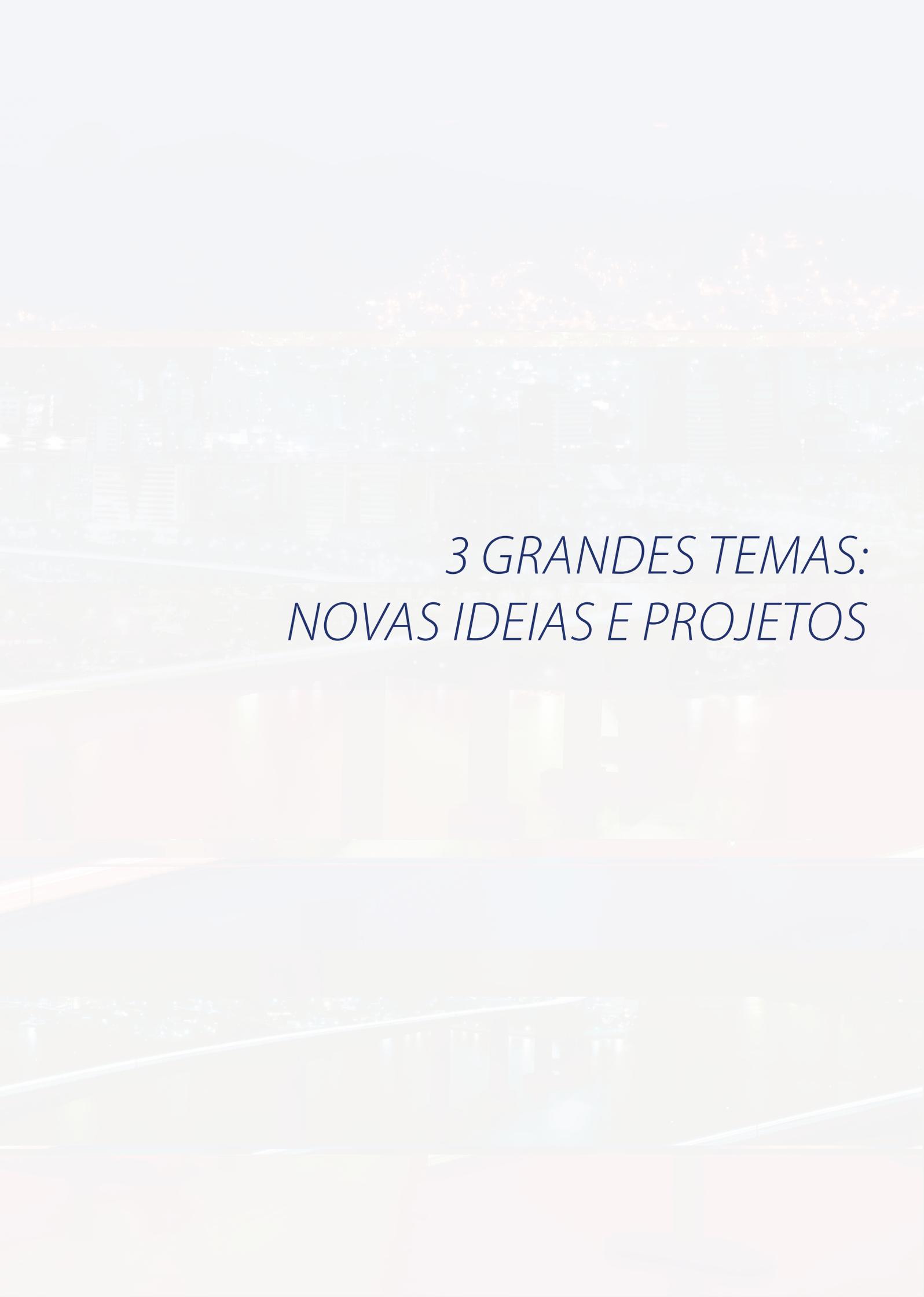
Outro assunto que também é entendido como da esfera ambiental é a questão da gestão dos recursos naturais, principalmente os fornecedores de energia (como a água, o gás, a energia solar). Há ainda, preocupação com o lixo, sendo apontado o tratamento dos resíduos como uma solução sustentável, menos agressiva ao meio ambiente.

Alguns entrevistados apontam as belezas naturais do Estado como potencialidades para o turismo: o ecoturismo.

Alguns apontaram ainda, a necessidade de educar a população para as questões ambientais como forma de introduzir e qualificar o debate.

O que é mais importante para o meio ambiente é você ter as pessoas com conhecimento, educação, esclarecimento suficiente para cuidar da saúde da sua comunidade e não jogar lixo em qualquer lugar e fazer preservar a sua nascente ou você colocar restrições, ah, no empreendedorismo, né?

Em resumo, existe um forte sentimento de que haverá um futuro promissor economicamente, um lugar com qualidade para viver, potencial para realizar sonhos, que tenha qualidade de vida para a população, um Estado seguro, com educação de qualidade e sistema de saúde satisfatório.



*3 GRANDES TEMAS:
NOVAS IDEIAS E PROJETOS*

Neste bloco estão colocados todos os temas que já foram desenvolvidos nos blocos anteriores, porém aqui há ideias e propostas para os desafios. É importante ressaltar que poucos foram os entrevistados que realmente propuseram projetos ou ideias para esses temas, portanto algumas falas não têm propostas concretas, mas guardam o sentido de serem propositivas e, por isso, estão condensadas aqui.

3.1 Tecnologia

A tecnologia não é um tema que tenha grandes ideias. Persiste a noção de que para desenvolver novas tecnologias locais, que sejam condizentes com a realidade capixaba, deve-se investir maciçamente em educação. Interessante notar que a educação deve passar por reformas em todos os seus níveis, da base ao ensino superior⁴.

Uma coisa importantíssima do Estado, que é fundamental para o desenvolvimento do futuro do Estado, é o investimento em ciência, em tecnologia e inovação. Inclusive tem um projeto do parque tecnológico, que está sendo implantado. É fundamental investir em educação e em pesquisa, ciência, tecnologia e inovação.

Acho que a evolução no tema do desenvolvimento tecnológico no Estado é muito importante.

3.2 Meio ambiente

Esse é um tema bastante recorrente nos projetos de futuro. A ideia é de que haja desenvolvimento econômico, mas esse deve ser atrelado à questão ambiental, principalmente na sustentabilidade dos recursos finitos (o mais citado foi o hídrico).

Os entrevistados entendem que o poder público deve ter sua atuação para muito além da questão dos licenciamentos ambientais de grandes empresas; deve desenvolver projetos sustentáveis para o território, que tenham resultado positivo, mesmo que seja em longo prazo. Esses projetos devem fomentar novos negócios para o Estado.

Precisamos ter um crescimento que respeite o meio ambiente. Nós temos restrições, o padrão natural; o Espírito Santo é um Estado que tem restrição de água, água doce, água é um bem escasso, portanto nós temos que ter ferramentas e tecnologias que poupem recursos naturais, que sejam menos agressoras ao meio ambiente. Então meio ambiente eu acho que é um tema importante em todas as dimensões, no uso dos recursos naturais e também na questão dos resíduos sólidos.

A oportunidade do lado da chamada economia verde, o cuidado com o meio ambiente, de serviços que podem aparecer na proteção ambiental, é hoje o segundo negócio do mundo, depois do complexo eletrônico. Consultorias, produção de equipamentos para controle ambiental [...], há um mundo de negócios que hoje já é o segundo maior do mundo e que nós do Espírito Santo também não estamos nele.

⁴ Esse tema é mais bem discutido no subtópico específico.

Fomenta a economia verde, fomenta, muitas vezes, até financeiro, se for o caso; a educação ambiental, importantíssima e muitos casos legislação de controle... Tem os órgãos de controle ligados à secretaria, que é o lema. Qual é a política pública do lema? É de não travar o desenvolvimento, não negar o recebimento de um empreendimento, mas que esse empreendimento seja recebido com todo amparo tecnológico necessário. A proteção... a máxima proteção ambiental. Esse é o papel da política pública. Regular isso é saber o quanto é importante um empreendimento entrando no Estado.

A questão ambiental, ela tem que entrar, no meu entender, de uma forma nova. Não como uma questão de polícia, uma questão de fiscalizar se o cara fez errado. Mas sim uma questão onde a educação ambiental seja o carro-chefe, desde o gestor maior até o pequenininho, para que o compromisso com o proteger o meio ambiente se dê de forma natural, e não ocorra apenas como imposição para apenas fazer um licenciamento ambiental. Mas que isso se dê no entendimento de que é um novo valor.

Esse processo de licenciamento ambiental, a gente pode agregar mais técnica a isso. Nisso, torná-lo mais interdisciplinar. E isso tem muitos ganhos a oferecer, tanto no processo de licenciamento para empresas propriamente ditas, quanto na agilidade, na passagem de você medir resultados... Isso tem um espaço muito grande para a gente avançar ainda.

Então a gente tem que pensar isso. Agora, margear o Rio Doce com árvores, dragar o Rio Doce pra você recuperar a baía, isso é fato, porque a gente estragou lá atrás e não tinha consciência do que estava fazendo.

A educação ambiental da população também é outro ponto ressaltado pelos entrevistados. Deve-se imprimir na cultura capixaba os valores de preservação e valorização dos recursos naturais como forma de combate à poluição e ao desmatamento. Alguns também citaram projetos de recuperação dos rios e das matas.

3.3 Infraestrutura: transportes

A questão da infraestrutura também é um assunto bastante recorrente quando se fala em projetos e grandes ideias para o futuro do Espírito Santo. Essa infraestrutura está dividida na mesma lógica de análise do problema no presente, pensando tanto em infraestrutura em nível logístico (que forneça condições de sustentar a economia exportadora do Estado), quanto na infraestrutura das cidades (mobilidade urbana, principalmente), para que se melhore a qualidade de vida da população.

Em relação a infraestrutura e logística, foi bastante citada a questão das rodovias, principalmente das BRs, que clamam por investimentos e melhorias. Outro ponto de reclamação dos entrevistados e que entendem que deve receber investimentos pesados é a malha ferroviária do Estado; há necessidade de construir uma ferrovia que ligue a região norte à região sul e com outros Estados.

Ainda falam dos projetos portuários, uma vez que entendem que o porto de Vitória já não comporta há muitos anos o volume de negócios que realiza, tornando o processo, além de lento, caro.

A infraestrutura de portos, ferrovias, rodovias tem que dar um salto muito grande; a infraestrutura logística, toda esta plataforma logística do Estado.

Precisamos de estrada, não temos. A BR-101 não existe, tem acidente que não acaba. O aeroporto continua a rodoviária do interior; melhoraram um pouco, mas pista não tem. Nós, do comércio exterior, temos que descarregar no Rio ou em São Paulo, colocar o contêiner no caminhão e desembarcar em Vitória. Além do custo do transporte, tem o transit time.

Quando você olha o lado de infraestrutura do governo federal, estamos muito carentes. A parte de rodovia, nem vou falar em ferrovia, que nunca tivemos. A BR-101 e a 262 são um caos. Para o fluxo de carga, que nós temos de importação e exportação, e agora com petróleo, que gera carga, o crescimento da Vale, da Arcelor, da Fibria... As nossas estradas são as mesmas de 40 anos atrás.

Deveria ter atenção. Tem coisas que são fundamentais; um porto é fundamental, então precisa existir, precisa estar ali, mas isso não quer dizer que você vai dar atenção ao porto e vai tirar a atenção da ferrovia, ou vai tirar a atenção da educação. Acho que tudo é uma questão de bom senso. As coisas que são fundamentais têm que ser feitas imediatamente e acompanhadas; as outras coisas precisam ser feitas também, então acho que tem que traçar um plano onde cada coisa no seu devido tempo e momento vá sendo feita, porque não dá para você fazer uma ameiba né, você fazer um monte de porto e aí não tem a ferrovia, aí você faz a ferrovia, não tem hospital para atender o cara acidentado ou doente. Tem que ser um plano harmônico, e eu acho que é tranquilo para organizar isso. Nós temos grandes potencialidades, um litoral magnífico... Começando que nós temos um projeto de anos e anos e anos: dar continuidade à Norte-Sul, que é a Rodovia do Sol de continuidade, interligando ela com o litoral da Bahia. Esse projeto continua no papel; queria colocar todo o litoral norte, partindo de Aracruz, onde ela apaga. Fazendo essa ligação, nós interligaríamos ela efetivamente à região metropolitana, ao sul do Estado, ao sul da Bahia.

Em relação à infraestrutura urbana, o assunto mais citado é a mobilidade. É preciso investir não só em melhoria das vias, mas principalmente em outras formas de transporte público. Acham importante, ainda, que a população seja educada para utilizar outros meios de locomover-se, e que sejam mais sustentáveis, como a bicicleta.

Transporte fluvial também. [...] Por exemplo: Vitória para Vila Velha, Vila Velha para Serra, e também para pequenos portos no litoral, para fazer tipo cabotagem, de estar circulando, tipo passageiros, pessoas mesmo. Seria turismo e transporte.

Transporte público é muito ruim. Com o incentivo para compra de carros e o transporte ruim, cada vez o trânsito piora. É preciso investir em estrutura para a mobilidade urbana. Precisamos de pontes, ciclovias, para qualidade de vida, incentivar as pessoas a andarem a pé, criar túneis. Isso precisa ser resolvido.

É necessário pensar em plano de mobilidade. Será que o plano do governo do Estado dá conta? Eu acho que não dá conta, pode resolver por um período, mas é necessário pensar num plano de mobilidade que não sejam apenas intervenções físicas, mas que repense comportamentos, culturas.

3.4 Turismo

O turismo é uma atividade citada pelos atores, porém sempre de forma relacional, em relação ao desenvolvimento econômico e com intenção de diminuir a disparidade entre as regiões. Também é bastante relacionado ao discurso do meio ambiente, no sentido de que o turismo ecológico poderia auxiliar na preservação.

Investir no turismo e na infraestrutura, para trazer progresso. As empresas que estão no interior do Estado impediriam que os jovens se deslocassem para Vitória ou outros centros do Brasil. Nós temos condições de oferecer aos nossos jovens alternativas ótimas de bem-estar de qualidade.

3.5 Política

Para a política, talvez a melhor palavra que resuma as intenções dos entrevistados seja articulação. É consenso de que a política capixaba amadureceu, tornou-se mais confiável. No entanto, há necessidade ainda de conseguir articular as esferas, principalmente a estadual com a federal, de forma que o Estado consiga receber os investimentos em infraestrutura de que tanto necessita.

É preciso, do governo estadual, muita articulação, seja para o nível federal, seja em termos de município, seja na área privada... Muita capacidade de articulação, seja na capacidade de levantar recursos para investimento, seja investimento puramente público, ou seja, para fazer parcerias público-privadas. Então, ter o plano é fundamental. Ter a capacidade de articulação com as várias áreas públicas, isso também é outra questão fundamental. E outra questão é cuidar da capacidade de investimento, ampliar para fazer as coisas acontecerem.

É preciso construir impactos, construir liderança política para enfrentar os desafios. Isso é uma questão-chave. Eu falei de reformar o Estado, e estou falando agora de formar lideranças. Para reformar o Estado, precisa de liderança política. [...] Como é que nós vamos consolidar um padrão de política integradora? De liderança social, que lidera o Estado, que lidera a área empresarial? E que cria convergências para fazer as reformas? Isso é um desafio agora, não é lá na frente. Hoje a gente tem um estado de direito de fato, mas eu acho que vai realmente acontecer uma discussão sobre o papel do Estado que a gente quer, que é o papel do Estado no Brasil, né?

Foi posto em discussão o próprio papel do Estado, o que se quer da governança pública, de forma que os projetos para a área política devem contemplar lideranças sérias, que estejam comprometidas com a bandeira desenvolvimentista do Espírito Santo.

3.6 Saúde, educação e segurança

Saúde, educação, segurança pública, desenvolvimento sustentável; acho que esses quatro são os mais importantes, principalmente.

A tríade de serviços considerados básicos para a qualidade de vida é o assunto que mais recebe ideias dos entrevistados, sendo a educação o principal assunto em discussão.

É consensual que, para resolver grande parte dos problemas que o Espírito Santo enfrenta hoje, é preciso ter um olhar para a educação. É preciso investir recursos para transformar a educação do Estado em algo comparável à qualidade dos países que estão no topo do ranking da educação e boa parte dos entrevistados entende que isso deve partir da educação básica, ou seja, é a área que deve receber os maiores investimentos em uma primeira etapa. Essa educação precisa ser qualificada e agregar valores positivos, modernos, para as crianças, com projetos de inclusão social, educação ambiental, educação integrada e cursos extracurriculares.

Posteriormente, é preciso também qualificar a mão de obra capixaba, e entende-se que esse processo tem início no ensino médio, entendendo-se para o nível superior.

Para o médio, os entrevistados sugerem que se ofereçam cursos que qualifiquem a mão de obra de nível técnico. É preciso também que a população veja valores positivos nessa educação e aqui estamos falando necessariamente dos jovens, que devem ser trabalhados desde a base para entender que a educação é a chave para uma qualidade de vida melhor.

Em relação ao ensino superior, os entrevistados apontam o sucateamento da universidade federal, a falta de condições do Hospital Universitário e a necessidade de se construir uma universidade estadual, que tenha campi em diversas regiões do Estado, para atender principalmente aos alunos de baixa renda.

Saúde e educação: primordial porque, se você investir em educação tempo integral, você vai estar tirando a meninada da rua; você não vai ter delinquentes lá na frente. E se você fornecer a saúde básica, você vai ter menos comprometimento das pessoas no trabalho... a máquina vai andar.

É preciso que haja a construção de valores e também, assim, analisar sempre a grade curricular. É importante você estar fazendo e se essa grade atende ao pensamento moderno, do futuro. Então a gente tem que ir formando os jovens, mas também tendo um pensamento atual de governo.

O Espírito Santo é pequenininho, então nós precisamos ter uma qualificação melhor. A média de anos de estudos nossa é muito baixa ainda, o número de anos de estudo da população. Nós precisamos avançar na questão de educação e de formação profissional. Educação criativa, inovação; você poderia colocar inovação/ tecnologia e gestão, perspectiva global. Tudo que a gente pensar em fazer tem que pensar em fazer para o mundo. Tudo que a gente pensar em fazer para o mundo, vai fazer bem feito.

Eu acho que a educação em primeiro lugar. Segundo lugar, a educação de formação de alto nível, focada nesses temas, por exemplo, energia, biologia, biotecnologia e eletrônica. No campo da educação, seria interessante descentralizar ainda mais a universidade federal e, quem sabe, afirmar e efetivamente realizar uma universidade estadual como alternativa também para que os jovens não precisem vir para Vitória.

O segundo gargalo é resolver o ensino superior. Com o aumento de ofertas de vagas no ensino público, o privado é muito bom, muito legal... Mas não vai dar conta [...] São poucos que podem pagar a faculdade particular. Então temos que resolver isso com ensino público, seja estadual ou federal. [...] Temos que crescer em um viés de cursos da área de tecnologia. Os cursos de humanas são importantes, mas a gente tem uma boa formatura em Direito, Administração, Contabilidade. [...] Não é aí que estamos precisando. [...] Temos que crescer na formatura de pessoas na área tecnológica.

Nós estamos com a educação ruim. Ruim porque os nossos profissionais estão ficando sem competitividade. Se não tiver uma reestruturação, vai ficar muito difícil o Estado avançar... Até a própria universidade federal está sem apoio de fomentos. O Hospital Universitário não tem mais estrutura para ser mais um hospital de base no Estado... Estão fazendo convênio com os particulares e isso é ruim, porque ele teria que ter dentro de cada um, um hospital universitário, um hospital de base, bem qualificado... O que não está acontecendo.

É importante compreender que os entrevistados relacionam a educação diretamente aos outros temas, pois a tríade é, no entendimento deles, fundamental para a qualidade de vida da população. Assim, os entrevistados que tocam nesse assunto entendem que o desenvolvimento econômico é importante, mas fundamentalmente desenvolver o lado humano do contexto capixaba é mais do que necessário. A riqueza aqui não se encontra apenas no PIB, mas também no IDH. É o discurso de valorização do ser humano.

Tem que trabalhar nisso, em cima do IDH. Onde que está, que precisa de uma atuação mais forte? Como desenvolver estas regiões e entender as potencialidades, para que possa ter uma atuação para desenvolver o Espírito Santo? Tem que ser o todo, tem que cuidar de tudo.

A saúde também, a gente percebe que tem melhorado, mas que ainda pode melhorar. Já está no caminho... Se a gente tivesse tudo isso, se a gente tivesse a qualidade de vida pelo menos garantida...

Assim, esse discurso contempla também a necessidade de um olhar para as populações mais vulneráveis, como as mulheres e os jovens. É preciso que se desenvolvam projetos eficazes no combate à violência (onde esses grupos são considerados as maiores vítimas) e também à atenção à saúde, com um sistema que dê conta de atender à população de maneira digna.

Nós precisamos formar uma compreensão coletiva, de que nós não seremos mais ricos pela quantidade de torres que a gente tiver; a quantidade de porto construído... Nós seremos mais ricos pelo desenvolvimento de nossa capacidade intelectual. Isso que é riqueza!

Montar uma base de serviços públicos na saúde, na segurança pública, e que os capixabas como um todo aproveitem essas oportunidades.

Como se pode ter uma sociedade boa se ela é doente? Então precisamos ter uma saúde a altura do povo, não para alguns da elite, mas para o povão, que seres humanos tanto vale para o menino que nasceu na favela, quanto para o que nasceu lá na casa de uma pessoa muito rica.

Acho que estamos evoluindo muito mais nos polos de apoio hospitalar de urgência e emergência nas regiões norte e na região serrana. A região sul também, mas a região norte está muito vazia de oportunidades para essa possibilidade.

Quer dizer, tem que ter saúde no sentido mais amplo. Saúde não é um monte de hospital, não precisa nem ter tanto hospital.

No que diz respeito à segurança pública, os projetos e ideias dos entrevistados versam sobre o enfrentamento da violência por meio de investimentos em projetos para populações de risco, como mulheres e jovens.

Há sempre um grande entrelaçamento com a questão da educação, como já foi dito, mas há também a urgência em resultados nessa área. Portanto, espera-se que o governo do Estado consiga articular ações encadeadas que forneçam resultados mais concretos em curto prazo.

Alguns entrevistados apontam iniciativas em outras cidades como lugares em que o Espírito Santo deve se espelhar: Nova York, São Paulo, Rio de Janeiro e demais cidades que irão receber jogos na Copa.

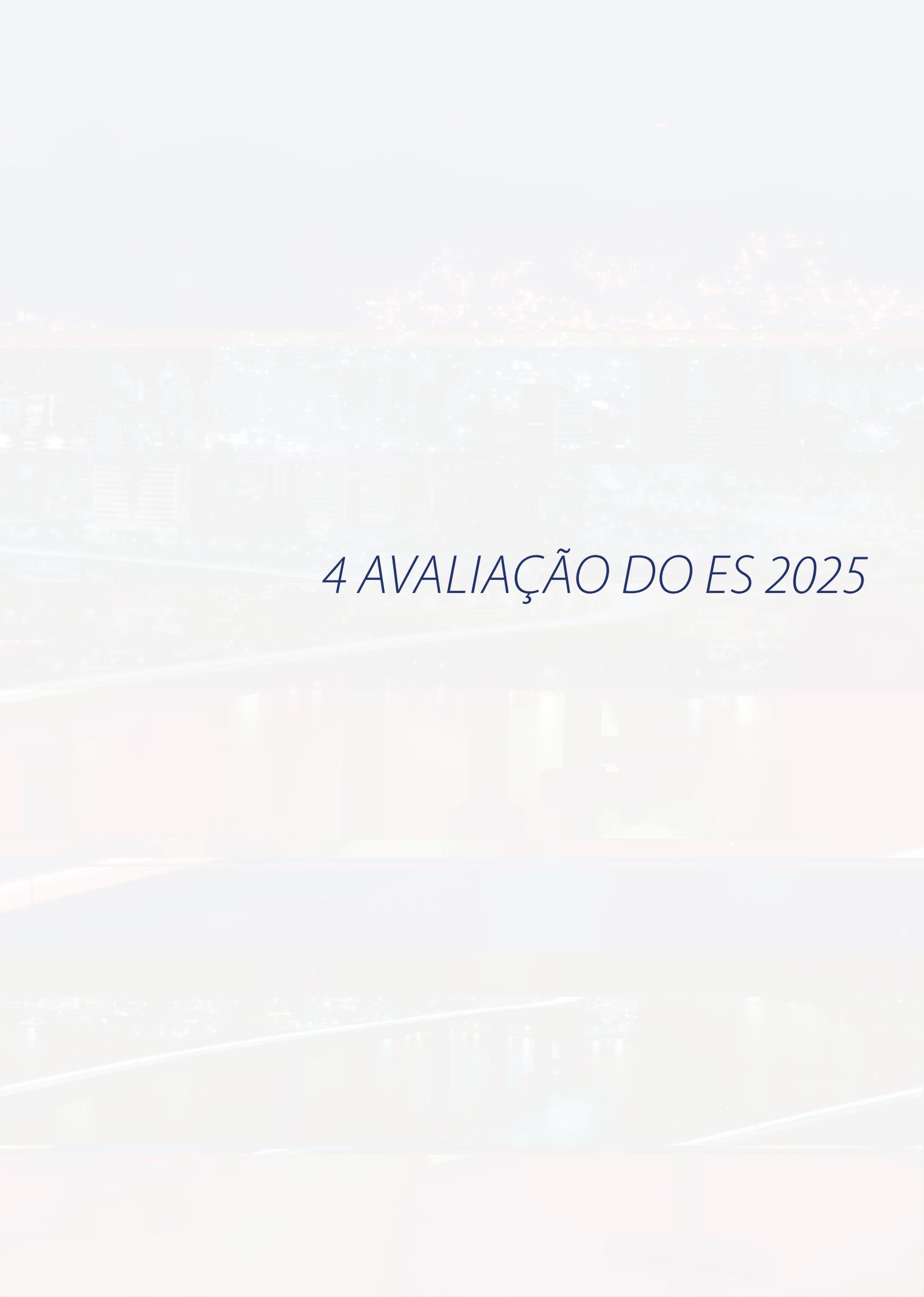
Um dos desafios é como enfrentar a violência, como operar mudanças na sociedade para enfrentar a violência contra mulher (que possui o índice mais alto de homicídios do Brasil), de 9,6 homicídios de mulheres para cada 100 mil mulheres, sendo a média nacional de 4,6 para 100 mil mulheres; temos mais que o dobro. Isso é um desafio que não vamos vencer a curto tempo; temos que trabalhar muito em como reduzir esses índices em longo prazo, porque consiste em alterar a cultura. Como reduzir a violência contra a juventude pobre e negra e do sexo masculino, isso é um indicador de realidade do nosso diagnóstico.

Segurança pública é uma grande preocupação. Ninguém pode virar as costas para isso, isso vem crescendo. Ações integradas que precisam acontecer no Estado e, nessa linha, eu penso que a educação é uma alternativa. A questão de ajudar as pessoas por meio da educação; perspectiva de melhora.

Eu espero que o ES possa enfrentar o desafio da segurança. Isso continua sendo um desafio muito grande, porque os Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais são os lugares que terão Copa do Mundo, e estão fazendo grandes operações na área de segurança. Então, de uma certa forma, estão expulsando pessoas em atividades criminosas de seus territórios e estas pessoas estão migrando para a região da Grande Vitória. Já migraram inclusive para outras cidades do interior do Espírito Santo. Essa é uma área para a gente investir, pensar planos integrais de convivência e segurança-cidadã. Que todos os governos se envolvam nesta discussão, até porque segurança não é assunto apenas da polícia militar e civil, das guardas municipais, mas é um assunto que deve interessar todo mundo.

A violência no nosso Estado ela é gritante e nosso Estado tem uma imagem fora de um Estado violento, por quê? Porque existem problemas que não estão sendo solucionados. Estamos convivendo com tudo isso com muitas lágrimas e muito sofrimento nas famílias... Não que haja má vontade do governo; parece que há impotência diante das situações que eu vejo aí.

Eu gostaria de ver um Estado com menos violência, com mais segurança... Com uma educação voltada para construção de sabedoria, cidadão pleno, com esporte, com lazer, com cultura, com uma educação totalmente voltada para a criação e informação do ser. Nós temos muito o que avançar na área da educação.

An aerial night view of a city, likely Rio de Janeiro, with lights reflecting on the water. The image is overlaid with a semi-transparent orange and white gradient.

4 AVALIAÇÃO DO ES 2025

Uma das contribuições inovadoras do ES 2030 em relação ao ES 2025 é a possibilidade de comparação entre os dois planos, e, principalmente, a avaliação do ES 2025.

A avaliação geral que os entrevistados fizeram do plano é bastante positiva. É comum no discurso deles ressaltar a importância que o plano teve para o contexto de 2003, no sentido de oferecer um rumo para o Espírito Santo, principalmente na esfera governamental. Muitos afirmam que o governo Paulo Hartung soube se valer do trabalho e que pôde, por meio dele, transpassar barreiras e desafios postos na época, como a total desarticulação das políticas públicas e dos projetos.

[...] quando chegou 2003 para 2004, 3 para 4, 5 nasce a ideia do 2025 com a visão de que, para chegarmos a 2025, nós precisamos ter uma carta de navegação. Então nasce o 2025 coroa; trata de assuntos pontuais. São 11 projetos estratégicos que você tem estruturantes, que o 2025 tem que se desdobrar em 90 e poucas ações para melhorar o nosso Estado. Algumas coisas foram feitas, outras foram feitas plenamente, outras foram feitas parte do que foi possível fazer e outras tantas precisam ser concluídas. Mas o 2025 é a nossa carta de navegação e não é um plano que é meu, que é seu, ou que foi do governador Paulo Hartung. Eu acho que é um plano do governador Paulo Hartung, do Renato quanto governador, meu, seu, de todos nós que devemos nos apropriar do 2025.

Eu acho assim, ponto positivo foi de divulgar à sociedade essa ideia de planejamento em longo prazo, juntar as instituições ao longo disso e elas vêm falando nisso. A gente tem um espaço institucional que vão conversar sobre o futuro; eu acho que isso tem uma importância muito grande para pensarmos nas outras coisas. Acho que a segunda importância desse plano foi para dentro do governo; acho que ajudou o governo a internalizar uma gestão mais organizada, gestão de projetos, gestão por resultado. Isso teve um efeito bom para dentro do governo, bastante positivo.

Lá no plano ES 2025 acho que foi um norte para o Espírito Santo. Foi um grande primeiro plano de longo prazo, e o governo Paulo Hartung aprovou em cima disso daí e como o próprio plenário chegou; acho que ele atualizou isso, né? Tá fazendo agora, não é isso?

Primeiro que foi um plano pra que estipulasse as metas e o Estado passa a perseguir essas metas e, com isso, alinhar as políticas públicas de modo que atinja esse objetivo. A segunda questão é que esse plano foi feito logo no início do governo Paulo Hartung, num momento ainda que saía daquela dificuldade, daquele caos que a gente vivia aqui no Estado. Ele foi um plano importantíssimo, porque deu um norte e guiou o Estado na direção que ele está vindo hoje [...].

A maior contribuição do plano é embutir a ideia de planejamento a longo prazo na cabeça das pessoas. Essa é a grande conquista...O ex-governador Paulo Hartung tem o mérito de incutir no discurso dele ao 2025. Então desde que o 2025 foi lançado, ele falava do 2025.

Há, no entanto, certa divergência relativa à forma como o ES 2025 foi construído. Boa parte dos entrevistados reclama que não houve, na época, participação da sociedade civil no planejamento, bem como a divulgação do mesmo para a população. Entendem que isso contribuiria para consolidar as ideias e as ações previstas, no sentido de que mobilizaria a sociedade capixaba em prol de um planejamento único.

Olha, o 2025, ele já tem um certo tempo que foi construído, nós já estamos com sete, né? Seis, sete anos, eu acho, e foi um marco histórico. Eu acho que a grande vantagem de ter um plano, que não é um plano de governo, não é, isso é importante, quer dizer, tem ali papel pra todo mundo [...].

É importante sempre qualificar as informações. O 2025 fez, de fato, um bom diagnóstico do Espírito Santo; tem carecido uma maior participação da sociedade, ele acabou ficando um diagnóstico feito muito pelo governo, muito por algumas instituições de caráter empresarial e pouca participação da sociedade. Então acho este planejamento tecnocrata, teve um olhar efetivamente lançado para todas as regiões do Estado, não escutou os movimentos sociais. Até o contexto do governo tinha uma relação muito difícil entre o governo e sociedade civil, razão pela qual que tenha sinalizado questões importantes do desenvolvimento do Espírito Santo. Ele pecou por, na realidade, ele não lançou um olhar efetivo em todo o Estado e também por um olhar a partir da sociedade. Naquele contexto que vivíamos, o Estado tinha um relacionamento muito difícil com os movimentos sociais.

O 2025 chegou num momento importante, principalmente para nós gestores estaduais, porque efetivamente o Estado sinaliza, coloca na tela, aquilo que ele pensa, aquilo que ele visualiza para o Estado, não como vontade de um governador, mas com vontade de governo, como vontade de Estado e converge e traz para nós o resultado. Para nós gestores, a responsabilidade de conhecer, aí vem um papel importante que o Estado teve na construção do 2025 que, além de ter sido uma construção que todos nós participamos, bem dialogadas, bem produtiva, bem trabalhada, nós fomos também capacitados, obrigados a ser capacitados, para efetivamente ter conhecimento do 2025, para termos conhecimento do planejamento estratégico do governo.

Por outro lado, alguns entrevistados afirmam que não é bom abrir demais a construção desse plano e que, pelo contrário, ele deveria ser restrito apenas a técnicos e especialistas das diversas áreas que o plano abrange. Entendem, sim, que deveria ter sido mais divulgado, mas que não deveria haver ampla participação, sobretudo da população, por entenderem que, desta forma, o planejamento perderia o foco.

Eu acompanhei alguma coisa na minha área, mas não aprofundei, não. Eu vi mais a parte que envolvia logística, que tinha o Pelt. Eu acredito que é um projeto espetacular, porque ninguém faz nada sem planejamento e hoje ele está revisando. Foi muito útil, pois o governo tem seguido o que foi pautado [...]. O planejamento do 2025 foi muito bem feito, a maneira como ele foi elaborado. Eu não sou a favor de socializar muito, não.

Muitos dos entrevistados também afirmam que utilizaram ou utilizam o plano para orientar suas ações e gestões e que, como têm noção de que isso é feito por outros gestores, entendem que esse planejamento coletivo melhora a articulação dos projetos prioritários.

Excelente contribuição. O 2025 me ajudou nos mandatos que eu exerci, me ajudou na campanha de senador, na campanha de governador, na construção do meu programa de governo, na construção agora do realiza mais, no modelo de gestão, no nosso mapa estratégico [...].

Em particular para mim, foi um instrumento muito importante para eu adentrar na realidade do Estado, saber o que as pessoas, esse mais per mais, essa cultura geral sobre as pessoas e tal, pensando em relação aos Estados quais as oportunidades estavam postas e um bom diagnóstico.

O projeto foi feito, eu era coordenador... mas, evidentemente, precisava de revisão. Eu acho que certas oportunidades que aconteceram na vigência do projeto, as oportunidades que surgiram, não foram aproveitadas. O Estado do Espírito Santo teve seu desenvolvimento histórico sempre aproveitando as oportunidades que surgiram no mercado nacional e internacional.

É importante ressaltar que a maioria dos entrevistados acha crucial que o Estado tenha um documento de planejamento coletivo, pois integra os vários segmentos do Estado, orientando-os para um mesmo norte.

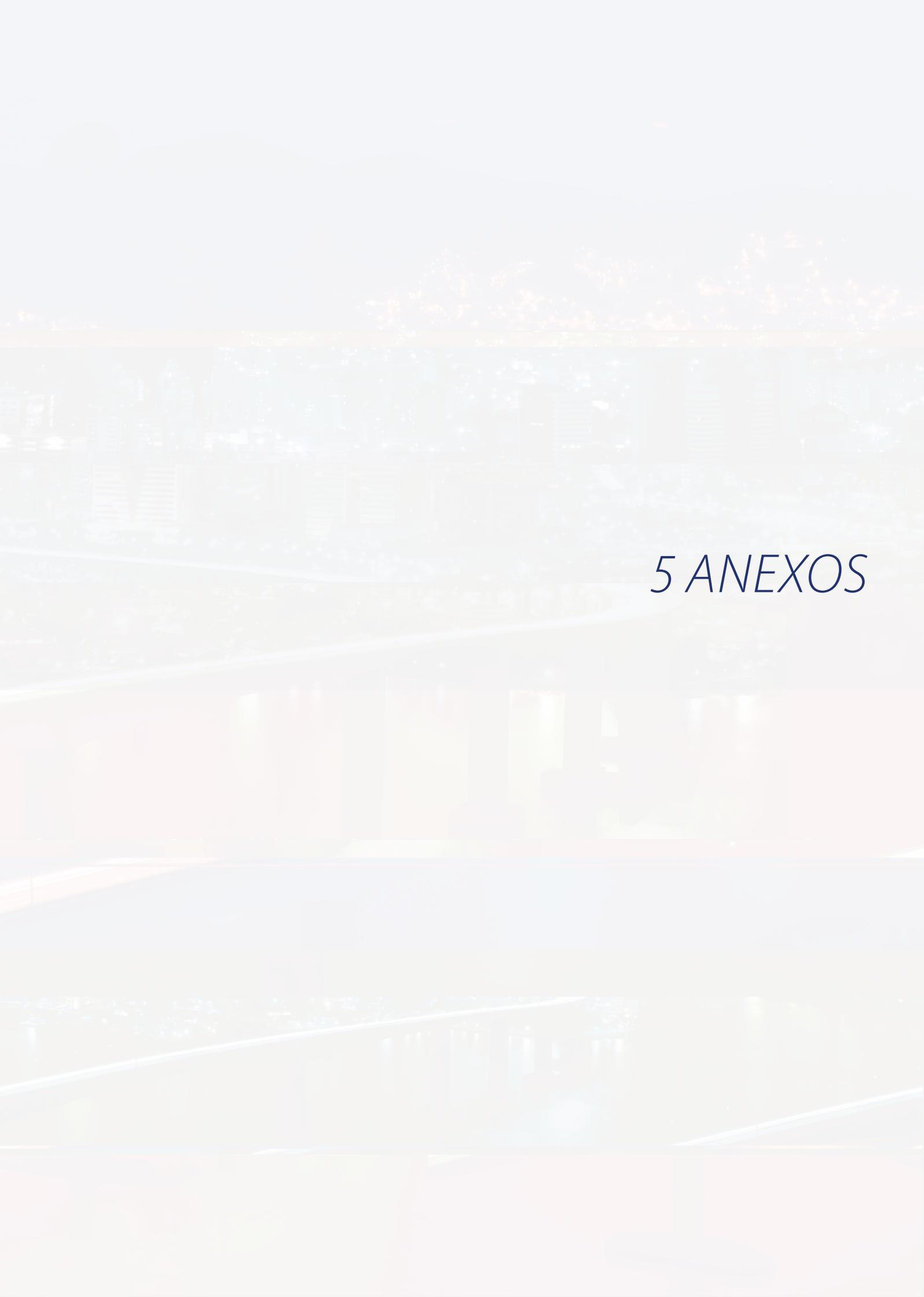
[...] foi importante para retomar a autoestima e a confiança do próprio futuro. Mudar aquele jeito de o capixaba se ver. Uma coisa importante do 2025 é que ele reinaugurou o planejamento de longo prazo. Você não pode planejar o amanhã se não tem o futuro a frente. Ele deu uma visão de futuro para longe, para fazer todas as ações pensando nela. E, ao mesmo tempo, mesmo que não estava escrito como fazer e tal, algumas instituições, empresas, adotaram o 2025... Ele foi acoplado a grandes empresas... Ele não ficou na gaveta. Até pelo formato dele... Ele retomou isso e tornou muito importante.

Eu vejo o seguinte: só o fato de ter sido planejado já fez um grande avanço em tudo que está aí. Conseguir ser executado pelo prazo, né, e eu vejo uma reformulação desses tempos. É importante até para pensar. Se você pensar no ES 2025, você vai ver que para o interior tem pouca coisa; mais centralizado na Grande Vitória. Eu já li, já reli, de ponta a cabeça. Eu acho que agora no 2030 deveria fazer os fóruns regionais; discutir com as regiões para ser colocado nesse novo documento.

Olha, isso aí eu avalio como uma coisa positiva... É uma coisa necessária. Não dá para você ser um governador ou alguém que vai assumir no futuro o governo sem dados concretos na mão. Esse levantamento tem tudo a ver com a parte de futuro. É uma ferramenta importante para os administradores, não só os administradores públicos, como os administradores privados. Isso é uma ferramenta para o administrador estudar melhor e, quando for fechar as contas com outras empresas, ele tem na mão essas ferramentas, porque são dados verdadeiros, sai do pensamento popular. Eu acho que tem que ser valorizado mesmo, por isso que eu falo: tem que construir e ser divulgado. Se você conseguir detectar 60% do seu levantamento de positivo, você pode dar uma resposta de 100% de resultado; 60% de coisas boas para colocar em prática têm um resultado muito positivo lá na frente.

Eu tenho um pouquinho na cabeça do 2025. Não tenho toda a formatação, mas principalmente na área social o Estado avançou bem. Pobreza, eu acho que tinha um projeto para erradicar até 2014, eu não me lembro bem das datas, mas avançou bem na área social, essa área foi a área que mais avançou. Não ache que a infraestrutura, apesar de algumas obras de estradas vicinais interligando o interior, a maior que eu acho que corta o Estado de um lado ao outro ficar fora, a BR-101, hoje está fora do contexto.

Em resumo, o ES 2025 é bem avaliado. Há de se ressaltar o ponto divergente em relação a quem deve participar da construção do projeto. Contudo, de maneira geral, os entrevistados entendem que é importante manter periodicamente a construção desse planejamento, no sentido de dar norte à realidade capixaba e expandir o horizonte dos atores que participam da construção da nossa sociedade.



5 ANEXOS

5.1 Anexo 1 - Relação dos entrevistados

Nome	Cargo
Alcio de Araújo	Secretário de Estado de Gestão e Recursos Humanos
Alexandre Nunes Theodoro	Diretor da FAESA
Alexandre Passos	Secretário de Estado de Desenvolvimento e Turismo
Álvaro Abreu	Diretor/Presidente - Tecmaran
Ana Paula Vescovi	Assessora do Senado
André Tomoyuki Abe	Professor - UFES
Ângela Maria Morandi	Professora Aposentada - UFES
Antenor Pianna	Empresário- Pianna Rural
Antônio Eugênio da Cunha	Presidente- Associação Movimento Empresarial de Aracruz
Antônio Fernando Altoé	Vereador - Câmara Municipal de Vereadores de Venda Nova do Imigrante
Arthur Carlos Gerhardt Santos	Empresário- Grupo Sereng
Áureo Mameri	Empresário do setor de rochas (Ex Presidente do SindiRochas e diretor-presidente do Sicoob Credirochas)
Carlos Fernando Monteiro Lindenbergl Neto (café)	Diretor geral- Rede Gazeta
Carlos Henrique da Costa Quarzani	Jornalista e Redator
Carol Abreu	Ex-superintendente- IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (aposentada)
Cecília Milanez Milaneze	Promotora de eventos- Milanez&Milaneze S/C LTDA
Dalva Ringuier	Diretora Executiva- Consórcio Caparaó
Denio Rebello Arantes	Reitor- IFES
Deusedir de Oliveira Batista	Missionária/Vice-Presidente da ABES (Associação Benéfica Educacional Semear)
Diane Rangel	Secretária Executiva- Associação dos Municípios do Estado do Espírito Santo
Diva Maria Freire Figueiredo	Superintendente- IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Dom Décio Sossai Zandonade	Bispo- Diocese de Colatina
Dom Luiz Mancilha Vilela	Arcebispo de Vitória- Cúria Metropolitana de Vitória
Ênio Bergoli da Costa	Secretário de Estado de Agricultura- Governo
Ernaldo Trigo	Empresário- Casa Trigo
Esthério Colnago	Presidente- Sindicato das Cooperativas
Estilaque Ferreira	Professor- UFES
Evandro Milet	Superintendente Regional do Espírito Santo- ONIP – Organização Nacional da Indústria do Petróleo – ES
Fabiano Marily	Superintendente de Saúde- Governo
Fábio Nunes Falce	Diretor da Secretaria de Administração e Finanças- Sindicato dos Portuários
Fernando Zardini Antônio	Procurador Geral- Ministério Público

Continua...

...Continuação

Nome	Cargo
Francisco Aurélio Ribeiro	Professor- UFES
Getúlio Marcos Pereira Neves	Presidente- Instituto de História e Geografia do Espírito Santo
Governador Renato Casagrande	Governador
Guilherme Henrique Pereira	Diretor de Administração e Finanças- Bandes
Guilherme Weichert Neto	Diretor Relações Institucionais- TV Capixaba
Haroldo Correa Rocha	Professor- UFES
Humberto Ker de Andrade	Consultoria em Meio Ambiente- CTA – Serviços em Meio Ambiente
Isaías Santana da Rocha	Presidente- Centro de Apoio aos Direitos Humanas
Jadir José Péla	Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia- Governo
João Felício Scárdua	Coordenador de Governo- Prefeitura Municipal de Serra
João Gualberto Vasconcellos	Diretor- Instituto Futura
João Guerino Balestrassi	Presidente- Bandes
João José Barbosa Sana	Secretário Municipal de Justiça e Cidadania- Prefeitura Municipal de Vitória
Jonas Caliman	UNIVEN- Graduado em Administração Especialista em Didática do Ensino Superior.
José Bessa Barros	Pró-Reitor Administrativo- Messe / São Camilo (Cachoeiro de Itapemirim)
José Carlos Corrêa	Diretor Executivo do Instituto Carlos Lindenberg- Rede Gazeta
José Carlos Nunes	Presidente- CUT Central Única de Trabalhadores
José Carlos Pigatti	Subsecretário de Promoção da Cidadania e Prevenção à Violência- Prefeitura Municipal de Vitória
José Carnieli	Presidente- Cooperativa Veneza
José Edil Benedito	Presidente do Instituto Jones dos Santos Neves- Governo
José Eduardo Azevedo	Secretário de Estado- Governo
José Elcio Lorenzon	Presidente- Lorenge
José Eugênio Vieira	Diretor/Superintendente- Sebrae-ES
José Luiz Demoner de Oliveira	Presidente- IDAF – Instituto de Defesa Agropecuária Florestal do ES
José Teófilo Oliveira	Diretor Consultor- Econos
Júlio da Silva Rocha Júnior	Presidente da Federação de Agricultura- FAES
Klinger Marcos Barbosa Alves	Secretário de Estado de Educação- SEDU
Lelo Coimbra	Deputado Federal- Governo
Leonardo da Costa Barreto	Promotor de Justiça / Membro Fundador Transparência Capixaba- Ministério Público e Transparência Capixaba
Lúcio Dalla Bernardina	Empresário- Metalosa
Luis Filipe Vellozo Nogueira de Sá	Auditor de controle externo- TCE – Tribunal de Contas do Espírito Santo
Luiz Fernando Barbosa Santos	Assessor Técnico- SEDEC – Secretaria de Desenvolvimento da Cidade
Luiz Fernando Schettino	Diretor Geral- ASPE – Agência de Serviços Públicos de Energia do Espírito Santo
Luiz Wagner Chieppe	Associado- Federação de Transportes
Manoel Ceciliano Abel de Almeida	Reitor da UWV- UWV – Universidade Vila Velha

Continua...

...Continuação

Nome	Cargo
Márcio Félix	Secretário Estadual de Desenvolvimento- Governo
Marcos Grilo	Vereador- Câmara Municipal de Venda Nova do Imigrante
Oswaldo Dadalto	Diretor/Presidente- Grupo Dadalto
Pastor Norberto Berger	Pastor- Igreja Luterana
Patrícia Gomes Salomão	Secretária Estadual do Meio Ambiente- Secretaria Estadual de Meio Ambiente
Paulo Roberto Pitanga Medina	Secretário de Desenvolvimento- Governo
Paulo Vargas	Professor- UFES
Pedro Luiz de Azeredo Neto	Presidente- CDL – São Gabriel da Palha
Pedro Paulo Fatorelli Carneiro	Presidente- Multilift / Movimento Cariacica / AEC
Pedro Valls Feu Rosa	Desembargador- Tribunal de Justiça
Professor Roberto Carlos Teles Braga	Deputado Estadual- Assembleia legislativa
Reinaldo Caliman	Contador- Sindicato Rural de Nova Venécia
Ricardo José Marim	Presidente- Assedic – Colatina
Roberto Garcia Simões	Professor- UFES
Roberto Kautsky Júnior	Diretor Administrativo- Refrigerantes Coroa
Robson Leite Nascimento	Secretário de Estado- Governo
Rodrigo Coelho	Secretário de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos - Governo
Rodrigo Flavio Freire Farias Chamoun	Conselheiro Tribunal de Contas- Tribunal de Contas
Ruberval Rocha	Presidente- ACISCI – Associação Industrial e Comercial de Cachoeiro
Samuel Mendonça	Presidente- Sindirochas
Sérgio Dominguez Sotelino	Diretor Geral- Instituto Brasileiro de Executivos de Finanças
Sérgio Giestas Tristão	Presidente- Realcafé Solúvel do Brasil – Grupo Tristão
Sérgio Lucena Mendes	Conselheiro Deliberativo- IPEMA – Instituto de Pesquisa da Mata Atlântica
Severiano Alvarenga Imperial	Sindiex- Sindicato de Importação e Exportação
Solange Maria Nunes Siqueira	Diretora Regional- Senai ES
Tadeu Pissinati Sant'anna	Pró Reitor de Extensão- IFES Vitória
Tereza Maria Sepulcri Netto Casotti	Diretora- DER- Departamento de Estrada e Rodagens
Thiago Vieira Zaché	Diretor de Apoio- Pró-saúde Abash
Tyago Ribeiro Hoffman	Secretário de Governo- Governo
Valdir Antônio Uliana	Subsecretário de Logística e Transporte- SETOP – Secretaria de Estado de Logística e de Transporte
Wallace Bullian Chagas	Sócio Administrador- São Marcos Granito
Walter de Sá Cavalcante Junior	Presidente- Construtora Sá Cavalcante
William Galvão Lopes	Gerente de Relacionamento- Bandes
Wolmar Roque Loss	Consultor- SEEA - Sociedade Espiritossantense de Engenheiros Agrônomos

5.2 Anexo 2 - Tabela de discussão dos workshop

Área	Subárea	Cenário	Ações	Projetos
Educação	Capacitação profissional – nível técnico	Demanda do mercado de trabalho A existência de um exército de pessoas fora do mercado de trabalho, que necessitam de qualificação para ser incluídas no desenvolvimento	Aumentar investimentos em capacitação profissional, sobretudo no nível técnico, incluir no desenvolvimento uma parcela da população – fora do âmbito acadêmico, e atender demandas atuais e contingenciais	Parcerias de instituições de ensino públicas e privadas, empresas e governo. Plano Estadual de Educação
Educação	Ciência e tecnologia – nível de especialização	Cenário nacional e internacional favorável Existência de uma demanda latente e crescente por novas tecnologias Investimento em ciência e tecnologia – diversificar economia, criação de novos produtos e geração de empregos	Investimento em ciência e tecnologia – liberação de recursos para desenvolvimento de projetos; formação de capital social (aprimoramento de pessoal) Promoção de eventos focados na atualização e ampliação dos contatos com o mercado de CT&I Fomento para fortalecimento e criação de grupos, conselhos, órgãos, institutos	Ação específica dentro do Plano Estadual de Educação Parcerias entre instituições de ensino particulares e públicas com governo Convênios e consórcios entre Estado, municípios e governo federal Maior interlocução entre empresas e universidade
Meio ambiente	-	Cenário de preocupação – finitude dos recursos. Muitas empresas locais têm atividades ligadas a extração e transformação de recursos naturais Diversidade biológica – parcela de mata atlântica e existência de parques, reservas e territórios de preservação ambiental Clima e geografia favorável e marcada pela diversidade – montanha, praia	Melhorar os processos de monitoramento e fiscalização Investimento em capital humano, capacitação – instituições públicas e de governo Maior agilidade e eficiência nos processos de licenciamento Investimento em ciência e tecnologia – mapeamento, diagnósticos para desenvolvimento de turismo ecológico Investimento no desenvolvimento de novos produtos – projetos focados na utilização consciente dos recursos Projetos que viabilizem a reutilização, transformação ou tratamento dos resíduos Fiscalização, monitoramento e controle da poluição Promover a mudança de práticas culturais – ações entre instituições e empresas, entre sociedade; promoção de educação ambiental	Maior interlocução e transparência entre governo, sociedade e empresas Parcerias entre instituições federais de atuação no meio ambiente e governo do Estado Convênios e consórcios entre Estado, municípios e governo federal para projetos de preservação ambiental, incluídos projetos de educação ambiental Maior interlocução entre empresas e universidade para o desenvolvimento de tecnologias Maior interlocução entre universidade e governo

Continua...

...Continuação

Área	Subárea	Cenário	Ações	Projetos
Segurança pública	-	<p>O Estado ocupa as primeiras posições no ranking do mapa da violência, que tem foco na taxa de homicídios</p> <p>Pelo menos três dos municípios da região metropolitana ocuparam as três primeiras posições nos últimos oito anos</p> <p>O problema das drogas configura-se entre as principais causas das mortes</p> <p>As áreas com maiores índices de crimes são comumente áreas pobres e que carecem de infraestrutura adequada à demanda da população; áreas de grande vulnerabilidade social</p> <p>O quantitativo de PM e PC não atende às demandas</p> <p>Grande volume de subnotificações</p> <p>Tal qual cenário nacional, o Estado apresenta grande volume de inquéritos policiais em andamento ou inconclusos – contribuindo para a impunidade</p> <p>Sensação de insegurança entre a população População carcerária superior ao que comporta o sistema</p> <p>Grande volume de reincidência tanto entre população carcerária quanto no sistema socioeducativo</p>	<p>Formação de pessoal – aumentar quadros PM e PC</p> <p>Investimento em pesquisa, sobretudo para dimensionar o problema das drogas</p> <p>Investimentos em tecnologia e informação para controle e medição dos dados de homicídios e demais crimes</p> <p>Fomento a projetos de prevenção às drogas e projetos sociais em áreas de vulnerabilidade</p> <p>Melhorias dos indicadores de resolução dos crimes – maior retorno efetivo à sociedade</p> <p>Maior agilidade no encerramento dos inquéritos</p> <p>Melhorar o canal de comunicação com a sociedade</p> <p>Investimento em equipamentos e TC&I – garantir maior agilidade no atendimento aos chamados</p>	<p>Elaboração de um plano estadual de segurança pública, que estabeleça objetivos, ações estratégicas e interlocução entre governo, sociedade e instituições de justiça; e interação entre secretarias envolvidas; convênios e parcerias entre governo do Estado e federal – para realização de projetos de modernização dos sistemas e processos</p> <p>Instituições de ensino superior para desenvolvimento de pesquisas que ampliem o conhecimento sobre impacto das drogas e dinâmicas sociais das áreas de maior incidência de crimes, em particular homicídios</p> <p>Convênios e parcerias entre governos (estadual, federal e municipal) para desenvolvimento de projetos sociais de inclusão social e ressocialização de presos</p> <p>Parcerias com as instituições de justiça para desenvolvimento de projetos e ações que busquem maior agilidade aos inquéritos e julgamentos</p> <p>Parcerias e convênios com instituições de justiça para o desenvolvimento de outras formas de negociação de conflitos – justiça restaurativa</p> <p>Maior interlocução entre secretarias – em especial com saúde e educação para o desenvolvimento de projetos intersetoriais com foco nas drogas Acompanhamento e monitoramento dos egressos do sistema prisional ou socioeducativo</p> <p>Parcerias entre governo e empresas para inclusão no mercado de trabalho dos egressos do sistema prisional ou socioeducativo</p>
		<p>Quantidade de hospitais não atende à demanda da população – cenário mais grave no interior do Estado</p> <p>Necessidade de ampliar corpo técnico e médicos em todas as especialidades</p> <p>O Estado necessita de hospitais de referência</p> <p>A quantidade de pronto-atendimentos à população não atende à demanda</p> <p>A quantidade de médicos (especialidades) nas unidades de saúde está muito abaixo do necessário – ocasiona grandes filas de espera e demora no atendimento</p> <p>Os hospitais e unidades de pronto-atendimento carecem de aparelhos modernos e de pessoal para operacionalizá-los</p>	<p>Concurso público para ampliação do quantitativo tanto de médicos como de técnicos</p> <p>Investir em capital social – salários e outros incentivos (garantia de ocupação das vagas)</p> <p>Investimento em infraestrutura dos hospitais – ampliação da capacidade de atendimento (também em TC&I)</p> <p>Investimento em capacitação em gestão</p> <p>Investimento em tecnologia de ponta e capacitação profissional</p> <p>Ampliação da oferta – hospitais e unidades de pronto-atendimento</p>	<p>Convênios e parcerias entre governo do Estado e federal – para realização de projetos de ampliação da rede de atendimento e modernização dos equipamentos</p> <p>Convênios e parcerias entre governos (estadual e federal) e instituições de ensino superior para ampliação do quadro de técnicos e médicos – residência e primeiro emprego</p> <p>Convênios e parcerias entre governos (estadual, federal e municipal) para desenvolvimento de projetos que objetivem agilidade e melhorias na qualidade do atendimento à população</p> <p>Promoção de editais para preenchimento de vagas – sobretudo no interior</p> <p>Maior interlocução entre secretarias – em especial com assistência social – para desenvolvimento de projetos de interesse comum</p> <p>Maior interlocução com MS para melhorias no SUS</p>
Saúde	-			

Continua...

...Continuação

Área	Subárea	Cenário	Ações	Projetos
Mobilidade urbana	-	<p>Atualmente, os grandes centros das cidades capixabas sofrem com aumento do fluxo de veículos. Embora mais conhecido com relação à região metropolitana – cidades como Colatina, Cachoeiro e Linhares também reforçaram a necessidade de melhorias no trânsito</p> <p>O desenho originário das cidades parece não ter acompanhado as demandas atuais – ruas e avenidas estreitas, sem planejamento prévio quanto à disponibilidade de estacionamento, ruas não planejadas para fluxo constante de ônibus e caminhões nem para alternativas, como ciclovias e faixas exclusivas</p> <p>O trânsito impacta diretamente na percepção de qualidade de vida e na economia das cidades</p> <p>A região metropolitana é o exemplo maior de problemas de mobilidade urbana, que ocorrem em menor escala no interior. Portanto, a região metropolitana pode servir como laboratório para novas experiências e projetos. O sucesso desses projetos pode ser replicado no interior</p> <p>Houve melhorias com a ampliação dos terminais de ônibus. Mas é necessária a criação de alternativas – aquaviário, ciclovias etc. E medidas de controle e restrição ao fluxo de veículos.</p> <p>O problema central é o congestionamento pelo excesso de veículos e a ausência de rotas alternativas às principais vias</p>	<p>Maior responsabilidade quanto a planejamentos de impactos urbanos dos empreendimentos</p> <p>Ampliação de vias públicas e elaboração de projetos para escoamento</p> <p>Pesquisa e diagnóstico sobre a realidade do trânsito capixaba (medição de impacto)</p> <p>Promoção do debate em nível da sociedade para planejar e legitimar medidas e ações de caráter restritivo</p> <p>Incentivo à elaboração de projetos de alternativos para o problema tanto com relação à gestão quanto a projetos estruturais</p> <p>Diagnósticos da mobilidade urbana no interior, sobretudo nas regiões e municípios que sofreram impacto em termos de novos projetos e empreendimentos industriais</p>	<p>Parcerias entre governo estadual e federal para fomento de projetos de planejamento urbano</p> <p>Parcerias entre governo e universidade ou instituições de pesquisa para desenvolvimento de projetos de mobilidade urbana</p> <p>Realização de eventos que objetivem o diálogo e a discussão sobre alternativas para os problemas de mobilidade urbana – responsabilidade e envolvimento de sociedade e empresas</p> <p>Maior interlocução e interação entre secretarias em nível estadual e municipal</p>
Logística	-	<p>As rodovias federais (101 e 262) necessitam de ampliação e reforma. Novo formato de gestão das rodovias deve ser discutido</p> <p>Infraestrutura portuária também necessita de projetos de modernização</p>	<p>Secretário estadual de</p>	<p>Convênios e parcerias com governo federal para obras de ampliação das BRs</p> <p>Maior interlocução com setor portuário e Estado, visando à construção de um plano de modernização dos portos</p>

ES 2030

CONSELHO DO ES 2030

Renato Casagrande
Governador do Estado do Espírito Santo

Luiz Wagner Chieppe
Presidente do Espírito Santo em Ação

José Luiz Marcusso
Gerente-Geral da Unidade de Negócios da Petrobras no Espírito Santo

FÓRUM DE ENTIDADES E FEDERAÇÕES DO ESPÍRITO SANTO

Luiz Wagner Chieppe
Presidente do Espírito Santo em Ação

Marcos Guerra
Presidente da Findes

José Lino Sepulcri
Presidente da Fecomércio

Júlio da Silva Rocha Junior
Presidente da Faes – Coordenador do FEF em 2013

José Antonio Fiorot
Presidente da Fetransportes

EQUIPE DO ESPÍRITO SANTO EM AÇÃO

Leonardo José Toscano Conde
Gerente de Projetos

Gisele de Araújo Chagas
Gerente Administrativo Financeiro

Wanessa Medeiros
Gerente de Comunicação

Ana Paula Lamas dos Santos
Analista Financeiro

Gustavo Oliveira de Muner
Analista de Projeto

Sara Couto Cardoso
Analista Administrativo

Nathalia Gomes Chaves
Analista de Comunicação

COORDENAÇÃO E SUPERVISÃO GERAL

Robson Leite Nascimento
Secretário de Estado de Economia e Planejamento

Guilherme Henrique Pereira
Presidente do Bandes

Alexandre Nunes Theodoro
Coordenador do Projeto ES2030 – Espírito Santo em Ação

Guido Bassoli
Gerente de Planejamento da Petrobras no Espírito Santo

COORDENAÇÃO OPERACIONAL

José Edil Benedito
Diretor-Presidente do Instituto Jones dos Santos Neves

Luciano Gollner de Oliveira
Secretário Executivo do Espírito Santo em Ação

Durval Vieira de Freitas
Consultoria

Orlando Caliman
Consultoria

Marcelis Coelho Marques Pereira
Consultoria

EQUIPE DE GOVERNO

Secretaria de Estado de Economia e Planejamento

Robson Leite Nascimento
Secretário de Estado de Economia e Planejamento

Joseane de Fátima Geraldo Zoghbi
Subsecretária de Planejamento e Projetos

Raphael Marques
Assessoria de Comunicação

Instituto Jones dos Santos Neves

José Edil Benedito
Diretor-Presidente

Pablo Silva Lira
Diretor de Estudos e Pesquisas

Larissa Souza Linhalis
Assessoria de Comunicação

ES 2030

Antonio Ricardo Freislebem da Rocha
Edna Morais Tresinari
Gustavo Ribeiro
Isabella Muniz Barbosa
Latussa Laranja Monteiro
Letícia Maria Gonçalves Furtado
Luiza Leonardi Bricalli
Marlon Neves Bertolani
Pablo Medeiros Jabôr
Silvia Buzzone de Souza Varejão
Thiago de Carvalho Guadalupe
Victor Nunes Toscano
Equipe Técnica

Superintendência Estadual de Comunicação Social

Flávia Mignoni
Superintendente Estadual de Comunicação Social

Kenia Amaral
Superintendente Adjunta de Comunicação Social

Márcio Lobato
Gerente de *Marketing*

Renata Belmiro
Rhuana Ribeiro
Assessoria

EQUIPE DA CONSULTORIA

Líder de Projeto
Angela Maria Morandi

Coordenação de Projeto
Marcelis Coelho Marques Pereira

Consultores do Projeto
Alexandre Alden Fontana
Jayro Márcio Fiares Távora
Jonas Renato Lugon Júnior
Leandro de Souza Lino
Leonardo Carneiro
Lilian Gazzoli Zanotelli
Lucas Moreira Minete
Marcos Aloízio França
Marcos Vinícius Tabachi
Michele Cabral Sant'Ana
Ricardo Savacini Pandolfi
Thiago Duarte Matias

Apoio Técnico
Ediane Litg Kuster
Gabriel Barcellos Crevelin
Maxmiller Carvalho Pereira dos Santos
Paulo Mendes

Fotografia
Tadeu Bianconi

Design Gráfico e Ilustrações
Gabriel Borém Machado
Marcela Gasparini Rebello

Assessoria de comunicação
Suzana Tatagiba

Revisão
Aline Faé Stocco
Artelírio Bolsanello
Orlando Eller

ES 2030

Especialistas

Adolfo Brás Sunderhus
Alexandre Alden Fontana
Alfredo Renault
Ana Paula Sampaio
Andrezza Rosalém
Angela Maria Morandi
Antônio Evaristo Lanzana
Antônio Sérgio Ferreira Mendonça
Aurélia Hermínia Castiglioni
Benoni Antônio Santos
Cesar Pereira Teixeira
Danielle Nascimento
Durval Viera de Freitas
Edson Erial
Erivelto Pires Martins
Fabiana Gomes Ruas
Fabricio Augusto de Oliveira
Francisco Dias da Silva
Geraldo Correa Queiroz
Gustavo Debortoli
Gutemberg Hespanha Brasil
Jayro Márcio Fiares Távora
João Anselmo Molino
João Gualberto M. Vasconcellos
José Braz Venturim
José Edil Benedito
José Nivaldo Campos Vieira
Leandro de Souza Lino
Leonardo Nunes
Luciana Zamprogne
Luciano Rodrigues de Oliveira
Luiz Paulo Vellozo Lucas
Luiza Maria de Castro Augusto Alvarenga
Marcelis Coelho Marques Pereira
Márcio Adonis Miranda Rocha
Maxwel Assis de Souza
Miguel Ângelo Aguiar
Nélio R. Borges
Orlando Caliman
Pablo Lira
Paulo Ruy Valim Carnelli
Pierângeli Cristina Marim Aoki
Rachel Quandt Dias
Renata Morandi
Rogério Queiroz
Samuel Franco
Simone Vermeuln Cardoso
Solange Maria Loss Corradi
Valdir Antonio Uliana
Vanessa Alves Justino Borges

EQUIPE TÉCNICA DO VOLUME 3

Sócios-Diretores

João Gualberto Moreira Vasconcellos (cientista político)
José Luiz Soares Orrico (economista)
Orlando Caliman (economista)

Gerência de Pesquisa

Simone Vermeuln (cientista social)

Coordenação dos Trabalhos Técnicos

Rachel Franzan Fukuda (Mestre em História)

Coordenação dos Trabalhos de Campo

Stephani Helena Araújo Koppe (Assistente Social)
Juliana Kaoro Mori (graduanda em Ciências Sociais)

Suporte Interno

Felipe Cellin (Mestre em Ciências Sociais)
Inayara Soares da Silva (graduanda em Ciências Sociais)

Entrevistadores

Cícero Frechiani Linhalis (Sociólogo)
Isadora Lee Padilha (graduanda em Psicologia)
Layla dos Santos Freitas (graduanda em Ciências Sociais)
Lorena Dias de Abreu (graduanda em Psicologia)
Tamires da Silva Mascarenhas (Psicóloga)



Vitória, ES 2013.

Consultoria:



Realização:

